

Jerry Bridges



COMUNIDADE VERDADEIRA

**a prática bíblica
da koinonia**



COMUNIDADE
VERDADEIRA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bridges, Jerry

Comunidade verdadeira: a prática bíblica da koinonia / Jerry Bridges; tradução de Jurandy Bravo. - São Paulo: Vida Nova, 2019.

160 p.

ISBN 978-85-275-0975-6

Título original: True community: the biblical practice of koinonia

1. Comunhão - Aspectos religiosos - Cristianismo I. Título II. Bravo, Jurandy

19-0234

CDD 262

Índices para catálogo sistemático
1. Comunhão - Aspectos religiosos

Jerry Bridges



COMUNIDADE VERDADEIRA

**a prática bíblica
da koinonia**

Tradução
Jurandy Bravo


VIDA NOVA

©2012, de Jerry Bridges

Título do original: *True community: the biblical practice of koinonia*,
edição publicada pela NAVPRESS (Carol Stream, Illinois, Estados Unidos).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.^a edição: 2019

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21.
As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da
New International Version (NIV) e da New English Bible (NEB) ou extraídas da
Nova Versão Internacional (NVI) e da Nova Tradução na Linguagem de Hoje
(NTLH). O grifo nas citações bíblicas é de responsabilidade do autor.

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Cristina Ignácio
Rosa M. Ferreira

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Caio Medeiros
Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Ubevaldo G. Sampaio

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

PREFÁCIO

Quase trinta anos atrás, fiz uma pesquisa da palavra grega *koinōnia*, conforme ela ocorre em diversas formas gramaticais no Novo Testamento. Embora traduzida por diversos termos e com significado rico e variado, *koinōnia* costuma ser entendida como sinônimo de comunhão entre pessoas. Em meados da década de 1980, no entanto, essa comunhão passou a designar pouco mais que diferentes formas de atividades sociais cristãs.

Impressionou-me de tal forma a vasta divergência entre nosso conceito de comunhão e seu significado bíblico, que me senti na obrigação de escrever um livro sobre o assunto, na época intitulado *True fellowship* [A verdadeira comunhão], para explicar o significado de *koinōnia* conforme o termo é mencionado no Novo Testamento.

Tempos depois, em um esforço para atrair um maior número de leitores, o livro ganhou novo título — *The crisis of caring* [A crise do ato de cuidar] — com o intuito de relacionar a mensagem do livro à amizade muitas vezes superficial e aos relacionamentos vazios característicos da nossa comunidade cristã na época. O livro permaneceu com esse título por vários anos.

Mais recentemente tem havido um despertar crescente pelo tema da comunidade cristã, e algumas pessoas acharam que meu livro tratava do assunto de várias maneiras. Assim, a NavPress, minha editora, pediu-me que fizesse uma nova edição do livro e revisasse o conteúdo necessário para mostrar com mais clareza como o conceito geral de *koinonia* no Novo Testamento é fundamental para compreender a comunidade bíblica. Enquanto trabalhava na revisão, tive a grata surpresa de perceber a frequência com que usara não apenas a palavra, mas também o conceito de *comunidade* quase trinta anos atrás. Portanto, há de fato uma relação próxima entre comunidade e comunhão, desde que atribuamos um sentido bíblico às duas palavras.

Tenho convicção de que outros autores escreveram obras excelentes sobre o tema da comunidade, de modo que este livro não pretende esgotar o que há para ser dito sobre o tema. Antes, tentei demonstrar que o entendimento e a aplicação da koinonia bíblica ajudará todos nós a praticarmos a verdadeira comunidade.

O trabalho de revisão foi ao mesmo tempo prazeroso e desafiador. Prazeroso porque de novo me concentrei no significado rico e variado de koinonia. Desafiador porque fui confrontado com todo o crescimento a que ainda preciso me submeter ao aplicar a koinonia a minha vida. Portanto, não ofereço este livro como quem domina seu ensino, mas, sim, como um companheiro de peregrinação, convidando-o a buscar comigo a verdadeira comunidade.



COMPARTILHANDO A VIDA

*O que vimos e ouvimos declaramos a vocês,
a fim de que partilhem conosco de uma vida comum,
a vida que compartilhamos com o pai e seu filho Jesus.*
1João 1.3, NEB

A palavra *comunidade* é empregada com uma variedade de propósitos para denotar grupos de pessoas que têm algo em comum. Por exemplo, podemos nos referir a uma comunidade agrícola, ou à comunidade acadêmica de uma universidade ou de um grupo étnico, como a comunidade italiana em uma metrópole.

Nos últimos anos, muitos líderes e pastores cristãos começaram a enfatizar a importância da comunidade entre os crentes. Trata-se de uma correção muito necessária de nossa tendência a uma abordagem individualista da vida cristã, mas que suscita a questão: “O que é comunidade bíblica?”. E existe uma base bíblica para usar a palavra *comunidade* em nosso contexto cristão?

Para responder a esse questionamento, precisamos investigar o significado da palavra grega *koinōnia* e sua tradução mais comum, a palavra *comunhão*. *Koinōnia*, em suas diferentes formas gramaticais, na verdade é traduzida de diversas maneiras no Novo Testamento: *participação*, *parceria*,

compartilhamento e, claro, *comunhão*. Em nossos círculos cristãos, a expressão *comunhão entre os irmãos* passou a significar pouco mais do que uma atividade social cristã. Pode querer expressar um bate-papo agradável durante um café com biscoitinhos na igreja, ou as atividades sociais dos nossos grupos ministeriais nas escolas ou universidades. Não é esse o sentido de comunhão entre irmãos no Novo Testamento.

A primeira ocorrência do termo *comunhão* no Novo Testamento surge no relato de Lucas do início da igreja neotestamentária no dia do Pentecostes. Em consequência do sermão de Pedro, cerca de três mil pessoas creram em Cristo. Lucas diz a respeito de tais pessoas que “eles perseveravam no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2.42).

Não nos surpreende que esses novos crentes se dedicassem ao ensino dos apóstolos e à oração. Mas dedicarem-se à comunhão? Soaria estranho incluí-la junto do ensino e da oração se não significasse mais do que uma atividade social cristã. Ou considere as palavras do apóstolo João em 1João 1.3: “Sim, o que vimos e ouvimos, isso vos anunciamos, para que também tenhais comunhão conosco; e a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho Jesus Cristo”. Tanto em Atos 2.42 quanto em 1João 1.3 a versão inglesa New English Bible (NEB) traduz *koinōnia* por “partilhar uma vida comum”. Esse é o sentido mais básico de *koinonia*, ou comunhão. É partilhar uma vida comum com outros crentes — uma vida que, como diz João, partilhamos com Deus Pai e Deus Filho. Trata-se de um relacionamento, não de uma atividade.

RELACIONAMENTO

Os primeiros cristãos de Atos 2 não se dedicavam a atividades sociais, mas a um relacionamento — um relacionamento que consistia em partilharem juntos a vida de Deus por meio da habitação do Espírito Santo. Eles entendiam que haviam ingressado nesse relacionamento pela fé em Jesus Cristo, não por se juntarem a uma organização. E percebiam que a comunhão que mantinham com Deus logicamente os conduzia à comunhão uns com os outros. Por meio da união com Cristo, eles constituíam uma comunidade espiritualmente orgânica. Eram pedras vivas sendo edificadas

como casa espiritual (veja 1Pe 2.5), membros coligados do corpo de Cristo. Como disse William Hendriksen: “A koinonia, então, é basicamente um relacionamento em comunidade”.¹ Não se trata acima de tudo de uma atividade, mas de um relacionamento.

Esse relacionamento espiritualmente orgânico é que forma a base da verdadeira comunidade cristã. Não é o fato de estarmos unidos por objetivos ou propósitos comuns que faz de nós uma comunidade. Em vez disso, é por partilharmos uma vida comum em Cristo. Existem muitas organizações, seculares e cristãs, cujos membros trabalham juntos em busca de objetivos comuns. Alguns desses grupos podem se denominar comunidades. Mas a comunidade bíblica vai muito mais fundo do que o compartilhamento de objetivos comuns, embora, em última análise, também envolva isso. A comunidade bíblica é antes de mais nada a partilha de uma vida comum em Cristo. É quando compreendemos essa verdade que nos colocamos em posição para começar a entender a comunidade autêntica.

PARCERIA

Koinonia também significa compartilhar no sentido de parceria. Os escritores gregos clássicos e os neotestamentários usavam *koinōnia* para se referir a uma parceria de negócios. Platão falou da dissolução de uma *koinōnia* — uma parceria de negócios.² Lucas empregou uma forma de *koinōnia* para se referir à sociedade de Pedro com Tiago e João no negócio de pesca (veja Lc 5.10).

No campo espiritual, Paulo se considerava um companheiro de trabalho de seu querido amigo Filemom e agradecia a Deus pela cooperação no evangelho dos crentes filipenses (veja Fm 17, NTLH; Fp 1.5). E, quando Paulo foi a Jerusalém discutir com os legalistas sobre a necessidade da circuncisão, disse: “... Tiago, Cefas e João [...] aceitaram Barnabé e a mim como parceiros...” (Gl 2.9, NEB). O conceito de comunhão como parceria espiritual encontra-se firmemente enraizado no uso de koinonia no Novo Testamento.

Relacionamento descreve os crentes como uma comunidade, ao passo que parceria os considera uma comunidade em ação. A parceria empresarial sempre se forma para que se atinja um objetivo, como prestar um serviço ao

público com lucro para os sócios. Do mesmo modo, o conceito de parceria espiritual implica que ela é criada com o objetivo de glorificar a Deus. Assim como todos os crentes estão unidos em um relacionamento comunitário, do mesmo modo todos nós estamos unidos em uma parceria formada para glorificar a Deus. Ele é glorificado quando os cristãos crescem na semelhança de Cristo e quando os descrentes são conduzidos ao seu reino. A comunidade bíblica, portanto, incorpora a ideia de parceria ativa na promoção do evangelho e na edificação dos crentes.

COMUNHÃO COM AS PESSOAS

Um segundo sentido primordial da *koinonia* neotestamentária é o compartilhamento do que temos com outras pessoas. Assim como *compartilhar de* tem dois significados secundários (relacionamento e parceria), também *compartilhar com* tem dois significados secundários. O primeiro deles pode ser chamado de *comunhão* uns com os outros. Embora geralmente usemos a palavra *comunhão*, ou seja, o ato de comungar, para designar a ceia do Senhor, o termo é empregado aqui para significar a comunicação íntima ou o compartilhamento uns com os outros em um nível pessoal e espiritual muito próximo. Pode ser o compartilhamento mútuo entre crentes do que Deus lhes tem ensinado a respeito das Escrituras ou uma palavra de incentivo de um crente para outro. O elemento-chave é que o foco do assunto em questão está em Deus, bem como em sua Palavra e obras. Como disse J. I. Packer: “Em primeiro lugar, é o compartilhamento com nossos colegas crentes das coisas que Deus tem dado a conhecer a nós acerca de si mesmo, na esperança de podermos ajudá-los a conhecê-lo melhor e, assim, enriquecer sua comunhão com ele”.³

De acordo com Atos 2.5, os primeiros crentes a se reunirem na igreja no dia do Pentecostes vinham “de todas as nações que há debaixo do céu”. Antes de sua conversão, eles teriam se relacionado uns com os outros como bolas de bilhar, colidindo o tempo todo e quicando para longe uns dos outros. Contudo, logo após ingressarem na comunidade relacional do corpo de Cristo, começaram a experimentar a *koinonia* e a valorizar os efeitos dela em sua vida. Como vimos, a New English Bible menciona, em Atos 2.42: “Encontravam-se constantemente para ouvir os apóstolos ensinarem e para

partilhar uma vida comum”. A NVI diz: “Eles se dedicavam [...] à comunhão...”. Não havia ensino, comunhão e oração que lhes bastassem.

Esses primeiros cristãos do Dia do Pentecostes eram todos judeus. Imersos nas Escrituras do Antigo Testamento, à medida que ouviam o ensino dos apóstolos e eram esclarecidos pelo Espírito Santo, começavam a vê-las de uma nova maneira. A cada dia alcançavam um novo entendimento das Escrituras. E, à medida que aprendiam individualmente do ensino dos apóstolos, compartilhavam uns com os outros os novos conhecimentos. Isso é comunhão: partilhar uns com os outros o que Deus está ensinando por meio das Escrituras. Essa também é uma parte importante da comunidade verdadeira.

Até que ponto nosso conceito atual de comunhão difere dessa perspectiva? Veja o caso dos típicos momentos de “comunhão do cafezinho”. Falamos de tudo, *menos* das Escrituras. Conversamos sobre nosso emprego, nossos estudos, nosso time esportivo predileto, o tempo — quase qualquer coisa, exceto o que Deus está nos ensinando da sua Palavra e por meio de sua atuação em nossa vida. Se quisermos retomar o conceito neotestamentário de comunhão dentro da comunidade, temos de aprender a ir além das questões temporais do dia e começar a compartilhar uns com os outros em um nível que melhore nosso relacionamento espiritual uns com os outros e com Deus.

COMPARTILHANDO BENS MATERIAIS

Ao examinarmos o relato das atitudes dos primeiros crentes, vemos, no entanto, que não limitavam o conceito que tinham de koinonia ao *compartilhamento* uns *com* os outros só de coisas espirituais. Eles também compartilhavam bens materiais com os necessitados (veja At 2.44,45).

Um dos usos mais comuns de koinonia no Novo Testamento é esse sentido de partilha de recursos materiais com os outros. Por exemplo, Paulo nos estimula: “Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades...” (Rm 12.13, NVI). Em 2Coríntios, ele fala da “generosidade de vocês em compartilhar seus bens [...] com todos os outros” (9.13, NVI). O autor de Hebreus insiste conosco: “Não se esqueçam de fazer o bem e de repartir com os outros o que vocês têm...” (13.16,

NVI). As palavras *compartilhar* e *repartir* nessas passagens são traduções de *koinōnia*, tanto em sua forma verbal quanto nominal. A disposição para compartilhar seus recursos com outras pessoas é um aspecto muito importante da verdadeira comunidade bíblica.

Compartilhar nossos bens com as pessoas deveria ser uma consequência natural de nossa constatação de que a comunhão bíblica denota um relacionamento *e* uma parceria. Paulo disse que todas as partes do corpo deveriam se preocupar umas com as outras (veja 1Co 12.25,26). Só nos preocuparemos com as necessidades alheias dentro do corpo à medida que virmos a comunidade fundamentalmente como um relacionamento mútuo em Cristo entre membros do mesmo organismo espiritual. A comunhão do compartilhamento com os necessitados é mais do que apenas demonstrar compaixão ou benevolência para com eles. Até os descrentes fazem isso. A comunhão do compartilhamento de bens dentro do corpo é um reconhecimento tangível de que mantemos um relacionamento de comunidade uns com os outros e que, quando um membro da comunidade sofre, todos sofremos juntos. Quando o pai ou a mãe satisfaz a necessidade de um filho, não pensamos nesse gesto como expressão de benevolência, mas de relacionamento. É tanto um privilégio quanto um dever satisfazer essa necessidade por ser pai ou mãe. Da mesma maneira, os crentes têm o privilégio e o dever de compartilhar uns com os outros como membros do mesmo corpo.

De semelhante modo, em uma parceria empresarial, os sócios compartilham lucro e despesas, ativos e responsabilidades financeiras do negócio. Ninguém jamais estabelece uma empresa em que um sócio leva todo o lucro e o outro paga todas as contas. Eles compartilham igualmente o que há de positivo e de negativo. Deveria ser da mesma forma na comunidade da igreja. Parceiros no evangelho, precisamos *compartilhar* uns com os outros, entendendo que não somos proprietários de nada, mas apenas mordomos dos bens que Deus confiou (não deu, mas confiou) a nós.

Vemos a aplicação desse princípio de parceria em 2Coríntios 8.13,14: “Digo isso não para que haja alívio para outros e sofrimento para vós, mas para que haja igualdade. Nos dias atuais, a necessidade de outros está sendo suprida pelo que excedeu de vós, para que também aquilo que deles exceder venha a suprir a vossa necessidade...”. Paulo previa um fluxo contínuo das

posses dos crentes em direção aos necessitados. Isso é o funcionamento prático da koinonia, uma expressão importante da comunidade verdadeira.

Paulo incentivava os crentes coríntios a ter *comunhão* com cristãos que nunca haviam encontrado nem encontrariam: os pobres entre os crentes de Jerusalém. Não tomariam café, muito menos comeriam rosquinhas em companhia dessas pessoas necessitadas; eles poriam a mão até o fundo dos próprios bolsos para ajudar a satisfazer as necessidades desses crentes, que compartilhavam com eles uma vida comum em Cristo.

Vemos então que a relação entre os conceitos de *comunidade* e *comunhão* é tão íntima que não podemos ter uma comunidade verdadeira a menos que pratiquemos a comunhão verdadeira. Na verdade, os vínculos que unem os conceitos de comunidade e comunhão bíblica são tão estreitos que posso, às vezes, usar as palavras *comunidade* e *comunhão* como intercambiáveis. Isso porque o que determina o caráter e a aparência da comunidade é o que ela faz no que diz respeito à comunhão. Assim, neste primeiro capítulo, vimos que koinonia é um termo usado no Novo Testamento para expressar quatro dimensões diferentes mas relacionadas da comunhão:

- relacionamento comunitário;
- comunhão no sentido de parceria;
- comunhão com outros;
- compartilhamento de bens materiais.

As duas primeiras são dimensões da koinonia como *compartilhamento de*, ao passo que as duas seguintes, como *compartilhamento com*. Por compartilharmos de uma vida comum em Cristo é que somos chamados a compartilhar uns com os outros seja o que for que tenhamos de recursos espirituais e materiais.

Examinaremos as implicações dessas quatro expressões da koinonia nos capítulos subsequentes. Antes disso, no entanto, estudaremos o fundamento da nossa koinonia uns com os outros: a comunhão com Deus. É importante reservarmos tempo para estabelecer esse fundamento porque não podemos ter comunhão significativa uns com os outros a menos que experimentemos individualmente a comunhão vital com Deus.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. O que significa para você “partilhar de uma vida comum” no que diz respeito a seu relacionamento com Deus e com outros crentes?
2. Como a koinonia do Novo Testamento difere de como ela costuma ser representada hoje? O que significa a koinonia ser um relacionamento, não uma atividade?
3. Até que ponto é realista partilhar de uma vida comum em nossa cultura? O compartilhamento de bens materiais parece muito radical? É bíblico?

-
- ¹ William Hendriksen, *Exposition of Philippians* (Grand Rapids: Baker, 1962), p. 94 [veja, em português: *Efésios e Filipenses*, 3. ed., Comentário do Novo Testamento (São Paulo: Cultura Cristã, 2013)].
 - ² Hendriksen, p. 93.
 - ³ J. I. Packer, *God's words* (Downers Grove: InterVarsity, 1981), p. 195 [edição em português: *Vocábulo de Deus* (São José dos Campos: Fiel, 2017)].



UNIÃO COM DEUS

*Fiel é Deus, por quem fostes chamados para a comunhão
de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor.*

1Coríntios 1.9

Vimos que a comunidade verdadeira subentende, em primeiro lugar, um relacionamento espiritualmente orgânico com todos os membros da comunidade. Compartilhamos de uma vida comum, somos parceiros em uma busca comum e compartilhamos uns com os outros espiritual e materialmente. Todavia, há algo mais fundamental para a comunidade verdadeira do que nosso relacionamento uns com os outros: nosso relacionamento com Deus. Sem ele, não pode existir relacionamento espiritual uns com os outros.

Mas o que a palavra *relacionamento* significa? Ela indica um fato objetivo ou uma experiência subjetiva? Por exemplo, se eu disser: “Tenho um bom relacionamento com meu filho”, o que quero dizer? Evidentemente refiro-me a um estado positivo de coisas existente entre nós; falo de nossa experiência subjetiva. Usamos *relacionamento* nesse sentido o tempo todo. Discorreremos sobre a importância dos relacionamentos em nossos grupos em ministério universitários, nas igrejas locais e nos estudos bíblicos domésticos. Nesses casos, enfatizamos quanto é importante ter a oportunidade de conhecer, de amar e de aceitar uns aos outros, além de nos

encorajarmos mutuamente. Todos esses atos relacionais falam da nossa experiência uns com os outros na vida cotidiana.

Mas o significado mais básico do relacionamento diz respeito a um fato objetivo. O dicionário define relacionamento como a condição ou o fato de alguém se relacionar nos moldes de um relacionamento conjugal. Quando um homem e uma mulher se casam, estabelecem um relacionamento. Com o passar dos anos, esse relacionamento pode vir a ser bom ou ruim. Mas, qualquer que seja a experiência dos dois, permanece o fato de que eles têm um relacionamento objetivo um com o outro.

No capítulo 1, vimos que *koinonia* expressa, em primeiro lugar, o significado de relacionamento dessa maneira objetiva. Todos os crentes se relacionam uns com os outros no sentido de que todos partilhamos de uma vida comum em Cristo. Nossos relacionamentos experienciais uns com os outros se desenvolvem a partir de nosso relacionamento objetivo. Só quem está *em* comunhão uns com os outros (fato objetivo) pode *ter* comunhão uns com os outros (experiência subjetiva).

Ora, como esse fato objetivo do relacionamento é o conceito mais básico da comunhão entre crentes, também é o conceito mais básico da comunhão com Deus. Devemos primeiro ter um relacionamento objetivo e vivo com Deus antes de podermos desfrutar de um relacionamento experiencial com ele. Precisamos estar unidos a Cristo pela fé que salva antes de podermos ter comunhão com ele todos os dias.

A comunhão verdadeira abrange os aspectos objetivo e experiencial de nosso relacionamento com Deus. Antigos escritores de várias gerações atrás se referiam a esses dois aspectos da comunhão como *união* e *coparticipação* com Deus. Ao considerar o assunto da comunhão com Deus, deveríamos olhar para ambos os aspectos: o objetivo e o experiencial. Só quando entendermos nossa união objetiva com Cristo seremos capazes de nos envolvermos plenamente com as alegrias experienciais da comunhão com ele.

PARTILHANDO DA VIDA DE CRISTO

Paulo declara em 1Coríntios 1.9: “Fiel é Deus, por quem fostes chamados para a comunhão de seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor”. Muitos de nós

têm usado esse versículo como base bíblica para um momento de reflexão matutina, um tempo em que os crentes podem ter comunhão regular com Deus. Indicamos para os novos crentes esse privilégio fantástico de sermos chamados por Deus para ter essa comunhão especial com seu filho Jesus Cristo. Embora isso de fato faça parte do que Paulo está dizendo, não é a tônica principal de sua declaração. Nesse versículo, Paulo na verdade está fundamentando a certeza da salvação dos coríntios quando chegar o dia da vinda de Cristo na fidelidade de Deus, que os chamou para um relacionamento com Cristo.

A respeito dessa passagem, F. W. Grosheide escreveu: “A palavra *comunhão* [...] é a chave para o entendimento de *irrepreensível* [‘sem culpa’, na NIV] no versículo 8. Como é possível que os coríntios sejam irrepreensíveis na volta de Cristo? Por eles manterem uma relação com ele e compartilharem dos frutos da sua obra”.¹ Ou, como disse Matthew Henry: “Aquele que nos trouxe para uma relação próxima e querida com Cristo, uma doce e íntima comunhão com ele, é fiel; podemos confiar-lhe nossas mais caras preocupações”.² De semelhante modo, Charles Hodge escreveu sobre essa passagem: “*Comunhão* inclui união e coparticipação. O termo original (*koinonia*) quer dizer participação. [...] Somos chamados para ser participantes de Cristo; participantes de sua vida, como membros do seu corpo”.³

Assim, embora a palavra *comunhão*, como empregada em 1Coríntios 1.9, compreenda união e coparticipação com Deus, é a *união*, a relação objetiva com ele, que está mais evidente. Pela fé em Cristo, somos membros do seu corpo. A expressão *seu corpo* não significa mera propriedade, como poderíamos dizer no caso de *sua casa* ou *seu carro*. Antes significa união ou um vínculo real, como em *sua mão* ou *seu coração*.

Sua mão e seu coração não lhe pertencem apenas no sentido de propriedade; são partes integrantes de quem você é. Da mesma forma, nós, os membros do corpo de Cristo, não só pertencemos a ele (embora esse fato em si com certeza seja verdadeiro), mas também fazemos parte dele espiritualmente, “porque somos membros do seu corpo” (Ef 5.30). Ele é nossa vida e somos o seu corpo, recebendo dele cada porção pequena de nossa vida espiritual.

O apóstolo João também vê a comunhão com Deus fundamentalmente da perspectiva de um relacionamento objetivo. Ele declara:

O que vimos e ouvimos declaramos a vocês, a fim de que possamos *partilhar de uma vida comum*, a *vida que partilhamos* com o Pai e seu Filho Jesus Cristo. [...] Se afirmamos *partilhar de sua vida* enquanto andamos em trevas, nossas palavras e vida são uma mentira; mas, se andarmos na luz, como ele próprio está na luz, então *partilhamos de uma vida comum* e estamos sendo purificados de todo pecado pelo sangue de Jesus, seu Filho (1Jo 1.3,6,7, NEB).

As quatro expressões em itálico nessa citação são todas traduções do termo grego *koinōnia*. É evidente que João se concentra no relacionamento que tem com Deus e que deseja que seus leitores tenham o mesmo tipo de relacionamento vital.

Muitos de nós estamos acostumados a pensar no conceito de comunhão usado em 1Coríntios 1.9 e 1João 1.3,6,7 apenas da perspectiva de comungar com Cristo por meio de um tempo diário de reflexão silenciosa, de meditação nas Escrituras e de oração. Por isso, correndo o risco de bater demais na mesma tecla, quero enfatizar de novo que a ideia primordial nessas passagens é da *união* com Cristo. E por isso cito de novo outras autoridades.

W. E. Vine, autor do bastante conhecido *Vine's expository dictionary of New Testament words* [Dicionário expositivo de Vine das palavras do Novo Testamento], diz acerca de 1João 1.3: “A vida [de Cristo] se manifestou não apenas para revelar a Deus, mas para levar o redimido a um *relacionamento* com ele”. Comentando sobre o versículo 6, Vine afirma: “Para andarmos na luz temos de ser *participantes* da sua natureza”. E então, sobre o versículo 7, ele diz: “Há primeiro *união* e depois *coparticipação*. Não pode haver a última sem a anterior”.⁴

Donald W. Burdick, estudioso do Novo Testamento, ensina: “A amplitude do uso [de *koinōnia*] deve ser entendida pelo fato de que koinonia do Novo Testamento é, em primeiro lugar, comunhão com Deus. *Ser cristão é o mesmo que estar em comunhão com ele*” (grifo do autor).⁵ É óbvio que Burdick se refere a um relacionamento objetivo com Deus, que é verdadeiro para todos os cristãos.

I. Howard Marshall, da Universidade de Aberdeen, Escócia, comenta, a respeito de 1João 1.3: “Aqui a ideia de união com Deus é predominante”.⁶

Ora, qual é a questão central em tudo isso? Por que bater tanto na tecla sobre o fato de que koinonia denota acima de tudo relacionamento com Deus nessas passagens das Escrituras? Porque é importante para nós

percebermos que, pela graça de Deus, todos os crentes compartilham da vida do próprio Cristo! Por maravilhoso que seja constatar que Deus nos chama para ter comunhão com ele a cada dia, mais maravilhoso ainda é saber que ele nos chamou para partilhar realmente da vida de seu Filho, Jesus Cristo.

Uma das expressões favoritas do apóstolo Paulo em suas cartas era “em Cristo”, com a qual se referia à união vital existente entre o crente e Cristo. Trata-se da união simbolizada pela analogia da videira e dos galhos feita por Jesus e pela analogia da cabeça e do corpo feita por Paulo. As duas ilustrações têm o intuito de ensinar que o crente está unido com Cristo de tal modo que participa de toda virtude e poder que habitam o Cristo ressurreto e glorificado. Como o galho partilha da vida da videira e como o corpo partilha da vida da cabeça, assim o crente partilha da vida de Cristo, pois está “nele”.

Robert Haldane, do século 19, autor de um comentário clássico sobre Romanos, explica isso da seguinte maneira:

Ele [o crente] está agora unido com aquele que tem a inexaurível plenitude do Espírito e não pode deixar de participar do espírito de santidade que habita sem medida na Cabeça gloriosa. É impossível que sequem os riachos se a fonte continua a jorrar; é impossível, em idêntica medida, que os membros não partilhem da mesma santidade que habita com tanta abundância na Cabeça. Como o galho, quando unido à videira viva, necessariamente partilha de sua vida e abundância, assim o pecador, quando unido com Cristo, deve receber um suprimento abundante de graça santificadora de sua imensurável plenitude.⁷

De onde nós, cristãos, tiramos o poder de que precisamos para viver a vida cristã? Todos reconheceremos que o poder vem do Senhor Jesus Cristo. Devemos nos fortalecer “no Senhor e na força do seu poder” (Ef 6.10). Mas *como* obtemos esse poder? A resposta é *por meio de nossa união com ele*. Fomos chamados para compartilhar até mesmo de sua vida. Deus não nos chamou para uma *associação* com Cristo, mas para a *união* com ele, para um compartilhamento real de sua vida plena de poder.

Vários anos depois de me tornar cristão, comecei a entender a importância de nossa união com Cristo e a experimentar conscientemente a realidade dessa união em minha vida diária. Conhecia a Cristo como meu salvador e também sabia como praticar os princípios básicos da vida cristã.

Eu tinha um momento de reflexão regular, conduzia um estudo bíblico, memorizava as Escrituras, compartilhava o evangelho com as pessoas e buscava levar uma vida cristã obediente. Cheguei até a memorizar vários versículos das Escrituras que continham a expressão “em Cristo”, sem perceber, no entanto, a importância dessa expressão maravilhosa. Meu conceito de orar pedindo poder para viver a vida cristã se parecia de certa forma com a carta de um universitário aos pais pedindo mais dinheiro: poderia ser atendido ou não. Sentia-me carente, como um indigente espiritual.

Então, um dia compreendi a importância do que Paulo queria dizer quando afirmou que estamos em Cristo. O Espírito Santo me ajudou a perceber que eu era um galho unido de maneira íntima e vital à videira — não apenas preso a ela, mas de fato parte dela. Entendi que, da mesma forma que a vida da videira flui com naturalidade para o galho, assim também a vida de Jesus Cristo flui com naturalidade para mim.

Mais tarde entendi que toda expressão da vida cristã em mim e por meu intermédio, desde o dia de minha conversão, era resultado de minha união com Cristo e, por conseguinte, da vida dele operando em mim. Cada desejo de ler a Bíblia e fazer a vontade de Deus, cada manifestação do fruto do Espírito, por menor que fosse, era o resultado vivo de eu estar em Cristo.

Nossa união com Cristo é um fato objetivo genuíno, quer tenhamos consciência, quer não. Também é verdade que, até certo ponto, experimentamos o fruto dessa união sem nenhum esforço consciente da nossa parte. Por exemplo, na conversão começamos a experimentar certo grau de esclarecimento espiritual e entendimento das Escrituras, uma medida de transformação em nossos desejos e afetos e alguma inclinação dos nossos desejos para levar uma vida que agrade a Deus. É verdade que, assim como a vida da videira flui com naturalidade para o interior do galho, também a vida de Jesus Cristo flui com naturalidade para o seu e para o meu interior, provocando essas mudanças em nossa vida.

PERMANECENDO EM CRISTO

No entanto, não se deve forçar as analogias do galho na videira e dos membros do corpo a ponto de dar a impressão de que estamos passivos em

nossa união com Cristo. Na analogia da videira e dos galhos, Jesus nos disse para permanecermos, ou habitar-mos, nele (veja Jo 15.4,5). De igual modo, Paulo recomendou: "... continuem a viver nele [Cristo Jesus], enraizados e edificados nele, firmados na fé" (Cl 2.6,7, NVI). Temos de permanecer em Cristo, continuando a viver nele. O ato de continuarmos a habitar nele é algo que nos é claramente ordenado.

Precisamos renunciar a toda confiança em nossa sabedoria, poder e mérito próprios. Em vez disso, devemos nos voltar inteiros para Cristo em busca do que necessitamos a fim de vivermos a vida cristã. Mas o que torna eficaz e frutífero olhar para ele é o fato fundamental de que *estamos* nele. Para usar uma ilustração, o galho não consegue extrair vida alguma da videira a menos que seja parte integrante dela. De nada adianta pregar um galho solto à videira; não há conexão que lhe dê vida. Mas os galhos que integram a videira partilham de sua vida.

É o que Deus fez ao nos chamar para a comunhão com seu Filho, Jesus Cristo. Ele nos trouxe para um relacionamento vital com Cristo, tão íntimo quanto o relacionamento do galho com a videira e do corpo com a cabeça. Ele nos fez para partilharmos da vida do próprio Cristo. Agindo assim, Deus nos tornou *participantes* (*koinōnoi*) da natureza divina (veja 2Pe 1.4).

No entanto, embora sejamos participantes da natureza divina, participamos do poder dessa natureza pela permanência em Cristo. Disse Jesus: "... O ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira; assim também vós, se não permanecerdes em mim" (Jo 15.4). Mas o que significa permanecer? Com muita frequência, ensinamos que permanecer em Cristo significa passar tempo com ele em sua Palavra e em oração. Ao fazer isso, podemos apresentar a tendência de negligenciar uma ênfase adequada no próprio Cristo. Não é a Palavra de Deus em si nem mesmo a oração que fornecem o poder e a graça para vivermos a vida cristã. Cristo é a nossa vida (veja Cl 3.4). A Palavra de Deus e a oração são os meios fundamentais pelos quais o Espírito Santo age como mediador para transmitir a vida de Cristo a nós. Nunca, porém, devemos enfatizar a Palavra e a oração, que são instrumentos da graça de Deus, a ponto de perder de vista o próprio Cristo, a fonte da nossa vida.

Temos de "permanecer em Cristo" ativamente; isto é, olhar para ele pela fé para nos sustentar, nutrir e prover tudo de que necessitamos a fim de vivermos uma vida agradável a Deus e digna dele. Quando viemos a Cristo

para a salvação, renunciamos a qualquer confiança em nós mesmos, depositando toda nossa confiança nele. Do mesmo modo, ao vivermos a vida cristã, devemos continuar a renunciar a qualquer confiança em nós mesmos, depositando toda nossa confiança nele. Mas isso não significa que devemos adotar uma atitude passiva como “saia do caminho e deixe Deus agir” na abordagem da vida cristã. Pelo contrário, somos chamados para a dependência de Cristo, bem como para a dependência do Espírito Santo, cuja obra consiste em servir de mediador da vida de Cristo a nós, tornando-nos capazes de viver o tipo de vida que agrada a Deus.

QUATRO MODOS DE VIVER

Há quatro modos básicos de viver a vida cristã. O primeiro é tentar vivê-la inteiramente por nossa própria força, por nossos próprios esforços e determinação. Esse caminho está fadado ao fracasso. Jesus declarou de maneira muito clara: “... sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Se tentarmos unicamente um esforço desse tipo, uma ou outra escassa expressão da vida de Cristo permanecerá em nós, pois, afinal de contas, continuamos em união com ele. Mas, em nossa vida espiritual diária, experimentaremos sobretudo fracasso, frustração e muito provavelmente relacionamentos insatisfatórios com outras pessoas. O fruto do Espírito — amor, alegria, paz, paciência, benignidade e assim por diante — dificilmente será visível. Em vez de se desenvolverem com vigor em nossa vida, essas qualidades graciosas definharão e secarão. Podemos ter grande quantidade de atividade cristã e até aparente sucesso cristão, mas teremos pouco fruto genuíno produzido pelo Espírito. É provável que a maioria de nós já tenha experimentado essa abordagem da vida cristã e descobriu que ela deixa a desejar.

O segundo modo de viver a vida cristã costuma ser uma reação ao primeiro. Tendo experimentado a inutilidade do caminho do esforço próprio, vamos a outro extremo, decidindo não fazer mais nada. Apenas “entregamos tudo ao Senhor” e permitimos que ele viva sua vida por meio de nós. Decidimos, talvez por termos ouvido ou lido em algum lugar, que qualquer esforço da nossa parte para viver a vida cristã é “da carne”. Concluimos que não devemos trabalhar para viver a vida cristã, mas apenas

confiar em Deus, que faz a obra por nós. Muitos de nós têm experimentado essa abordagem e, se formos honestos com nós mesmos, descobriremos que esse tampouco é o caminho de Deus.

O terceiro modo é a abordagem “Senhor, me ajude”. Sua principal característica é uma dependência *parcial* do Senhor: a atitude inconsciente, todavia real, de que posso, por mim mesmo, viver a vida cristã até determinado ponto, mas necessito da ajuda do Senhor *depois* desse ponto. É a hipótese — inconsciente, talvez, mas ainda assim muito real — de que existe um depósito de bondade, sabedoria e força espiritual implícito no meu próprio caráter que eu deveria usar para as tarefas ordinárias da vida, mas, para o que vai além disso, necessito da ajuda do Senhor. Essa pode ser a atitude de algumas pessoas que gostam de repetir o ditado: “Senhor, ajude-me a lembrar que nada me acontecerá hoje que não possamos resolver juntos, o Senhor e eu”. É triste, mas essa talvez seja a abordagem mais comum entre cristãos sinceros hoje. É a abordagem empregada por milhares de cristãos que oram pedindo a ajuda de Deus no início do dia, mas seguem em frente, desse ponto em diante, como se tudo dependesse deles — *a menos* que deparem com uma situação de crise. É a atitude para a qual resvala a maioria de nós em diversos momentos, se não estivermos atentos. Como escreveu o grande estudioso puritano John Owen:

Não temos a capacidade em nós mesmos de realizar a menor das tarefas de Deus. Essa é uma lei da graça. Quando reconhecermos que nos é impossível executar qualquer serviço por nossa própria força, descobriremos o segredo de sua realização. Mas aí de nós! Esse é um segredo que com frequência deixamos de descobrir.⁸

A quarta abordagem à vida cristã é da permanência em Cristo. O crente que a pratica sabe que a abordagem do esforço próprio e a do “entregar e deixar com Deus” são inúteis. Também já aprendeu que necessita da ajuda de Deus não só a partir de determinado ponto, mas em cada aspecto da vida. Ele não ora pedindo ajuda apenas durante as crises ou tempos de estresse. Em vez disso, sua oração é: “Senhor, capacita-me o dia todo, pois sem ti não posso fazer nada”. Para ilustrar, imaginemos que Deus lhe pediu para erguer um tronco pesado (talvez o tronco simbolize uma circunstância difícil pela qual ele tem de passar, ou apenas as demandas cotidianas da vida cristã). Esse crente não diz: “Senhor, tenho um tronco pesado demais para

levantar. Se tu pegares em uma extremidade, eu pego a outra e juntos ergueremos o tronco”. Em vez disso, ora: “Senhor, tu precisas me capacitar para erguer esse tronco, se queres que eu assim o faça. Para todos os efeitos parecerá que estou erguendo o tronco, e de fato estou, mas só o faço porque tu me destes *toda* a força para isso”. É o que Paulo diz em Filipenses 4.13: “Posso todas as coisas naquele que me fortalece”. Naquela ocasião, o tronco era o desafio da alegria em meio a circunstâncias instáveis. Paulo foi capaz de enfrentar o desafio, não com a ajuda de Deus (com Deus e Paulo compartilhando o fardo), mas com a total capacitação da parte de Deus.

John Owen mais uma vez expressou essa atitude de plena dependência de Cristo ao parafrasear Gálatas 2.20: “A vida espiritual que tenho não é minha. Não a induzi, tampouco posso mantê-la. Ela é obra única e exclusivamente de Cristo. Não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. Minha vida inteira é só dele”.⁹

Portanto, a diferença entre “Senhor, ajuda-me” e “Senhor, capacita-me” é uma questão de confiança parcial em nossos próprios esforços *versus* a total dependência de Cristo. Quando enfatizo essa distinção, falo da atitude do coração, não das palavras que empregamos. Deus conhece nosso coração. Se dizemos ou pensamos: “Senhor, ajuda-me”, mas nossa atitude é de dependência total, Deus com certeza sabe o que queremos dizer.

A abordagem da permanência em Cristo (“Senhor, capacita-me”) difere muito da abordagem “entregar a Deus e deixá-lo agir” no reconhecimento de que, como seres humanos renovados, somos chamados para usar todas as faculdades do nosso ser — mente, afetos e vontades — a fim de vivermos a vida cristã, mas em completa dependência da operação do Espírito Santo em nossa mente, afetos e vontades, habilitando-nos com o poder do Cristo ressurreto. “Permanecer em Cristo” não denota uma ausência de esforço consciente da nossa parte, antes indica o esforço total do nosso ser, mas em total dependência do Espírito Santo para mediar a vida de Cristo a nós.

Em Colossenses 1.28,29, Paulo nos oferece uma bela ilustração desse grande esforço realizado em total dependência de Cristo: “Nós o proclamamos, advertindo e ensinando a cada um com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo. Para isso eu me esforço, lutando conforme a sua força, que atua poderosamente em mim” (NVI). Na obra do evangelho, Paulo trabalhava com afinco; na verdade, lutava arduamente, verbo que, nessa passagem, tem o sentido de “angustiar-se”.

Paulo está dizendo que trabalhava a ponto de se angustiar no esforço de apresentar todos perfeitos em Cristo. Não há dúvida de que ele tinha consciência de um intenso esforço pessoal prolongado. No entanto, ele explica como fazia isso: “conforme a sua força, que atua poderosamente em mim”.

A percepção de que estamos em Cristo e de que permanecendo nele daremos “muito fruto” (Jo 15.5) não deveria promover passividade da nossa parte. Pelo contrário, deveria promover enérgica atividade, mas uma atividade combinada com a total dependência dele, a fim de recebermos sabedoria e força para irmos até o fim. É uma percepção de que todas as coisas conscientes e visíveis que fazemos na vida cristã equivalem a nada sem sua divina capacitação. Trata-se de uma percepção de que “se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam; se o SENHOR não proteger a cidade, em vão vigia a sentinela” (Sl 127.1). A pessoa que compreende o que significa permanecer em Cristo sabe que o construtor tem de trabalhar e a sentinela, de vigiar, e que os dois precisam fazer o que fazem na dependência de Jesus Cristo.

Neste capítulo, analisamos a comunhão com Deus como a união com Cristo. Essa união é um fato objetivo, uma realidade para todo cristão, quer estejamos cientes disso, quer não. Mas Deus pretende que estejamos cientes, sim, e que nos apropriemos dessa realidade em nossa vida por meio de um relacionamento de permanência com Jesus Cristo.

No próximo capítulo, consideraremos a comunhão com Deus em nossa experiência diária por meio da comunhão com ele. Precisamos ter sempre em mente que nosso *entendimento* e *apropriação* de nossa união com Cristo determinarão, em grande medida, a fecundidade da nossa comunhão com ele. Costumo conversar com cristãos sinceros e comprometidos que reconhecem um aspecto árido e mecânico de seu momento de reflexão a sós com Deus, por exemplo. Esse costuma ser o resultado de uma dependência sutil em relação à própria disciplina e não em relação a Cristo. Deveríamos começar nosso momento de reflexão com a oração sincera: “Senhor, tu precisas me capacitar a adorar-te e a ter comunhão contigo hoje. Sem ti, minha mente está morta e meu coração é pedra”.

O entendimento e a apropriação da nossa união com Cristo também acentuarão nosso relacionamento comunitário uns com os outros. Afinal, comunhão não é mero compartilhamento da verdade bíblica uns com os

outros ou apenas ter um bom momento social juntos; comunhão é partilhar uma vida comum em Cristo. Só quando entendermos e nos apropriarmos da vida que temos em Cristo seremos capazes de partilhá-la com as pessoas.

Veremos nos capítulos seguintes deste livro que a prática plena da comunidade verdadeira envolve responsabilidades e ações que não nos vêm com naturalidade. Não podemos confiar em nossa “bondade” inata ou talvez provocada pela cultura para nossa prática da koinonia; devemos permanecer continuamente em Cristo, recorrendo a ele para recebermos a graça e o poder para satisfazer as responsabilidades da comunhão verdadeira. Mas, a fim de *permanecer* nele, temos de *saber* que estamos nele. Só ao compreendermos nos níveis mais profundos do nosso entendimento que somos ramos da Videira verdadeira, Jesus Cristo, conseguiremos buscar nele com confiança todos os recursos de que necessitamos a fim de praticarmos a comunhão conforme ela deve ser praticada.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. O que significa estar em união e coparticipação? Por que a união deve preceder a coparticipação?
2. Qual a diferença entre ter um relacionamento objetivo (factual) e um relacionamento subjetivo (experencial) no que se refere a Deus? E com outras pessoas?
3. Onde nós, cristãos, encontramos o poder de que necessitamos para viver a vida cristã? Como obtemos esse poder?

¹ F. W. Grosheide, *The First Epistle to the Corinthians* (Grand Rapids: Eerdmans, 1985), p. 32.

² Matthew Henry, *A commentary on the whole Bible* (Old Tappan: Revell, 1983), vol. 6, p. 508 [edição em português: *Comentário bíblico de Matthew Henry*, tradução de Degmar Ribas Júnior (Rio de Janeiro: CPAD, 2002)].

³ Charles Hodge, *An exposition of the First Epistle to the Corinthians* (London: Banner of Truth, 1959), p. 10-1.

- ⁴ W. E. Vine, *The Epistles of John* (Grand Rapids: Zondervan, 1970), p. 12, 14.
- ⁵ Donald W. Burdick, *The Epistles of John* (Chicago: Moody, 1970), p. 21.
- ⁶ I. Howard Marshall, *The Epistles of John* (Grand Rapids: Eedrmans, 1978), p. 104.
- ⁷ Robert Haldane, *Exposition of the Epistle to the Romans* (London: Banner of Truth, 1958), p. 249.
- ⁸ John Owen, *Sin and temptation*, edição de James M. Houston (Portland: Multnomah, 1983), p. 99 [veja, em português: *Para vencer o pecado e a tentação* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011)].
- ⁹ Owen, p. 83.



A COMUNHÃO COM DEUS

*Pedi uma coisa ao SENHOR, e a buscarei: que eu possa morar na casa
do SENHOR todos os dias da minha vida, para contemplar
o esplendor do SENHOR e meditar no seu templo.*

Salmos 27.4

Era outono de 1951 e eu, jovem oficial da Marinha, servia a bordo de um navio de guerra anfíbio no Extremo Oriente. Os Estados Unidos estavam em guerra contra a Coreia do Norte e muitos reservistas que serviram nas forças armadas durante a Segunda Guerra Mundial tinham sido chamados de volta à atividade durante esse novo conflito. Pelo que sei, eu era o único cristão a bordo de nosso navio, que contava com uma tripulação de cerca de trezentos homens. Eu era um cristão relativamente novo e depressa descobri que não tinha o vigor espiritual para viver a vida cristã sozinho naquela atmosfera um tanto ímpia.

Foi nesse cenário que fui apresentado ao The Navigators por um colega oficial da marinha de outro navio. Acabáramos de voltar do Extremo Oriente para os Estados Unidos, e ele me convidou para acompanhá-lo a um estudo bíblico, sexta à noite, na sede do The Navigators, em San Diego. Aquela noite acabou sendo o início de uma experiência que transformaria minha vida.

Para ser sinceramente honesto, não me recordo de nada em relação ao conteúdo do estudo daquela noite. Não me lembro de nenhum dos cânticos que entoamos, de nenhum detalhe dos testemunhos compartilhados.

Escrevendo estas palavras tantos anos depois, a única coisa de que me lembro é da atmosfera. Para mim, era quase eletrizante.

Estava mais do que evidente que os homens que frequentavam aquele estudo bíblico conheciam a Deus de um modo pessoal que eu jamais experimentara. A maior parte deles era composta de reservistas reconvocados que tinham encontrado o Senhor ou começado a caminhar com ele por meio do ministério do The Navigators, durante a Segunda Guerra Mundial. Embora a guerra agora lhes interrompesse a vida pela segunda vez, sentiam-se alegres e vitoriosos nessas circunstâncias porque mantinham um relacionamento pessoal com Jesus Cristo que os sustentava. Logo descobri que o lema deles era “conhecer Cristo e torná-lo conhecido” e que Filipenses 3.10, “Quero conhecer Cristo” (NVI), era um dos versículos fundamentais para eles.

Ainda que conhecesse Cristo como meu salvador, aqueles homens o conheciam de um modo pessoal, íntimo. Tinham comunhão com ele todos os dias por meio do momento de reflexão silenciosa, de suas orações, da meditação contínua nas Escrituras memorizadas e do compartilhamento com outros do que Deus lhes fizera. Para mim, Jesus Cristo era de fato meu Salvador, mas um salvador impessoal. De acordo com meu entendimento, ele descera do céu a fim de morrer por meus pecados e voltara para lá. Sabia que podia orar a ele — e o fazia às vezes —, mas com certeza não contava com uma percepção de um relacionamento pessoal com ele embasado numa experiência diária. Apesar de conhecer Cristo como Salvador e desejar viver para ele a bordo do navio, nada sabia sobre um relacionamento diário com ele que sustentasse e alimentasse esse desejo.

Aqueles homens da Segunda Guerra Mundial, pouco mais velhos que eu, tinham um relacionamento pessoal com Cristo, coisa que eu também queria ter. Comecei a passar o máximo de tempo possível em companhia deles a fim de aprender como eu também poderia ter tal relacionamento pessoal diário com Cristo. Foi por intermédio da comunhão com esses cristãos mais maduros que aprendi a ter comunhão com Deus. Mas é importante observar que foi a comunhão deles com Deus que me atraiu para eles e os capacitou a me ensinarem sobre como ter comunhão com Deus.

No capítulo anterior, vimos que o conceito de comunhão com Deus do Novo Testamento inclui um relacionamento objetivo (a união com Cristo) e um relacionamento experiencial (a parceria com ele). Chamamos esses dois

aspectos da comunhão com Cristo de *união* e *coparticipação*. Mas na verdade, quando falamos em ter comunhão com o Senhor, em geral nos referimos ao relacionamento experiencial: nossa coparticipação com ele.

A distinção semântica entre comunhão e coparticipação não é importante, desde que compreendamos a realidade da união e da coparticipação com Cristo. É a união do crente com Cristo, o compartilhamento da sua vida, que possibilita sua coparticipação com ele. Quando a união com Cristo é corretamente entendida e abraçada, leva à coparticipação com ele. E a coparticipação com ele, por sua vez, leva a uma maior compreensão e apropriação das bênçãos dessa união. Assim como olhamos para o aspecto da união na comunhão com Deus, assim devemos agora olhar para o aspecto da coparticipação.

UM ASSUNTO PARA O DIA TODO

Em seu livro *Directions for daily communion with God* [Orientações para a comunhão diária com Deus], o famoso comentarista bíblico Matthew Henry elaborou três seções: como iniciar o dia com Deus, como passar o dia com Deus e como terminar o dia com Deus.¹ Essas seções chamam a atenção para um ponto muito importante relativo à comunhão com Deus: tal comunhão deveria ser mais do que apenas ter um período de reflexão pela manhã; ela deveria ser um assunto para o dia todo. Na verdade, Isaías e Davi nos levam um passo adiante. Falam sobre ter comunhão com o Senhor mesmo à noite. Isaías disse: “A minha alma suspira por ti durante a noite; e logo cedo o meu espírito por ti anseia...” (Is 26.9, NVI). Davi disse: “... me lembro de ti no meu leito e medito em ti nas vigílias da noite” (Sl 63.6).

Existe um livreto clássico em circulação escrito pelo irmão Lawrence, cozinheiro de um mosteiro medieval, intitulado *The practice of the presence of God*.² Nele, o irmão Lawrence descreveu como desfrutava da presença de Deus tanto em meio ao retinir de caçarolas e panelas na cozinha quanto no culto na capela a cada manhã.

Sem dúvida esse é o ideal que deveríamos almejar: viver continuamente na presença de Deus se estivermos na sala de aula, no escritório, na loja ou dirigindo por uma estrada movimentada. Todavia, a maioria de nós tem problemas com esse ideal. Sentimo-nos propensos a questionar: “Como

posso ter comunhão com Deus quando estou sentado dentro da sala de aula de uma universidade, ouvindo uma palestra sobre economia, ou escrevendo um programa de computador no meu emprego, ou escolhendo mantimentos em um supermercado? Onde encontro tempo para pensar em Deus e ter comunhão com ele quando preciso pensar no que estou fazendo no meu emprego ou tenho de prestar atenção no que o professor de economia está dizendo? É muito bom para o irmão Lawrence pensar em Deus enquanto lava caçarolas e panelas, mas eu tenho de usar a mente para me concentrar no que estou fazendo. Não posso parar e ter comunhão com Deus durante o dia”.

São questões muito legítimas, para as quais não tenho respostas fáceis, embora apresente algumas sugestões em poucas páginas. Mas a verdadeira questão é: qual o principal impulso da minha mente e do meu coração? Em que penso quando tenho tempo livre? O que faço quando entro no carro no fim da tarde, depois de um dia atarefado? Ligo o rádio ou uso o tempo para ter comunhão com Deus? Não estou sugerindo que nunca deveríamos ouvir rádio no carro. Só estou perguntando como usamos nosso tempo disponível para pensar. Pessoalmente, sou desafiado pela questão proposta por Dallas Willard: “Nossa mente se volta de maneira espontânea para Deus quando não está extremamente ocupada, da mesma forma que a agulha da bússola se volta para o Polo Norte quando afastada de fontes magnéticas mais próximas?”.³ Se levamos a sério a comunhão com Deus, devemos encarar essa questão com toda honestidade.

O MOMENTO MATUTINO DE REFLEXÃO

Como uma casa precisa de alicerce e estrutura para mantê-la erguida, assim nossa comunhão diária permanente com Deus necessita de alicerce e estrutura para se manter. O alicerce da nossa comunhão com Deus é o momento de reflexão matutino.⁴

Existe ampla evidência, nas Escrituras e na vida de homens e mulheres de Deus de todos os tempos, da importância de um tempo especial de comunhão com Deus logo pela manhã. Disse Davi: “Ó SENHOR, de manhã ouves minha voz; de manhã te apresento minha oração e fico aguardando”

(Sl 5.3). Há um registro de que “de madrugada, ainda bem escuro, Jesus levantou-se, saiu e foi a um lugar deserto; e ali começou a orar” (Mc 1.35).

Os momentos matutinos de reflexão silenciosa estabelecem o alicerce para nossa comunhão o dia inteiro com Deus porque sintonizam nosso coração para ter comunhão com ele pelo resto do dia. É um tempo em que podemos concentrar todas as nossas faculdades para venerá-lo em reverente adoração. É um tempo em que podemos dar atenção integral a sua Palavra e lhe falar em oração. É significativo que o Senhor Jesus, o único a experimentar comunhão ininterrupta com o Pai, considerasse importante começar o dia em oração. Se ele sentia essa necessidade, quanto mais nós!

Deus nos convida a buscarmos sua face. Salmos 27.8 declara: “A teu respeito diz o meu coração: Busque a minha face! A tua face, SENHOR, buscarei” (NVI). Aos judeus exilados na Babilônia, Deus anunciou por intermédio de Jeremias: “Vós me buscareis e me encontrareis, quando me buscardes de todo o coração” (Jr 29.13). Há uma série de referências na Bíblia em que somos encorajados ou admoestados a buscar a face de Deus. O momento de reflexão matutino é especialmente apropriado para que busquemos sua face. Podemos ter comunhão com Deus ao longo do dia todo, mas buscar-lhe a face conota uma intensidade de mente e coração que em geral só é possível durante nosso tempo a sós com ele.

A oração intensa e planejada a sós com Deus pela manhã nos prepara para sussurrar orações rápidas e silenciosas, com frequência tão necessárias ao longo do dia. Quando Neemias ouviu que os muros de Jerusalém tinham ruído, disse: “... Lamentei por alguns dias; e continuei a jejuar e orar perante o Deus do céu” (Ne 1.4). Deus respondeu a suas orações, e um dia, sem que esperasse, Neemias se descobriu em posição de tornar conhecido ao rei seu desejo de retornar a Jerusalém para reconstruir os muros da cidade. Quando o rei Artaxerxes lhe perguntou “O que estás me pedindo?”, Neemias “[orou] ao Deus do céu” (2.4) antes de responder ao rei. Neemias sussurrou uma oração rápida e silenciosa a Deus enquanto conversava com o rei. Mas foram os dias de oração a sós com Deus que tornaram eficaz essa oração rápida e silenciosa. Com frequência, todos nós necessitamos dessas rápidas palavras de oração ao longo do dia, mas Deus não se satisfará só com elas. Todos temos de ir à loja de conveniência de vez em quando, mas não é ali que a maioria de nós faz a compra do mês. De igual modo, todos

necessitamos dessas breves doses de oração durante o dia, mas essa não é a hora de fazer grandes atividades com Deus.

A COMUNHÃO AO LONGO DO DIA

Embora o período matutino com Deus deva estabelecer o alicerce para nossa comunhão com ele, essa comunhão não deveria cessar ao fim do nosso tempo de reflexão. Depois de passar um período com Deus pela manhã, com certeza não damos por encerrada nossa convivência com ele pelo resto do dia. Em vez disso, nosso dia inteiro deve transcorrer em devoção a ele, na dependência dele, deleitando-nos em sua companhia e em uma atitude de fazer todo o necessário para agradá-lo.

Davi, que em Salmos 5.3 disse esperar em Deus manhã após manhã, também esperava nele no decorrer do dia. Em Salmos 25.5, ele declarou: “... tu és o Deus da minha salvação; em ti coloco minha esperança o dia todo”. Ter esperança em Deus, ou esperar nele, é uma expressão de dependência de Deus cheia de expectativa. É o equivalente do Antigo Testamento a permanecer em Cristo. No capítulo 2, falamos sobre a necessidade de permanecer em Cristo a fim de experimentar sua sabedoria e poder em nossa vida. Essa atitude de dependência dele precisa ser cultivada a ponto de se tornar uma constante ao longo do dia, não apenas em momentos de necessidade conforme elas surgem. Se é mesmo verdade que sem ele não podemos fazer nada — e com certeza é —, então o hábito de depender dele apenas nos momentos de pressão que ocorrem de forma irregular durante o dia deixa boa parte da nossa vida como um grande espaço vazio no livro de registros divino. Precisamos desenvolver a prática de esperar em Deus, como fez Davi, *o dia todo*. Só então daremos muitos frutos.

Juntamente com a atitude de esperar em Deus ao longo de todo o dia, precisamos aprender a andar com ele o dia inteiro. Enoque encontrou um lugar no “*hall* da fama da fé” de Hebreus 11. No entanto, a Bíblia nos conta apenas duas coisas a seu respeito: ele andou com Deus e agradou a Deus (veja Gn 5.22,24; Hb 11.5). O comentarista holandês G. C. Aalders diz: “[‘Andar com Deus’] retrata uma vida vivida em comunhão espiritual com Deus e agradável a Deus”.⁵

Matthew Henry afirma que andar com Deus é “colocá-lo sempre a nossa frente e agir como quem está sempre debaixo de sua vista. É viver uma vida de comunhão com Deus em ordenanças e providências. É fazer da palavra de Deus nossa regra e de sua glória nossa intenção em todos os nossos atos”.⁶

G. C. Aalders e Matthew Henry estão dizendo essencialmente a mesma coisa. Andar com Deus significa uma comunhão contínua com ele e uma vida que lhe seja agradável. A vida que agrada a Deus resulta da comunhão contínua com ele. Uma coisa flui da outra.

Mas existe ainda mais uma razão para desfrutar da comunhão com Deus o dia todo: encontrar nosso deleite nele. Davi expressou esse deleite quando declarou: “Meus lábios te louvarão, pois teu amor é melhor que a vida” (Sl 63.3). Paulo o expressou nas famosas palavras: “... para mim o viver é Cristo...” (Fp 1.21). Creio que o propósito maior da comunhão contínua com Deus seja simplesmente desfrutar dele. Por que o homem de Deus Samuel Rutherford encontrou deleite nele, pôde escrever desde sua deprimente cela de prisão: “Um sorriso do rosto de Cristo é agora para mim como um reino”.

A maioria de nós não experimenta a comunhão contínua e o correspondente deleite em Deus de que a Bíblia fala. Pior ainda, nem sequer ansiamos por isso. Contentamo-nos em *usar* Deus — em buscar sua ajuda em nosso trabalho, no estudo, no casamento e, sim, até em nosso ministério. Pelo fato de essas serem necessidades legítimas, com certeza necessitamos do auxílio de Deus em todas elas, mas Deus se agrada quando encontramos nosso deleite *somente nele*. E, para aqueles que se deleitam com sinceridade *nele*, não apenas em suas bênçãos, ele promete: “Agrada-te também do SENHOR, e ele satisfará o desejo do teu coração” (Sl 37.4). Nossa oração deve ser para que Deus nos capacite a ter comunhão com ele de tal forma ao longo do dia que encontremos de fato nosso deleite nele.

Como, então, praticamos a comunhão com Deus ao longo do dia? Se a reflexão matutina é o alicerce dessa comunhão, a meditação nas Escrituras e a oração são sua estrutura. A meditação na Palavra de Deus “dia e noite” é ordenada e recomendada (veja Js 1.8; Sl 1.2). E devemos “[orar] sem cessar” (1Ts 5.17). Poucos cristãos levam essas instruções a sério. Nós as reputamos tacitamente como impraticáveis no mundo ocupado de hoje.

No entanto, isso pode ser feito. Requer comprometimento sério e disciplina mental, mas podemos praticar a comunhão com Deus ao longo do dia. A começar pela memorização das Escrituras. Só podemos meditar sobre elas — pensar e refletir acerca delas — ao longo do dia se as tivermos em mente. E teremos as Escrituras em mente apenas se tivermos feito o esforço de simplesmente memorizá-las. Não existe atalho para a meditação que ignore a memorização das Escrituras.

Dawson Trotman, fundador do The Navigators, foi usado por Deus para ajudar a igreja evangélica do século 20 a recuperar a ênfase bíblica no discipulado. Hoje, o discipulado é um conceito comum e bastante utilizado em muitas organizações cristãs e centenas de igrejas. Para Dawson Trotman, a memorização das Escrituras era absolutamente essencial para o discipulado, mas poucas igrejas e organizações a promovem com seriedade. Eu me pergunto: “Podemos realmente ter discipulado sem uma ênfase séria na memorização das Escrituras?”. Suspeito que não.

Todavia, presumindo que tenhamos começado a memorizar as Escrituras, como usamos essa prática para ter comunhão com Deus? Precisamos desenvolver o hábito de ao longo do dia voltar a mente para a Palavra de Deus a todo momento, nela refletindo sempre que a oportunidade permitir. Isso quer dizer que toda vez que *pudermos* escolher em que pensaremos, escolheremos pensar na Palavra de Deus. Mas não apenas pensar nas palavras cruas das Escrituras; pensar além das palavras, no Deus das Escrituras, pois constatamos que, pelas palavras dessas Escrituras, Deus nos fala. Quando o ouvimos falar por intermédio dessa meditação, podemos então dar-lhe uma resposta, reconhecendo o que ele está nos dizendo e, conforme for mais apropriado, dando-lhe graças, louvando-o, sendo sensível à sua vontade ou talvez confessando nosso fracasso em cumpri-la. Seja qual for a reação a um trecho particular das Escrituras que se aplique a nós em determinado instante, isso deveria se tornar objeto de oração imediata, junto com nossa meditação.

“Orar continuamente”, no entanto, não deve ser entendido apenas como nossa resposta à meditação nas Escrituras. No decorrer do dia, à medida que encontrarmos esses momentos livres para pensar, haverá outros assuntos que sentiremos vontade de apresentar a Deus em oração. Há amigos e entes queridos com necessidades, e há uma carência contínua de orientação, sabedoria e força para nós mesmos. Há determinados problemas e situações

por nós enfrentados que só podem ser solucionados por Deus. Todas essas questões são temas válidos para nossa comunhão com Deus ao longo do dia. No entanto, em tudo isso, não nos limitemos a “negociar” com Deus. Reservemos tempo para apenas desfrutarmos dele e permitir que ele desfrute de nós. Qualquer relacionamento — seja um casamento, uma amizade ou mesmo uma relação supervisor-empregado — logo se deteriora se construída apenas sobre “negociação”.

As pessoas devem gostar e desfrutar de verdade umas das outras se pretendem estabelecer e manter relacionamentos sólidos. Assim é em nosso relacionamento com Deus. Temos de ir além da mera “negociação” com ele e estabelecer também a realidade do relacionamento Pai-filho que já temos.

Mas as Escrituras retratam outro relacionamento com Deus ainda mais íntimo do que o sugerido pelo vínculo Pai-filho. O relacionamento Pai-filho nos sugere conceitos como dependência e cuidado, necessidade e provisão. Acontece que as Escrituras também apresentam um relacionamento de amor, intimidade e doce comunhão entre Deus e seu povo. Esse relacionamento é o de Cristo com sua igreja, do Noivo com sua noiva. E, ainda que a noiva de Cristo seja o corpo inteiro de crentes, cada cristão individual tem o privilégio de desfrutar desse relacionamento íntimo com Cristo como se ele ou ela fosse o objeto único de seus afetos.

Muitos comentaristas bíblicos concordam que o pouco conhecido livro da Bíblia chamado Cântico dos Cânticos — ou, como é mais comum que o denominem, Cantares de Salomão — retrata, por analogia, o amor e a comunhão entre Cristo e sua igreja. É um livro rico em carinho, afeto e ternura entre o Amado (Cristo) e sua amada (a igreja).

Por exemplo, o amado exclama: “Como és bela, ó minha amada! Ah, como és bela! Os teus olhos são como pombas” (Ct 1.15). Em 2.2, ele diz: “Como um lírio entre os espinhos, assim é a minha amada entre as moças”. Diante disso, a amada responde: “Como uma macieira entre as árvores do bosque, assim é o meu amado entre os rapazes. Tenho prazer em sentar-me à sua sombra, e o seu fruto é doce ao meu paladar. Levou-me ao salão de banquetes, e o seu estandarte sobre mim é o amor” (v. 3,4).

Essas palavras de afeto e amor pretendem ilustrar o amor entre Cristo e sua igreja — a expressão de comunhão íntima que temos com ele. Todavia, quantos cristãos se beneficiam da meditação em Cântico dos Cânticos? Não seria pelo fato de haver tão poucos de nós capazes de se identificar de

alguma forma com o relacionamento amoroso e a comunhão íntima entre Cristo e seu povo retratados nesse pequeno livro?

Nossa ênfase hoje está em fazer coisas para Deus ou em crer nas doutrinas certas relacionadas a ele. Mas poucos crentes se dão ao trabalho de buscar a comunhão com Deus apenas para desfrutar dele e adorá-lo. Na igreja atual, parece haver bem pouco dessa sede por Deus descrita em Salmos 42.1: “Assim como a corça anseia pelas águas correntes, também minha alma anseia por ti, ó Deus!”.

Alguns chegaram a sugerir que essa comunhão íntima com Cristo é reservada apenas a um grupo seletivo: os chamados místicos no interior da igreja de Jesus Cristo. Mas, se de fato todas as Escrituras são proveitosas para todos os crentes, então os exemplos de Enoque e Abraão, de Moisés e Davi e dos apóstolos João e Paulo, todos homens que experimentaram íntima comunhão com Deus, são para ser seguidos por *todos* nós. Lembro-me bem de pensar, anos atrás, sobre o intenso desejo de Paulo de conhecer a Cristo, de experimentar uma comunhão mais profunda e mais íntima com ele. Refletindo sobre Filipenses 3.10, pedi: “Senhor, não consigo me identificar com o desejo de Paulo, mas gostaria de que isso acontecesse”. No decorrer dos anos, Deus atendeu a essa oração pouco a pouco. Com certeza não sou um místico, mas agradeço a Deus pelo privilégio da comunhão pessoal com ele ao longo do meu dia.

Existe um hino bastante conhecido, *Jesus, thou joy of loving hearts* [Jesus, alegria de corações apaixonados], presente nos hinários mais tradicionais, que mostra lindamente a emoção que deveria brotar diariamente do coração de cada crente. A seguinte estrofe em particular reproduz bem essa emoção:

Provamos de ti, ó Pão vivo,
e ansiamos por ainda de ti nos banquetearmos:
bebemos de ti, o manancial,
e temos sede na alma de nos enchermos de ti.⁷

Foi esse desejo de comunhão íntima com Cristo que distinguiu aqueles marinheiros da Segunda Guerra Mundial que conheci em San Diego. Eram pessoas comuns, simples, cumprindo deveres comuns, simples, todos os dias a bordo de seus navios e em seus postos. Mas ansiavam por conhecer a

Cristo mais intimamente, e esse anseio era contagiante. Eles o transmitiram para mim.

COMPARTILHANDO COM DEUS

Existe ainda mais um aspecto da comunhão com Deus que precisamos considerar. No capítulo 1, vimos que um dos significados de *koinonia* é partilhar o que temos uns com os outros, não importa se o que estamos compartilhando é verdade espiritual ou se são bens materiais. Chamamos o compartilhamento da verdade espiritual de *coparticipação*; costumamos nos referir a ele como comunhão.

Ao pensarmos na comunhão com Deus, uma questão que pode surgir em consequência de nossa definição é: “O que eu posso compartilhar com Deus?”. Vemos de pronto o que Deus pode compartilhar conosco. Pensamos em coisas como entendimento da sua Palavra, respostas de oração, paz em meio a circunstâncias que causam ansiedade e poder para viver uma vida piedosa e testemunhar para as pessoas. Mas o que posso compartilhar com Deus? A comunhão com ele é uma via de mão única em que ele compartilha suas bênçãos comigo e eu só as recebo?

Um dos maravilhosos privilégios que os crentes têm é de compartilhar com Deus na coparticipação, oferecendo alguma coisa para ele de verdade. Deus é inteiramente autossuficiente e completo em si mesmo. Embora não necessite de nada de nós, conferiu-nos o privilégio de compartilharmos com ele. Apocalipse 4.6-9 fala de quatro seres viventes ao redor do trono de Deus a lhe darem glória, honra e ações de graças. Isso nos propicia uma pista do que podemos oferecer para Deus. Podemos lhe dar adoração e ação de graças, adorando-o pelo que ele é e agradecendo-lhe por tudo o que tem feito por nós. A oração de adoração e ação de graças de Davi, registrada em 1Crônicas 29.10-14, e os cânticos de adoração registrados em Apocalipse 4.11; 5.9,10 e 5.12,13 são modelos para nós de compartilhamento com Deus.

Outra coisa que podemos dar ao Senhor é amor por meio da nossa obediência. Jesus disse que aqueles que lhe obedecem são os que o amam de verdade. Ora, a obediência torna-se uma realidade no curso da vida cotidiana, mas é em nosso tempo de comunhão com Deus que vemos sua

vontade moral para nós. É nesse momento que firmamos nossa vontade de lhe ser obedientes. A Bíblia indica que Deus se compraz quando nosso coração se humilha diante da sua Palavra e é receptivo a seus mandamentos. Damos a Deus ao reagirmos à sua Palavra com um compromisso de amorosa obediência.

Mesmo nossa confissão de pecados pode ser um tempo de compartilhamento com Deus, se tivermos a atitude correta. Se nossa confissão for centrada em Deus e não no nosso ego, ela pode ser um momento de adoração. Dois exemplos excelentes de adoração no meio da confissão se encontram em Esdras 9.5-15 e Neemias 9.5-35. As duas orações reconhecem não só os pecados dos judeus, mas também a retidão, a justiça e a graça de Deus ao lidar com eles. Versículos como: "... tu, ó nosso Deus, nos tens castigado menos do que merecemos em virtude dos nossos pecados..." (Ed 9.13) e: "Tu, porém, foste justo em tudo o que se abateu sobre nós; tu agiste com lealdade, mas nós, com perversidade" (Ne 9.33) são expressões de adoração em meio à confissão.

Com demasiada frequência, no entanto, nossas orações de confissão são egocêntricas. Estamos menos interessados em dar glória a Deus que em nos livrarmos do sentimento de culpa. Reconhecemos nossos pecados com leviandade, reivindicando com ousadia, e não humildade, o perdão e a purificação prometidos em 1João 1.9. Deixamos de lidar com o fato fundamental de que não só fomos impacientes com alguém, por exemplo, mas também pecamos contra um Deus infinitamente santo. Porém, se resolvemos fazer nosso momento de confissão girar em torno de Deus, podemos converter até a confissão em expressão de adoração a ele.

Ao darmos para Deus, em troca ele também nos dá. Na verdade, sua dádiva precede a nossa, pois é por meio do ministério do seu Espírito em nosso coração que somos instigados a lhe oferecer adoração, ações de graças e obediência. Deus nos dá a percepção da sua presença, e, por meio dele, plenitude de alegria. Ele ilumina nossa mente para entender as Escrituras a fim de que indaguemos, como os discípulos em viagem para Emaús: "... Acaso o nosso coração não ardia pelo caminho, quando ele nos falava e nos abria as Escrituras?" (Lc 24.32). Ele acalma nossa ansiedade e nos assegura de sua fidelidade por meio das promessas preciosas contidas em sua Palavra. Dá-nos o privilégio de entrar no santuário do seu próprio coração, e ali adquirimos um fardo pelo pecado e pela miséria deste mundo que tanto

entristece nosso Senhor. Essas e muitas outras expressões do seu amor esperam a pessoa que resolva reservar tempo para entrar com seriedade em comunhão com Deus.

A Bíblia indica desde os primeiros capítulos que Deus preza nossa comunhão. Em Gênesis 3, nós o encontramos passeando pelo jardim, chamando por Adão a fim de poder ter comunhão com ele. Lemos em Gênesis 5 sobre Enoque andando com Deus, ou seja, tendo comunhão com ele. Ficamos sabendo que Deus falava com Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo. Ouvimos quando Davi manifesta o desejo intenso de ter comunhão com Deus quando ele clama: “Ó Deus, tu és o meu Deus; eu te busco ansiosamente. Minha alma tem sede de ti; meu ser anseia por ti em uma terra seca e exaurida, onde não há água” (Sl 63.1).

Voltando-nos para o Novo Testamento, lemos a promessa de Jesus àquele que lhe obedece de que ele e o Pai “[viriam] a ele e [fariam] nele morada” (Jo 14.23). Isso é comunhão entre Deus e o homem. Vemos o desejo intenso de Paulo de conhecer melhor a Cristo em Filipenses 3.10 e lemos sobre Jesus batendo na porta do nosso coração para entrar e cear conosco, símbolo de seu forte desejo de amizade conosco. É uma verdade gloriosa que o Deus infinito e eterno, na pessoa do Pai e do Filho, deseje manter uma amizade conosco por meio do Espírito Santo. Deus nos chamou à amizade com seu Filho, Jesus Cristo. Ele nos chamou a um relacionamento vivo ao colocar-nos *em Cristo* e nos convidou a experimentarmos a alegria e o poder desse relacionamento por meio do convívio diário com ele.

Esse aspecto vertical da comunhão (união e coparticipação com Deus) propicia o alicerce e o padrão para o aspecto horizontal (comunhão entre os crentes). Um relacionamento comunitário entre crentes pressupõe o relacionamento vivo com Deus e, na verdade, depende dele. Onde não há união vital com Cristo não pode haver partilha da vida comum que os crentes têm nele. Do mesmo modo, se os crentes devem compartilhar uns com os outros em comunhão, precisam primeiro ter algo para compartilhar, algo obtido apenas por meio da comunhão com Deus. Ao voltarmos agora nossa atenção para os aspectos horizontais da comunidade — a partilha da vida comum e o compartilhar mútuo que flui dessa vida —, tenhamos em mente que tudo foi possibilitado por nossa comunhão com Deus.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. Em que você pensa em seu tempo livre? Para onde seus pensamentos se voltam no fim do dia? Para Deus, do mesmo modo que a agulha de uma bússola se volta para a direção do Polo Norte? Ou para algum outro lugar?
2. Nesse capítulo, comentou-se que o momento de reflexão matutino pode preparar o terreno para a comunhão com Deus ao longo de todo o dia. Você tem um momento de reflexão regular? Justifique sua resposta.
3. Que lugar a memorização das Escrituras e a meditação bíblica ocupam em sua comunhão com Deus ao longo do dia?

-
- ¹ Matthew Henry, *Directions for daily communion with God* (Grand Rapids: Baker, 1978).
 - ² Edição em português: Irmão Lawrence; Frank Laubach, *Praticando a presença de Deus: como alcançar a vida cristã profunda* (Rio de Janeiro: Danprewan, 2003)
 - ³ Dallas Willard, *In search of guidance* (Ventura: Regal, 1984), p. 177.
 - ⁴ Presumo que a maioria dos leitores esteja familiarizada com o momento de reflexão matutino e não necessite de instrução sobre como adotar a prática. Para aqueles que desejarem alguma orientação nesse sentido, recomendo *Quiet time* (InterVarsity) e *Seven minutes with God* (NavPress) [veja também *Os cânticos de Jesus, A sabedoria de Deus, 90 dias em Gálatas, Juízes, Efésios e 90 dias em João 14—17, Romanos, Tiago*, todos publicados por Vida Nova].
 - ⁵ G. Charles Aalders, *Bible student's commentary: Genesis* (Grand Rapids: Zondervan, 1981), vol. 1, p. 141.
 - ⁶ Matthew Henry, *A commentary of the whole Bible* (Old Tappan: Revell, 1983), vol. 1, p. 49 [edição em português: *Comentário bíblico de Matthew Henry*, tradução de Degmar Ribas Júnior (Rio de Janeiro: CPAD, 2002)].
 - ⁷ Bernard of Clairvaux, *Jesu dulcis memoria*, tradução para o inglês de Ray Palmer, 1858.



COMUNHÃO E COMUNIDADE

*... embora muitos, somos um só corpo em Cristo e,
individualmente, membros uns dos outros.*

Romanos 12.5

Deus não salva grupos; ele salva indivíduos. Cada um de nós tem de responder individualmente em arrependimento e fé ao convite do evangelho. Mas, embora Deus nos salve como indivíduos, ele nos inclui de imediato no corpo de Cristo. Como disse Paulo em 1Coríntios 12.13: “Pois todos fomos batizados por um só Espírito para ser um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres...”. Cada crente de qualquer nação, raça ou posição na vida é membro desse corpo. Deus reuniu, a partir do mundo inteiro, uma comunidade espiritual cujos membros partilham de uma vida comum em Cristo. Koinonia expressa, acima de tudo, o relacionamento que os membros dessa comunidade centrada em Cristo têm com Deus e uns com os outros.

Comunidade aqui não se refere a uma localização geográfica. Tampouco se refere a um grupo de crentes que escolheu viver em um ambiente físico fechado a fim de alcançar determinados objetivos espirituais e materiais. Embora esses grupos possam se autodenominar acertadamente de “comunidade”, não é esse o sentido em que usamos a palavra para descrever

a noção comunitária de koinonia. Pelo contrário, koinonia expressa um relacionamento que todos os crentes têm em Cristo, sem levar em consideração sua localização geográfica.

Também é verdade que koinonia expressa mais que a participação como membro em uma congregação local. Por mais importante que seja associar-se a uma congregação local, koinonia traduz mais que isso. O relacionamento expresso pela koinonia não descreve a condição de membro, mas uma vida comum partilhada por nós em Cristo. Ao usar a metáfora de um corpo humano para descrever a família de Deus, Paulo o faz com o intuito de expressar o relacionamento espiritualmente orgânico que temos com Cristo e com todos os companheiros crentes do mundo inteiro.

UM FATO OBJETIVO

Todos os crentes partilham de uma vida comum em Cristo, quer reconheçamos esse fato, quer não. Estamos em comunhão com literalmente milhares de crentes de cada nação do mundo. Embora jamais tenhamos conhecido a maioria, estamos em comunhão com eles. Discordamos de muitos deles em várias questões de fé e prática, mas ainda somos membros do mesmo corpo. Apesar de fazermos um grande esforço para gostar de alguns, isso não altera a realidade de que partilhamos de uma vida comum em Cristo. Nenhuma das nossas atitudes nem de nossos atos afeta esse senso objetivo de koinonia. Estamos em comunidade com todos os outros crentes, não importa se gostamos ou não disso ou mesmo se reconhecemos ou não o fato.

Essa verdade objetiva da koinonia pretende oferecer o alicerce para os aspectos experienciais da comunhão. A constatação de que de fato partilhamos de uma vida comum com outros crentes deve estimular em nosso interior o desejo de compartilharmos uns com os outros experientialmente. Esse é todo o teor do ensino neotestamentário sobre koinonia.

Estar objetivamente em comunhão com outros crentes ao mesmo tempo que negamos experientialmente essa mesma comunhão é contradizer o ensino claro da Bíblia e viver em desobediência à vontade revelada de Deus. Paulo nos diz em Romanos 12.5 que “somos [...], individualmente,

membros uns dos outros”. Existe uma propriedade mútua: eu pertenço a você e você me pertence, e cada um de nós pertence a todos os outros membros do corpo. Essa é a declaração objetiva de um fato. Mas, por pertencermos *mesmo* uns aos outros, devemos expressar esse pertencimento em atos de preocupação e cuidado mútuos.

Logo após nos dizer que pertencemos uns aos outros, Paulo aplica essa verdade a algumas admoestações muito práticas: “Amai-vos [...] uns aos outros [...] preferindo-vos em honra [...]. Socorrei os santos nas suas necessidades. [...] Alegrai-vos com os que se alegram; chorai com os que choram” (Rm 12.10,13,15). Isso é comunhão experiencial, a prática bíblica da koinonia. Mas ela só pode ocorrer quando os membros do corpo reconhecem que estão em comunhão objetiva — que partilham, de fato, uns com os outros, de uma vida comum em Cristo.

CUIDANDO UNS DOS OUTROS

A verdade de que pertencemos uns aos outros deveria se impor em nossa vida de várias maneiras mutuamente benéficas. Paulo diz que todos os membros do corpo devem ter “igual cuidado uns pelos outros” (1Co 12.25). Qual é nossa reação, por exemplo, quando ouvimos falar de um companheiro crente que caiu diante de alguma tentação? É uma reação de crítica e condenação, de fofoca e de cabeças balançando em atitude de santa superioridade? Se for esse o caso, não estamos praticando a koinonia bíblica. Em vez de crítica e condenação, deveria haver preocupação e oração por nosso companheiro e membro do mesmo corpo e, se for o caso, tentativas da nossa parte de restaurar com toda gentileza o irmão ou irmã que errou.

Permita-me ilustrar o completo ridículo de algumas de nossas atitudes e gestos para com outros crentes com uma ideia um pouco tola. Veja se consegue imaginar o ouvido fazendo o seguinte comentário para o olho: “Diga uma coisa, você ouviu falar do problema sério que o pé vem enfrentando? Ah, meu Deus, não é uma catástrofe? O pé precisa tomar alguma providência, com certeza”. Não, nada disso, nosso corpo absolutamente não se comporta dessa maneira! Pelo contrário, o corpo inteiro grita: “Meu pé dói! Sinto-me péssimo!”.

Por que o corpo inteiro dói quando só uma parte está machucada? Porque todas as partes do corpo compõem um todo indivisível. E, quando uma parte se machuca, não importa qual a razão, os poderes restauradores do corpo inteiro são acionados para dar sustentação ao membro ferido. Em vez de atacar a parte que sofre ou ignorar o problema, o restante do corpo demonstra preocupação por ela. É dessa maneira que o corpo de Cristo deveria funcionar.

Com frequência nos vemos dizendo algo como: “Me diga uma coisa, você ouviu falar do Harry e da Sue? Parece que estão passando por sérios problemas. Estão até pensando em divórcio. Uma pena. Por que as pessoas não conseguem mais se dar bem umas com as outras?”. Se as partes do corpo físico nunca se comunicam com tanta negatividade e indiferença, tampouco nós deveríamos fazê-lo. Pelo contrário, deveríamos acionar os poderes restauradores do corpo para esses membros feridos. Basicamente, isso quer dizer que o ministério do Espírito Santo precisa ser aplicado pela oração amorosa e preocupada de outros membros. Mesmo nessa área, porém, precisamos ser cuidadosos a fim de não fofocarmos sob o disfarce de compartilharmos um pedido de oração. Cada palavra que dizemos sobre a dor de outro crente deveria ser motivada estritamente pela preocupação sincera com o bem-estar dessa pessoa e pelo desejo de ver o poder restaurador do Espírito Santo operando em sua vida.

Um dos verdadeiros escândalos da igreja é a frequência exagerada com que os crentes difamam uns aos outros com fofocas e críticas. Dividimos os pecados nas categorias aceitável e inaceitável. Condenamos a imoralidade sexual enquanto toleramos a calúnia dentro do corpo. Paulo, no entanto, diz que nem o sexualmente imoral nem o caluniador herdarão o reino de Deus (veja 1Co 6.9,10). A solução para essa atividade escandalosa no corpo é uma consciência mais aguda do significado bíblico de comunhão. Só quando nos tornamos incisivamente conscientes da verdade de que *estamos* em comunhão com cada um dos demais crentes — gostando ou não —, buscaremos desenvolver as implicações dessa comunhão em amorosa preocupação e cuidado uns pelos outros. Essa é uma expressão importante da comunidade verdadeira.

HONRANDO UNS AOS OUTROS

Sim, nossa comunhão deveria ser caracterizada pela preocupação e pelo cuidado, e não pela condenação e pela crítica, mas deveríamos ir um passo adiante. Paulo nos diz para “[preferirmo-nos] em honra uns aos outros” (Rm 12.10). Assim como a prática da verdadeira comunhão tende a eliminar a condenação e a crítica, também deve tender a eliminar a *competição* entre os crentes. Quando outra parte do corpo é honrada, devemos nos regozijar, porque essa parte do corpo nos pertence e nós a ela. Aqui, de novo, ficamos marcadamente muito aquém do ideal bíblico por não reconhecermos a natureza objetiva da comunhão bíblica. Temos a tendência de pensar em nós mesmos individualmente ou como membros de um grupo particular de cristãos, e não como membros do corpo de Cristo.

Quando pensamos de maneira individualista, e não coletiva, fomentamos a competição no lugar da cooperação e da honra. Moisés é um bom exemplo do espírito de cooperação e honra. Certa ocasião, durante a jornada dos israelitas pelo deserto, Deus tomou o Espírito que dera a Moisés e o colocou sobre setenta anciãos que estiveram com Moisés na Tenda da Revelação. Quando o Espírito repousou sobre eles, puseram-se a profetizar; ou seja, começaram a falar a palavra do Senhor, como Moisés. Dois dos anciãos, no entanto, haviam permanecido no acampamento. Por alguma razão, tinham deixado de sair para estar com Moisés. No entanto, o Espírito repousou sobre eles, e eles também se puseram a profetizar.

Josué, ajudante de Moisés na época, quis que o homem de Deus detivesse os dois anciãos no acampamento. Afinal, não faziam parte do grupo, pelo menos não naquele momento específico; não estavam na tenda com os outros anciãos, dando apoio a Moisés. Josué sentia ciúmes da autoridade de Moisés; não lhe agradava a ideia de alguém sem um íntimo envolvimento com seu líder compartilhar dessa autoridade. Mas Moisés não se preocupou com isso. Em uma declaração clássica de humildade e grandeza de coração, ele respondeu a Josué: “... Tu tens ciúmes por mim? Quem me dera todos os membros do povo do SENHOR fossem profetas, que o SENHOR colocasse neles seu Espírito!” (Nm 11.29). Moisés não estava preocupado com a própria autoridade, mas, sim, com o povo de Deus. Ele pensava de forma coletiva, não competitiva.

Como reagimos quando Deus abençoa outro indivíduo, ou outra igreja, ou outra organização cristã? Ficamos enciumados por nós mesmos, ou por nossa igreja, ou por nosso grupo cristão particular? Como o estudante

cristão deve reagir quando Deus parece abençoar outra organização cristã na universidade mais do que aquela em que ele está envolvido? Se esse estudante tiver um conceito de comunhão bíblica, reconhecerá que todos pertencemos uns aos outros e se alegrará com o fato de Deus abençoar o corpo, mesmo que seja uma parte do corpo diferente daquela com a qual ele está envolvido. À medida que reconhece a comunhão cristã primordialmente como a comunidade de todos os crentes em Cristo, ele será capaz de responder à advertência de Paulo: "... preferindo-vos em honra uns aos outros". Aliás, o reconhecimento de que a verdadeira comunhão reflete um senso de comunidade entre todos os crentes é muito útil para solucionar quaisquer problemas entre pessoas, entre igrejas (bem como dentro da igreja) e entre organizações. É difícil ser crítico ou ter ciúmes de alguém que lhe pertence.

REPREENDENDO UNS AOS OUTROS

Esse conceito de comunidade não requer que comprometamos nossas convicções, mas, sim, que as expresemos de maneira amorosa e interessada. Podemos estar preocupados com a pureza da igreja ou com o testemunho de Cristo em nossa universidade. Mas também precisamos nos preocupar com aqueles membros do corpo cujos atos estão nos inspirando cuidados. Se forem crentes verdadeiros, eles também são povo especial de Deus, tanto quanto nós. Deus não os rejeitará, nem tampouco devemos fazê-lo. Ele pode repreendê-los e discipliná-los, mas faz isso com espírito de amor, não com rejeição. Mesmo à orgulhosa e morna igreja em Laodiceia, Deus disse: "Eu repreendo e castigo a todos quantos amo..." (Ap 3.19). Por incrível que pareça, ele convidou esse povo orgulhoso e morno a se arrepender e abrir o coração para ele, para ele poder entrar e manter comunhão com eles! No lugar de rejeição, Deus ofereceu reprimenda amorosa e um apelo à comunhão.

Deus não comprometeu seus padrões com os cristãos em Laodiceia. Ele os repreendeu e chamou ao arrependimento, mas fez isso de maneira amorosa, interessada. Em vez de rejeitá-los, buscou a restauração da comunhão. Embora fossem a parte ofensora, Deus tomou a iniciativa. Agiu

assim porque aqueles crentes orgulhosos e mornos de Laodiceia lhe pertenciam.

É igualmente verdadeiro hoje que os crentes que nos ofendem com palavras e atos e que talvez consideremos uma desonra para o nome de Cristo ainda pertencem a Deus. E, por lhe pertencerem, pertencem também a nós. Se Deus não os rejeita, antes busca sua restauração, devemos fazer a mesma coisa.

ORANDO UNS PELOS OUTROS

O entendimento da comunhão bíblica como uma comunidade de crentes influenciará profundamente nossa vida de oração. Por muitos anos, adotei uma abordagem individualista da vida cristã. Estava preocupado com o *meu* crescimento como cristão, o *meu* progresso na santidade, a *minha* conquista de habilidades ministeriais. Orava para que Deus *me* capacitasse a ser mais santo na vida pessoal e mais eficaz no evangelismo. Pedia a bênção de Deus para a *minha* igreja e para a organização cristã na qual *eu* trabalhava. Todavia, ao aprender mais sobre a verdadeira fraternidade, comecei a orar para que *nós*, como corpo de Cristo, crescêssemos em santidade, para que *nós* fôssemos testemunhas mais eficazes da graça salvadora de Cristo. É o corpo inteiro — não só eu — que precisa crescer.

Claro, não podemos ignorar nossa responsabilidade individual e pessoal com o crescimento na vida cristã. O corpo cresce conforme cada membro cresce. Mas o foco supremo de nossa preocupação deve ser o mesmo que o de Deus: o crescimento do corpo inteiro. Eu deveria me preocupar com o crescimento dos outros membros tanto quanto me preocupo com o meu. Não há espaço para o individualismo egocêntrico no conceito de comunhão do Novo Testamento. Claro, tem de haver reconhecimento da responsabilidade pessoal da parte de cada crente em crescer e cumprir sua função no corpo. Mas isso é muito diferente da atitude individualista que se concentra acima de tudo no próprio crescimento ou no crescimento do próprio grupo, a ponto de excluir os interesses do corpo como um todo.

Hoje existe uma ênfase renovada no discipulado do indivíduo. Isso é bom e saudável, pois o corpo só pode crescer à medida que os membros individuais crescerem. Em meio a sua preocupação com todas as igrejas,

Paulo disse: “... sabeis que tratávamos a *cada um* de vós da mesma forma que um pai trata seus filhos” (1Ts 2.11). Ele disciplinava indivíduos, mas os relacionava com o corpo porque, quando foram salvos, tornaram-se membros do corpo.

Em Efésios 4.16, Paulo encontrou um equilíbrio magnífico entre a preocupação com o indivíduo e a preocupação com o corpo. Disse ele: “[Em Cristo] o corpo inteiro, bem ajustado e ligado pelo auxílio de todas as juntas, segundo a correta atuação de cada parte, efetua o seu crescimento para edificação de si mesmo no amor”. Paulo reconhecia que o corpo não cresce a menos que cada membro cresça e execute sua obra. Ele se preocupava-se com o crente individual, mas também reconhecia que o propósito maior do crescimento e da obra de cada membro é a edificação do corpo inteiro em amor. Deus se preocupa de maneira exclusiva com cada indivíduo, mas em última análise está preocupado com o corpo. Quando reconhecermos que a comunhão bíblica, antes de mais nada, é um relacionamento comunitário de todos os crentes, então também nos preocuparemos com o crescimento e a saúde do corpo de Cristo.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. Em que sentido o corpo de Cristo é como um corpo humano? Como deve o restante do corpo de Cristo reagir quando um de seus membros cai diante de alguma tentação?
2. Biblicamente, que medida devemos usar para nos honrarmos mutuamente?
3. Como você reage à declaração de que devemos nos preocupar com o crescimento dos outros membros tanto quanto com o nosso?



A COMUNHÃO ESPIRITUAL

*... encorajem-se uns aos outros todos os dias, durante o tempo
que se chama “hoje”, de modo que nenhum de vocês
seja endurecido pelo engano do pecado*
Hebreus 3.13, NVI

Um dia recebi o telefonema urgente de um amigo cristão perguntando se poderíamos almoçar juntos naquele dia. Encontrávamo-nos a intervalos regulares para almoçar ou tomar café juntos e compartilhar o que Deus estava fazendo em nossas vidas, a fim de incentivarmos e aconselharmos um ao outro e partilharmos pedidos de oração. Eu não o disculpava, nem ele a mim. Ambos estávamos envolvidos na ministração de pessoas, mas necessitávamos do fortalecimento mútuo proveniente desses momentos juntos e gostávamos bastante deles.

Aquele dia, contudo, não foi uma dessas ocasiões corriqueiras. Meu amigo sofria. Durante o almoço ele abriu o coração com relação a alguns problemas difíceis que vinha enfrentando no trabalho. Eu ouvi, dei uma ou duas sugestões das Escrituras sobre como ele deveria reagir e comprometi-me a orar em seu favor. Voltando para o escritório, de fato orei por ele enquanto dirigia. À noite, em casa, anotei sua necessidade em minha lista de oração “emergencial”.

A situação do meu amigo não melhorou de uma hora para outra, subitamente, mas ao longo de um período de vários meses, Deus respondeu a nossas orações. Nesse tempo continuei a encorajá-lo, a orar por ele, a explorar diversas alternativas em conjunto com ele até vermos Deus agir.

Esse acontecimento ilustra a importância e a necessidade vital da *comunhão espiritual*. Não se trata de uma atividade social, mas de um relacionamento de dois ou mais crentes que desejam ajudar uns aos outros a crescerem em Cristo. Deus nos criou para sermos dependentes tanto dele como uns dos outros.¹ Seu veredito de que “não é bom que o homem esteja só” (Gn 2.18) consiste em um princípio que diz respeito não só ao relacionamento conjugal, mas também à necessidade de comunhão espiritual entre todos os crentes. Nenhum de nós dispõe de meios para “andar só” na vida cristã. Comunhão espiritual não é um luxo, mas uma necessidade vital para nosso crescimento e saúde espirituais. A comunhão bíblica envolve tanto o compartilhamento da nossa vida comum em Cristo quanto o compartilhamento uns com os outros do que Deus nos tem dado. Uma das coisas mais importantes que podemos compartilhar uns com os outros é a verdade espiritual que Deus nos vem ensinando, o que poderia ser de grande ajuda para parceiros cristãos. J. I. Packer tem uma percepção interessante acerca desse tipo de comunhão:

Não deveríamos [...] pensar em nossa comunhão com outros cristãos como um luxo espiritual, um acréscimo opcional aos exercícios de devoção privada. Deveríamos antes reconhecer que tal comunhão é uma necessidade espiritual; pois Deus nos fez de tal modo que nossa comunhão com ele é alimentada pela comunhão que mantemos com amigos cristãos, e exige ser alimentada constantemente em benefício de seu aprofundamento e enriquecimento.²

As Escrituras contêm várias exortações sobre o assunto e casos relacionados. Por exemplo, Salomão diz em Provérbios 27.17: “Como se afia o ferro com outro ferro, assim o homem afia seu amigo”. É na troca um com o outro daquilo que Deus nos está ensinando que nossa mente e coração são aguçados e estimulados. Aprendemos uns com os outros quando estamos juntos e aprendendo do próprio Deus.

Salomão, escrevendo em Eclesiastes, disse: “Melhor é serem dois do que um, porque têm melhor recompensa do seu trabalho. Pois, se um cair, o

outro levantará seu companheiro. Mas pobre do que estiver só e cair, pois não haverá outro que o levante” (Ec 4.9,10).

Salomão tinha em vista mais do que uma simples aplicação literal dessas verdades a situações concretas. Do seu jeito um tanto pitoresco, ele estava enfatizando a importância da comunhão. Dois são melhores do que um, primeiro pelo efeito sinérgico: dois juntos conseguem produzir mais do que cada um trabalhando sozinho. Dois cristãos compartilhando a Palavra podem aprender mais do que dois estudando individualmente. Eles estimulam um ao outro. Segundo porque duas pessoas juntas podem ajudar uma à outra a se levantar quando caem ou correm o risco de cair. Uma das muitas vantagens da comunhão é a admoestação ou o encorajamento mútuo um do outro diante de uma tentação ou de um ataque de Satanás.

O autor de Hebreus foi bastante enfático quanto à importância desse aspecto da comunhão. Em 3.13 ele disse: “exortai uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama 'hoje', para que nenhum de vós seja endurecido pelo engano do pecado”. Depois, em 10.24,25 ele instruiu: “Pensemos em como nos estimular uns aos outros ao amor e às boas obras, não abandonemos a prática de nos reunir, como é costume de alguns, mas, pelo contrário, animemo-nos uns aos outros, quanto mais vedes que o Dia se aproxima”. Note a ênfase no encorajamento mútuo diante da tentação e no estímulo recíproco ao amor e às boas obras. Precisamos ser guardados da tentação e estimulados quando nosso zelo pelo dever cristão estiver indicando perigo.

A advertência de Hebreus 10.25 — “não abandonemos a prática de nos reunir” — não é respeitada pela simples frequência à igreja na manhã de domingo, como tantas vezes se supõe. Pelo contrário, isso só acontece quando vamos até o fim com a instrução de encorajar, estimular ou incentivar uns aos outros. O que não pode ser feito sentado em bancos enfileirados, ouvindo o ensinamento do pastor. Só pode ser feito por meio do intercâmbio mútuo de admoestação e encorajamento. Isso não significa diminuir a importância do ministério de ensino dos nossos pastores. A Bíblia deixa bastante claro que o ministério deles ocupa um lugar crucial em nossa vida (veja, p. ex., Ef 4.11,12; 1Ts 4.1; 1Tm 3.2; 5.17; 2Tm 4.2). Mas precisamos tanto do ensino público dos nossos pastores como do encorajamento mútuo e da admoestação uns dos outros. Esse último caso parece ser o ponto essencial de Hebreus 10.24,25.

Também precisamos desse tipo de amizade a fim de nos mantermos trabalhando em nossas respectivas áreas de ministério. Pelo fato de Jesus ter enfatizado que “... a colheita é grande, mas os trabalhadores são poucos” (Mt 9.37), o objetivo do The Navigators (o ministério em que sirvo) é treinar trabalhadores dedicados para as colheitas do mundo. Mas o que mantém a pessoa trabalhando depois que ela “se forma” em nosso ambiente de treinamento e vai sozinha para a comunidade? Embora várias coisas sejam importantes, no alto da lista está este tipo de comunhão: o incentivo e a cobrança de uma prestação de contas por parte de outra pessoa de mente semelhante. As exigências impostas pela família, pelo emprego e por outras responsabilidades legítimas podem nos distrair do ministério para o qual Deus nos chamou, a menos que sejamos encorajados e estimulados por outros crentes que compartilham da nossa visão.

Até o apóstolo Paulo, gigante espiritual que era, reconheceu a necessidade que tinha de manter comunhão com outros crentes. Escrevendo à igreja em Roma, expressou o seguinte desejo: “... para que juntamente convosco, eu seja encorajado pela fé mútua, vossa e minha” (Rm 1.12). Ele queria fortalecer a fé dos cristãos romanos, mas também que fortalecessem a sua. Reconhecia o tempo todo que precisava dos outros crentes.

Historicamente, o Credo Apostólico fala da “comunhão dos santos”, sem dúvida se referindo tanto ao relacionamento comunitário objetivo quanto ao compartilhamento experiencial de comunhão espiritual uns com os outros. Packer nos ensina: “Os puritanos costumavam pedir a Deus um ‘amigo do peito’, com quem pudessem compartilhar tudo, sem reservas, e manter um relacionamento pleno de oração-parceria; e com isso almejavam, e marcavam com regularidade, conversas em grupo sobre assuntos divinos”.³

Vemos então que a Bíblia nos ensina a importância da comunhão espiritual e que a história da Igreja a confirma. Mas como fazemos isso? Como ter o tipo de comunhão espiritual de que a Bíblia fala?

Primeiro, comunhão espiritual com outra pessoa pressupõe comunhão com Deus. Se não estamos tendo comunhão com Deus e aprendendo dele, não teremos nada para compartilhar com os outros. Além disso, se não aprendermos direto de Deus, não nos manteremos atentos e perceptivos o suficiente para aprender dos outros. Seremos lentos para ouvir.

Diz Packer: “A comunhão com Deus, então, é a fonte da qual nasce a comunhão entre cristãos; e a comunhão com Deus é o fim para o qual a

comunhão com os cristãos é um meio”.⁴ A comunhão com Deus é de fato tanto o alicerce quanto o objetivo da nossa comunhão uns com os outros.

Segundo, comunhão espiritual envolve compromisso e responsabilidade mútuos. Temos de nos comprometer em ser fiéis na reunião uns com os outros, em nos abrir e ser sinceros, e no caráter confidencial do que é partilhado. Devemos aceitar a responsabilidade de encorajar, admoestar e orar uns pelos outros. Comunhão espiritual significa que “velamos” uns pelos outros, sentindo responsabilidade mútua pelo bem-estar uns dos outros. O que não significa transferirmos a responsabilidade por nossa caminhada cristã para outra pessoa ou aceitarmos que essa pessoa faça isso, mas, sim, que nos ajudamos uns aos outros por meio de encorajamento e prestação de contas.

Esse alto nível de comprometimento costuma ser assumido com apenas uma pessoa ou com um grupo seletivo de pessoas. Tamanha profundidade de comunhão não pode ser mantida com todo cristão, nem Deus pretende que seja assim. Embora objetivamente estejamos em comunhão com cada um dos demais crentes mundo afora, em nossa experiência subjetiva essa comunhão só pode ser mantida com apenas uns poucos. Devemos nos voltar para Deus para que nos conduza às poucas pessoas especiais com as quais podemos desenvolver tal compromisso e senso de responsabilidade.

Ao aceitarmos o fato de que a comunhão espiritual uns com os outros implica na comunhão pessoal com Deus e em um compromisso mútuo uns com os outros, podemos então nos voltar para algumas sugestões práticas, algumas atividades específicas que nos ajudarão a experimentar a comunhão vital uns com os outros.

COMPARTILHANDO A VERDADE BÍBLICA

Primeiro, devemos compartilhar a verdade das Escrituras uns com os outros. A comunhão espiritual deve sempre girar em torno do ensino bíblico. O apóstolo João fez da verdade em relação a Jesus Cristo a base do seu chamado à comunhão (veja 1Jo 1.1-3). Já mencionei o efeito sinérgico que ocorre quando dois ou mais crentes partilham do que Deus lhes está ensinando.

Disse o salmista para Deus: “Com os meus lábios declaro todas as ordenanças da tua boca” (Sl 119.13). Ele declarava às pessoas o que Deus lhe estava ensinando. Por intermédio desse exercício, não só as edificava, mas também fortalecia o próprio entendimento da verdade divina. Há um velho adágio que diz: “As palavras se desenredam ao passar pelos lábios ou pela ponta de um lápis”. Quando compartilhamos nossos pensamentos com outras pessoas, nós aprendemos, pois somos forçados a organizar e desenvolver nossas ideias.

Alguns cristãos se sentem ameaçados por esse tipo de comunhão. Aham que não têm nada para compartilhar. Ficam apavorados com a pergunta “O que Deus lhe tem ensinado nos últimos tempos?”. Um modo prático de superar esse medo de compartilhar é o registro diário da verdade mais importante que você extrai da sua leitura bíblica do dia. Pode ser que você queira escrever uma frase ou um parágrafo, dependendo da profusão de seus pensamentos sobre determinada verdade. Depois, trace planos para se reunir toda semana com um amigo cristão que o compreenda — talvez alguém que sinta o mesmo medo de compartilhar em público — e transmitam um para o outro o que vocês aprenderam das Escrituras na última semana.

Outra maneira de começar a compartilhar com alguém é a memorização das Escrituras. Ou seja, embora cada um tenha de trabalhar na memorização de versículos bíblicos, vocês podem se reunir uma vez por semana para recitar seus versículos um para o outro e compartilhar o que Deus lhes ensinou com eles. Fazendo isso com regularidade, vocês experimentarão o efeito de ferro que afia outro ferro descrito em Provérbios 27.17. Quer venha da leitura, quer do estudo, quer da memorização da Bíblia, o compartilhamento da verdade bíblica um com o outro ou com os outros deveria ser feito para tornar a prática relevante para a vida diária. Não basta contar para alguém o novo insight que você teve das Escrituras. O que esses insights significam para você de modo prático? Como você cresceu com eles? Como os aplicou ou planeja aplicá-los? É a *aplicação* das Escrituras, não só o conhecimento acadêmico, que a torna frutífera em nossa vida.

É importante aqui uma palavra de advertência. Quem aprende a partilhar com facilidade com os outros o que vem aprendendo de Deus enfrenta o perigo de deixar de ouvir o que outro cristão está dizendo. Com

demasiada frequência, sentimo-nos tão ávidos por compartilhar o que estamos aprendendo que falhamos em ouvir o que Deus nos está dizendo por intermédio de outro crente. Em casos assim, não nos interessa de verdade a comunhão, mas demonstrar nosso conhecimento das Escrituras. Tiramos vantagem espiritual do outro. Quem experimenta essa tentação faria bem em se lembrar das palavras de Jesus ao orar: “Graças te dou, ó Pai, [...] pois ocultaste essas coisas aos sábios e eruditos e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10.21). Deus pode muito bem ter algo a nos dizer por intermédio de alguém que fala com lábios que gaguejam e uma língua vacilante.

TRANSPARÊNCIA UNS COM OS OUTROS

A comunhão espiritual, no entanto, abrange mais do que o compartilhamento mútuo de verdades bíblicas. Também envolve o compartilhamento dos nossos pecados, fracassos e desânimos, bem como de nossas bênçãos e alegrias. E ao longo de toda a nossa comunhão espiritual precisamos ter em vista a exortação, o encorajamento e a oração mútuos. Tiago nos ensinou: “Portanto, confessai vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros para serdes curados” (5.16).

Esse aspecto da comunhão é ameaçador para a maioria de nós. Hesitamos em expor nossos pecados, ou mesmo nossas dúvidas e desânimos. O problema, claro, é o orgulho — o medo do que outra pessoa pensará a nosso respeito se souber que pecamos. Esquecemo-nos de que “Não veio sobre [nós] nenhuma tentação que não fosse humana” (1Co 10.13). Muito provavelmente, o amigo com quem você busca ter comunhão está lutando contra a mesma tentação, ou pelo menos com alguma outra pela qual se sente igualmente constrangido.

Não podemos encorajar e motivar alguém, nem orar por alguém, se não conhecermos as lutas que a pessoa está enfrentando. Lembra-se do que disse Packer sobre os puritanos? Eles pediam a Deus um amigo com quem pudessem compartilhar tudo. Precisamos pedir a Deus um amigo íntimo assim. E então, depois que o encontrarmos, precisamos nos dispor a abrir nossa vida para ele.

PRESTAÇÃO DE CONTAS

A comunhão espiritual envolve mais do que franqueza um com o outro; ela também pede a prestação mútua de contas. Ambas as ideias de aconselhar (veja Cl 3.16) e de nos sujeitarmos uns aos outros (veja Ef 5.21) sugerem o conceito de prestação de contas mútua. Prestar contas é se dispor, tanto para ser esquadrihado, quanto para ser desafiado em áreas da vida sobre as quais se chegou a um acordo comum. Por exemplo, se você e eu nos comprometemos a ter uma comunhão espiritual, podemos concordar em prestar contas um para o outro em determinadas disciplinas — na comunhão regular com o Pai, no estudo bíblico, na memorização das Escrituras e na meditação. Ao comparecermos a nossos encontros regulares, apresentamos um para o outro um relato a respeito do nosso progresso nessas áreas.

Outra área de prestação de contas é a dos chamados pontos fracos. Essas fraquezas podem estar relacionadas a fragilidades de temperamento (como falta de disciplina para a administração do tempo ou falta de autocontrole) ou aos “pecados recorrentes”, as tentações diante das quais somos particularmente vulneráveis. Se você luta contra um ponto fraco em seu temperamento ou uma tentação que o constrange demais, precisa estar disposto a dividir esses problemas com alguém de quem é próximo no Senhor. Pedir o apoio em oração dessa pessoa e lhe prestar contas voluntárias propiciará a você grande força na superação dessa fraqueza ou para resistir a essa tentação.

A prestação de contas tem especial importância no contexto do treinamento de discipulado e em um relacionamento individual. O foco deste livro não é o treinamento de discipulado em si, mas o conceito de comunhão espiritual deve ser parte integrante de qualquer edificação personalizada na vida de outra pessoa. O ensino e o treinamento bem-sucedidos não podem acontecer em um nível pessoal tão íntimo a menos que exista confiança, abertura, preocupação e prestação de contas mútuas. Quem está sendo discipulado deve prestar contas para quem o discipula; do contrário, todo o processo de discipulado será vão. Mas o discipulador também deve estar disposto a abrir sua vida para a outra pessoa, a fim de solidificar o vínculo e ganhar confiança. Minha própria experiência tem sido

de que, quando me abro em relação a meus fracassos e fraquezas com a pessoa que estou discipulando, ela é incentivada a se abrir comigo.

ORANDO JUNTOS

O quarto ingrediente da comunhão é orar um com o outro e um pelo outro. Os puritanos não só queriam alguém com quem pudessem compartilhar absolutamente tudo, mas uma pessoa com quem pudessem manter uma parceria plena de oração.

Muitas vezes temos necessidades de oração, mas não é apropriado compartilhá-las em nossa congregação local ou nos grupos ministeriais em faculdades, ou mesmo em nosso pequeno grupo de estudo bíblico. Contudo, podemos compartilhar essas necessidades com nosso “amigo do peito”. Nenhum pedido de oração deveria parecer insignificante ou constrangedor demais, a ponto de não sentirmos liberdade para mencioná-lo ao amigo com quem mantemos íntima comunhão espiritual.

Já citei o conceito duplo de compromisso e responsabilidade. Se assumi um compromisso mútuo com alguém e aceitei uma responsabilidade espiritual por essa pessoa, tal responsabilidade não pode ser satisfeita sem a dedicação mútua à oração. Deus opera na vida do outro em grande parte em consequência da oração. Pode usar meu compartilhamento das Escrituras e minhas palavras de aconselhamento e encorajamento, mas faz isso em consequência das minhas orações. Meu próprio estudo das Escrituras, confirmado pela experiência pessoal, convenceu-me de que a oração é o ministério mais importante que posso ter na vida de outro indivíduo. Assim, se de fato quero ter um relacionamento espiritual íntimo com outro crente, devo me comprometer a orar por ele.

QUALIFICAÇÕES PARA A COMUNHÃO

À medida que for se convencendo da importância e da necessidade da comunhão espiritual com outros crentes em um nível pessoal e íntimo, você começará a indagar: “Com quem posso ter esse tipo de comunhão?”. É evidente, pelas considerações que traçamos sobre compromisso mútuo, transparência no compartilhamento e disposição para dar e receber tanto

encorajamento quanto aconselhamento, que você não estabelecerá esse tipo de relação com qualquer membro do corpo de Cristo. Há certas qualificações que ambos precisam satisfazer. Aqui estão algumas características a se buscar ao pedir a Deus um amigo do peito:

- Que tenha desejo, sustentado pela ação, de crescer no Senhor, tanto em caráter pessoal quanto no ministério voltado para outras pessoas.
- A capacidade de compreender e de se identificar com suas necessidades, frustrações e tentações, mas de maneira objetiva. Precisamos de compreensão, não de piedade.
- A capacidade absoluta de guardar segredo de modo que você possa compartilhar o que há de mais íntimo em seu coração.
- A disposição de se comprometer com seu bem-estar espiritual.
- O reconhecimento maduro de que ele ou ela não tem todas as respostas para sua vida; disposição para se afligir, orar e sondar as Escrituras com você em busca dessas respostas.
- A disposição de ser sincero, não permitindo que você permaneça em uma atitude ou ação errada sem ser questionado.

Quem está apenas começando a crescer na fé cristã deveria primeiro buscar esse tipo de comunhão com alguém capaz de discipulá-lo individualmente. A comunhão em pares pode ser útil ao cristão jovem para o encorajamento e para a oração, mas deveria ser acompanhada por um ambiente de comunhão capaz de prover um forte compromisso com o crescimento na compreensão e na aplicação das Escrituras. Os cristãos mais maduros no Senhor provavelmente encontrarão sua comunhão espiritual em pares com outros de maturidade espiritual semelhante.

COMUNHÃO EM PEQUENOS GRUPOS

Até agora nossa abordagem da comunhão espiritual se concentrou principalmente no relacionamento entre dois cristãos. Claro, essa é a unidade mais básica da comunhão espiritual, mas não a única. Outra unidade comum de comunhão é o pequeno grupo. Muitos deles hoje são organizados em torno do estudo da Bíblia. Outros pequenos grupos são

chamados de “grupos de cuidado”, onde o objetivo é compartilhar necessidades e orar uns pelos outros. Há também grupos que enfocam a prestação de contas, em que os integrantes se mantêm atentos a diferentes áreas que deles necessite. O ideal é que grupos de comunhão busquem incorporar todos esses aspectos: estudo bíblico, compartilhamento de necessidades, prestação de contas e oração uns pelos outros.

Já me referi ao efeito sinérgico de duas pessoas compartilhando o que estão aprendendo das Escrituras. Em um pequeno grupo, isso pode ser grandemente multiplicado à medida que mais ideias são apresentadas, relacionadas com determinada passagem. Isso pressupõe, claro, que cada membro do grupo esteja dependendo do Espírito Santo para lhe abrir o entendimento. Com certeza não teremos nenhum *insight* verdadeiro das Escrituras apartados do ministério dele, independentemente de como estimulamos o pensamento uns dos outros.

Há grande quantidade de material impresso sobre pequenos grupos, portanto não faz parte do propósito deste livro entrar em detalhes sobre esse assunto. Contudo, minha experiência me compele a incluir uma única palavra de acautelamento — deve-se tomar muito cuidado para garantir que os pequenos grupos de fato cumpram o objetivo da comunhão espiritual, qual seja, de intensificar mutuamente nosso relacionamento com Deus. Os perigos do orgulho espiritual pelo conhecimento que é garimpado de nosso estudo bíblico e de tirar vantagem são muito maiores no pequeno grupo do que no relacionamento entre dois cristãos. Também há o perigo de compartilhar estritamente no nível intelectual e não no nível mais profundo do coração, onde a Palavra de Deus é mais aplicável à nossa vida diária.

A comunhão espiritual se torna mais e mais difícil à medida que o grupo aumenta. É evidente que passa a existir menor intimidade e, por conseguinte, menor liberdade de compartilhar com os outros o que de fato está acontecendo em nossa vida. Um antigo adágio puritano trata da importância de buscar manter esse tipo de comunhão com poucas pessoas: “Tenha comunhão com alguns, mas seja íntimo de *um*. Trate todos com justiça, não fale mal de ninguém”.

Os puritanos piedosos, que mudaram os rumos da história inglesa em meio a dificuldades extraordinárias, perceberam a importância da comunhão espiritual genuína, do tipo mencionado pelo autor de Hebreus. A maior parte da era puritana foi caracterizada pela perseguição de ministros

piedosos e sua expulsão da própria igreja. Costumavam ministrar a seus rebanhos na mata, fora da cidade, a fim de evitar o assédio dos inimigos. Era de importância vital para eles, nesses tempos difíceis, encorajar uns aos outros e incentivarem-se mutuamente a prosseguir. Não consideravam a comunhão um luxo, mas uma necessidade urgente.

Precisamos analisar com cuidado, portanto, o conselho deles sobre a *amplitude* da comunhão. Eles constataram que a comunhão, para que tivesse um profundo sentido, deveria ser limitada em amplitude: comunhão com alguns, intimidade com um. A comunhão que vá além de um pequeno número tende a assumir características superficiais, levando a pouco mais do que relacionamentos sociais cristãos, os quais têm sido erroneamente caracterizados como comunhão. Talvez necessitemos entender em sentido mais literal o pequeno número indicado por Jesus na famosa passagem: “Pois onde dois ou três se reúnem em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20). Não que Cristo esteja ausente do nosso meio em nossas grandes assembleias, claro. Contudo, ele dá especial ênfase nessa declaração à importância do pequeno grupo de comunhão.

SEU CORPO LOCAL

Fica evidente, com base em Atos 2.42, que a igreja primitiva considerava a comunhão entre os crentes um componente importante de sua saúde espiritual, em conjunto com ouvir a Palavra de Deus e a oração coletiva. No entanto, pouca atenção parece ser dada a essa dimensão da comunhão em nossas igrejas ou outros ministérios hoje. Temos reuniões que enfatizam o ensino da Palavra e às vezes reuniões de oração, mas parece que está sendo feito bem pouco para estimular a verdadeira comunhão espiritual. O que com frequência passa por comunhão é simples atividade social dentro do corpo, é importante, mas que dificilmente atende à necessidade de encorajamento espiritual mútuo.

Os líderes de igrejas locais e de outros grupos cristãos precisam dedicar cuidadosa atenção ao encorajamento da verdadeira comunhão espiritual dentro de seus grupos e congregações. O padrão dessa comunhão pode variar, mas o objetivo do encorajamento espiritual mútuo e o princípio da profundidade em lugar da amplitude deveriam ser sempre mantidos em

mente. É provável que a maioria dos cristãos nem avalie a importância da comunhão espiritual entre irmãos, nem saiba como agir em relação a ela. Eles necessitam de instrução e encorajamento acerca da verdadeira prática bíblica da koinonia.

Uma das marcas de uma igreja verdadeiramente boa ou do grupo cristão que atua na universidade ou em uma base militar deve ser o calor de sua comunhão espiritual. Esse aspecto é tão importante quanto a solidez de seu ensino e a vitalidade de sua projeção. Paulo recomendou os crentes em Roma porque eles estavam “cheios de bondade e plenamente supridos de todo conhecimento, sendo, [eles] mesmos, capazes de instruir-[se] uns aos outros” (Rm 15.14). Com certeza estavam empenhados em desenvolver comunhão espiritual, edificando-se mutuamente e cuidando uns dos outros.

O PRAZER DE DEUS NA COMUNHÃO

Bem no fim do Antigo Testamento, vemos de relance o coração de Deus e seu apreço pela comunhão espiritual entre os crentes. O cenário é a nação de Israel no processo de ser restituída à sua terra pelo rei persa, mas caindo outra vez em uma formalidade religiosa corrupta, nem adorando, nem obedecendo a Deus. Na verdade, muitos israelitas andavam até dizendo que era inútil servir a Deus (veja Ml 3.14,15).

No entanto, em meio à decadência espiritual, havia um grupo que temia o Senhor e se mantinha em comunhão: “Então aqueles que temiam o SENHOR falaram uns com os outros; e o SENHOR os ouviu com atenção, e diante dele se escreveu um memorial, para os que temiam o SENHOR, para os que honravam o seu nome” (Ml 3.16). Duas coisas são patentes nesta passagem, no que diz respeito à comunhão: (1) Os judeus piedosos consideravam-na importante. Sem dúvida tinham aprendido a necessidade vital de encorajarem uns aos outros naqueles dias difíceis de apostasia nacional. (2) Igualmente importante, no entanto, é a indicação clara do prazer de Deus na comunhão que mantinham. Ele os ouviu em seu momento de comunhão, deu-lhes especial atenção e até fez com que um “memorial” fosse escrito em sua presença concernente às pessoas piedosas que buscavam encorajar e edificar umas às outras no temor do Senhor.

Claro que a mente infinita e eterna de Deus não necessitava de um memorial para lembrá-lo dos atos graciosos do seu povo. A alusão a esse fato é para nosso benefício, a fim de que possamos enxergar a importância que Deus coloca na verdadeira comunhão espiritual entre seu povo e o prazer que isso traz ao seu coração.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. Você considera a comunhão espiritual — a interação uns com os outros em um nível pessoal e espiritual íntimos — algo vital para seu crescimento e saúde espirituais? Justifique sua resposta.
2. Hebreus 10.24,25 insiste conosco para que “pensemos em como nos estimular uns aos outros ao amor e às boas obras”. Como você busca — ou poderia buscar — ativamente esse padrão com outras pessoas?
3. Eclesiastes 4.9,10 diz: “Melhor é serem dois do que um [...]. Pois, se um cair, o outro levantará seu companheiro. Mas pobre do que estiver só e cair, pois não haverá outro que o levante”. Se estivesse para cair, você tem algum amigo que correria para ajudá-lo? Se não tem, como poderia encontrar um amigo desses?

¹ No capítulo 1, usei o termo *comunhão* com o sentido de *comungar* para descrever esse tipo de relação. Mas, como essa palavra hoje é mais associada à ceia do Senhor, curvo-me ao uso comum neste capítulo e uso *comunhão* para descrever o compartilhamento espiritual de uns com os outros.

² J. I. Packer, *God's words* (InterVarsity Press: Downers Grove, 1981), p. 193 [edição em português: *Vocabulos de Deus*, 2. ed. (São José dos Campos: Fiel, s.d.)].

³ Ibidem, p. 200.

⁴ Ibidem, p. 193.



COOPERAÇÃO NO EVANGELHO

*Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós,
fazendo sempre súplicas por todos vós, em todas as minhas orações,
com alegria, em razão da vossa cooperação na causa
do evangelho, desde o primeiro dia até agora*
Filipenses 1.3-5

O apóstolo Paulo escreveu para os crentes filipenses: “Dou graças ao meu Deus [...] em razão da vossa cooperação na causa do evangelho, desde o primeiro dia até agora”. Ele considerava esses caros amigos de Filipos ativamente engajados com ele na propagação do evangelho para outras cidades, embora a maioria jamais tivesse saído de Filipos. Como vimos no capítulo 1, o termo grego *koinōnia*, traduzido aqui por *cooperação*, também pode ser traduzido por *parceria*, mesmo termo que pode ser empregado em uma sociedade comercial.

Quando a palavra *koinonia* é traduzida por *comunhão*, temos a tendência de pensar em um deleite mútuo e na edificação uns dos outros dentro do corpo de Cristo. Há uma conotação interna muito legítima e necessária. Os crentes precisam mesmo se preocupar uns com os outros, edificar uns aos outros na fé e desfrutar da companhia uns dos outros. Mas também reconhecemos que o cristão deve olhar para fora, para um mundo caótico

cheio de pecadores carentes de um Salvador. À medida que edificamos uns aos outros e desfrutamos uns dos outros, estamos *em comunhão*, mas ao nos juntarmos para difundir o evangelho, estamos em *cooperação*, ou *parceria*, e nossos objetivos se voltam para fora de nós mesmos, para os que necessitam ser trazidos à comunhão do povo de Deus. É esse o sentido em que Paulo considerava os crentes filipenses cooperadores com ele no evangelho.

COOPERAÇÃO EM DAR

Por que Paulo se regozijava com tanto entusiasmo com a cooperação dos filipenses? Como eles haviam participado do projeto missionário do apóstolo se nunca nem sequer saíram de casa para acompanhá-lo? Uma parte significativa da resposta a essas perguntas encontra-se no quarto capítulo de Filipenses. Começando no versículo 10, Paulo expressa gratidão sincera pelos dons materiais que os filipenses tinham lhe enviado em Roma. Então, no versículo 15, ele diz: "... quando parti da Macedônia, nenhuma igreja se comunicou comigo quanto a dar e receber, mas somente vós". Paulo está enfatizando nessa declaração que a igreja filipense fora a única a *cooperar* com ele. É o que na realidade ele está dizendo nesse versículo.

Os crentes filipenses haviam cooperado com Paulo por meio de assistência material. Fizeram isso desde os primeiros dias de contato com o evangelho. Ao que tudo indica, os filipenses tinham aprendido que *koinonia* dentro da comunidade cristã envolvia um relacionamento de *trabalho*. Reconheciam sua responsabilidade missionária para com outras cidades, além da própria, e que um modo excelente de cumprir com essa responsabilidade era contribuindo com o ministério do missionário Paulo. Eles uniram forças com Paulo por meio das doações que lhe enviaram.

Paulo reconheceu o status de cooperadores dos filipenses por meio da contribuição que fizeram. Não apenas deu graças a Deus pela parceria deles, mas também lhes assegurou o retorno do investimento. No versículo 17, ele diz: "Não que eu procure doações, mas procuro o fruto que amplie o vosso crédito". O apóstolo confiava que, assim como receberia uma recompensa por seu trabalho árduo, também os filipenses compartilhariam com ele dessa recompensa. Da mesma forma que haviam investido em seu empreendimento missionário na condição de parceiros, assim participariam

das recompensas desse empreendimento como parceiros. Paulo e os filipenses eram verdadeiramente cooperadores no evangelho.

Todo cristão hoje tem o mesmo privilégio que tiveram os crentes de Filipos de ser um cooperador na divulgação do evangelho. Cada um de nós tem a oportunidade de participar em ministérios muito além de nossos esforços, tanto em cidades do nosso país quanto em países estrangeiros. Cada vez que doamos para uma missão, nacional ou estrangeira, juntamo-nos em parceria com esse ministério particular e compartilharemos do seu fruto proporcionalmente à nossa participação em seus custos.

Por muitos anos, tive uma preocupação profunda com as pessoas da Rússia e da China, por causa acima de tudo dos regimes anticristãos sob o qual viviam. Até hoje, apesar de haver muito mais liberdade para o evangelho nos dois países, minha esposa e eu ainda temos interesse por essas pessoas. Embora não sejamos chamados para ir a nenhum dos dois países, ainda podemos nos envolver no ministério em ambos, cooperando financeiramente com quem foi e orando por essas pessoas. Esperamos partilhar do fruto do trabalho delas.

Temos não só o *privilégio* de cooperar com o ministério, mas também a *responsabilidade*. Tornar-se cooperador na causa do evangelho não é apenas uma opção para o cristão comprometido. Jesus disse: "... Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16.15). Isso é um mandamento, não uma sugestão ou pedido, repetido em todos os quatro evangelhos e no livro de Atos. Nossa responsabilidade individual no cumprimento dessa ordem varia de acordo com as oportunidades que Deus nos dá. Mas, quando surge a oportunidade, devemos cooperar da maneira mais ampla possível na propagação do evangelho para todo o mundo.

A contribuição para causas missionárias costuma ser apresentada simplesmente como uma opção para os cristãos. Missionários em campo e futuros missionários viajam por várias igrejas apresentando seu ministério e pedindo apoio. Cada comitê missionário de igreja local ou membro individual pondera se doa ou não para o sustento missionário. A opção é exclusiva do doador, seja igreja, seja membro individual. Temos a tendência de achar que somos donos de um coração enorme se resolvemos contribuir. Na verdade, somos mais obedientes do que dotados de um coração enorme. Cristo nos *ordena* ir por todo o mundo, e a única maneira pela qual a

maioria de nós pode fazer isso é cooperando, por meio de apoio financeiro e oração, com o ministério daqueles que vão fisicamente.

Nesse sentido de cooperação no evangelho, a comunhão é menos uma atividade a ser desfrutada do que uma responsabilidade a ser assumida. Claro que desfrutaremos dela ao compartilharmos dos frutos da parceria, mas esse prazer é secundário em relação a nossa obediência à ordem de Cristo de levar o evangelho a toda criatura. A cooperação no evangelho por meio da doação é ao mesmo tempo um privilégio e um dever.

COOPERAÇÃO EM ORAÇÃO

Um segundo modo significativo pelo qual podemos cooperar com a causa do evangelho é pela oração regular e profunda por aqueles que levam a mensagem do evangelho além de nossa igreja ou comunhão local. Novamente os crentes filipenses são um belo exemplo para nós. Não só eles contribuíam, mas também oravam por Paulo. E, do mesmo modo que Paulo ficou na expectativa dos resultados advindos da contribuição deles, também aguardou os resultados das orações que eles faziam. Disse Paulo: “Pois sei que isso resultará em salvação para mim, pela vossa súplica e pelo socorro do Espírito de Jesus Cristo” (Fp 1.19). Ele dependia muito da contribuição para seu ministério que esses parceiros lá em Filipos ofereciam por intermédio de orações.

Em sete ocasiões diferentes nas cartas que escreveu para diversas igrejas, Paulo ou pediu oração por seu ministério ou reconheceu que seus leitores oravam em seu favor. Para Paulo, as orações deles eram mais importantes que seus presentes. Ele conseguia viver sem presentes (veja Fp 4.11-13), mas não sem orações. O pedido sucinto: “Irmãos, orai por nós” (1Ts 5.25) resume seu senso de urgência no sentido de que os crentes se juntassem a ele no ministério ao orar em seu favor.

É muito provável que os cristãos de países com histórico de envio de missionários tenham negligenciado o aspecto da oração na cooperação no evangelho muito mais do que negligenciaram a parceria pela doação. Com demasiada frequência o missionário está “longe dos olhos, longe do coração”. Podemos estabelecer um programa de contribuição, seja por intermédio da nossa igreja, seja por uma agência independente, para assim

doarmos com regularidade para o projeto missionário. Esse é um passo positivo que deve ser dado. Mas somos igualmente fiéis em orar como somos em doar? Se pretendemos de verdade ser cooperadores no evangelho, devemos nos comprometer em orar pelos missionários — bem como por pastores e evangelistas em nosso país — de maneira constante e significativa.

Cada missionário em nosso país ou no exterior e cada agência missionária com os quais nossa família contribui estão relacionados em minha lista de oração pessoal e são objeto de oração regular. Não podemos deixar essa parte de nossa responsabilidade entregue ao acaso. A fim de sermos verdadeiros cooperadores em oração, devemos estruturar nossa agenda e vida de oração para cumprir nossa responsabilidade na parceria. E, de novo, como na responsabilidade de cooperarmos contribuindo, tampouco essa responsabilidade é uma opção. Se pretendemos ser obedientes ao mandamento de Cristo de ir por todo o mundo, a questão não é se oraremos ou não, mas simplesmente onde nossa responsabilidade pessoal está. Que missionários ou agências Deus tem designado para nós como nossa responsabilidade de cooperar por meio de nossas orações?

Nossa parceria em oração deve ser não só constante, mas também significativa: isto é, nossas orações devem ir além do genérico, ao tratar de necessidades e oportunidades específicas que nossos parceiros missionários estão enfrentando. Paulo foi muito específico em seu pedido de socorro em oração para a igreja de Roma. Ele escreveu: “Rogo-vos, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas vossas orações em meu favor diante de Deus, para que eu fique livre dos rebeldes da Judeia e para que este meu serviço em Jerusalém seja aceitável aos santos” (Rm 15.30,31).

Paulo pediu oração por sua proteção pessoal (a fim de que pudesse ser resgatado dos descrentes) e pelo sucesso de um ministério específico (que seu serviço fosse aceitável aos santos). Ele fez um pedido de oração semelhante aos cristãos tessalonicenses: “Por fim, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor seja divulgada e glorificada [...] para que nos livremos de homens perversos e maus...” (2Ts 3.1,2).

Uma rápida observação dos apelos de Paulo por oração mostra uma divisão mais ou menos igualitária entre pedidos por suas necessidades pessoais e pedidos em favor de seu ministério. Isso deve nos dar um senso

generalizado de equilíbrio ao orarmos por missionários hoje. Os missionários e suas famílias têm necessidades pessoais — solidão, adaptação cultural, proteção contra danos, assistência médica — e também têm necessidades relacionadas ao ministério. Já observei em reuniões de oração que, quando oramos por nossos missionários, temos a tendência de nos concentrarmos nas necessidades pessoais. A razão, claro, é que conseguimos nos identificar mais facilmente com esse tipo de necessidade. Mas, se de fato quisermos ser parceiros deles no ministério, devemos também nos juntar a eles em oração por suas necessidades ministeriais.

Paulo pediu oração por coisas como ousadia para compartilhar a Cristo, por encontrar as palavras certas a serem ditas, por portas abertas para proclamar o evangelho e pela rápida propagação da mensagem (veja Ef 6.19; Cl 4.3,4; 2Ts 3.1). Os missionários de hoje têm as mesmas necessidades ministeriais de Paulo. Também precisam de ousadia ao compartilhar a Cristo, sabedoria para achar a melhor maneira de fazê-lo e as portas abertas da oportunidade.

Uma das necessidades mais críticas, no entanto, pode ser encontrada na instrução de Jesus, que recomendou aos discípulos que orassem por trabalhadores para a seara (veja Mt 9.38). Talvez a necessidade mais premente no campo missionário hoje seja para que Deus levante trabalhadores dentro das fileiras da população de cada país. Por conseguinte, a tarefa mais urgente do missionário hoje é treinar obreiros do país em que está trabalhando. Devemos orar para esse fim. Na verdade, esse pedido particular de oração — para que Deus levante obreiros do país — é meu pedido de oração número um quando oro por missões e missionários mundo afora.

Enquanto escrevia este capítulo, recebi um pedido de oração por meio de uma carta de um amigo missionário, que citou S. D. Gordon a respeito da importância de orar por missões. Aqui está o que disse Gordon:

A melhor coisa que cada um de nós pode fazer é orar. Se tivermos condições de ir pessoalmente a uma terra distante, ainda assim teremos ido a um só lugar.

A oração nos coloca em contato dinâmico e direto com um mundo. Qualquer pessoa pode se afastar um pouco hoje, fechar a porta e dedicar realmente meia hora da sua vida em favor da Índia para Deus, como se estivesse lá em carne e osso. Com certeza você e eu devemos dedicar mais meias horas a esse serviço secreto.

Meu amigo missionário prosseguiu em sua carta, enfatizando que não são só as meias horas que contam. Diz ele: “As sessões de poucos minutos que você investe em benefício de pessoas e necessidades no exterior também podem causar grande impacto. Meia dúzia dessas sessões ao longo do dia vão se somando e acabam significando muito em outras partes do mundo, abrindo corações e frustrando ataques de Satanás”.

Na condição de ex-missionário, posso dar meu testemunho pessoal a respeito da importância de ter parceiros de oração no meu país de origem. Ainda me lembro de um fim de semana particular em que lutava desesperadamente contra o desânimo e a depressão. Na noite do domingo, de repente a depressão se foi. Várias semanas depois, fiquei sabendo que amigos da minha terra natal tinham orado por mim naquele dia e que naquele momento exato Deus atendera as orações deles.

O inglês William Carey, que vem sendo chamado de “pai das missões modernas”, foi para a Índia em 1793. Na época, não existiam sociedades missionárias organizadas, mas, quando Carey orou pelas necessidades de um mundo inalcançado, Deus colocou a Índia em seu coração. Em março de 1793, durante um culto de “comissionamento” em favor de Carey e seu colega, um dos amigos de Carey exclamou: “Há uma mina de ouro na Índia, mas ela parece quase tão funda quanto o centro da Terra!”. Ao que Carey retrucou: “Estou disposto a correr o risco de descer dentro dela, mas lembrem-se de que cabe a vocês segurar as cordas”.¹

Como Carey esperava que seus amigos “segurassem as cordas”? Tinha de ser por meio da parceria em oração e em contribuição. Aqueles que seguram as cordas são tão importantes na cooperação quanto aqueles que descem à mina. Segurar as cordas para os outros é uma parte importante da comunhão bíblica; é essencial para a propagação do evangelho.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. Em Filipenses 1.3-5, pelo que Paulo se mostrou particularmente grato a Deus em relação aos crentes filipenses, ao orar por eles com alegria?
2. Pense na seguinte declaração: “A comunhão é menos uma atividade a ser desfrutada do que uma responsabilidade a ser assumida”. Você concorda ou discorda? Por quê?

3. Koinonia tem uma conotação interna e outra externa, dependendo do uso da palavra. Qual é o seu lugar na prática dessa disciplina?

¹ Mary Drewery, *William Carey* (Grand Rapids: Zondervan, 1979), p. 46. De acordo com Drewery, a citação não é exata, mas contém a essência do que foi dito.



DONS ESPIRITUAIS DENTRO DA COMUNIDADE

*Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros,
administrando fielmente a graça de Deus
em suas múltiplas formas.
1Pedro 4.10, NVI*

No momento da nossa conversão, Deus nos integra ao corpo de Cristo. Ele nos coloca em um relacionamento comunitário com todos os outros crentes, no qual partilhamos de uma vida comum em Cristo. Esse é um fato objetivo; *estamos* em comunhão com todos os outros crentes. Esse aspecto objetivo da comunhão, no entanto, destina-se a fornecer uma base para a comunhão experiencial. Não fomos feitos para ser participantes passivos ou, para usar uma metáfora do mundo dos negócios, sócios anônimos no empreendimento do evangelho. Pelo contrário, Deus pretende que todos os cristãos sejam participantes ativos do corpo, cooperadores trabalhando em todo o projeto do evangelho.

Para isso, Deus atribuiu a todo cristão uma função no corpo de Cristo. Não há exceções em relação a isso; todo membro tem uma função dentro do corpo que Deus lhe incumbiu de exercer. Warren Myers, no livro *Pray: how to be effective in prayer* [Ore: como ser eficaz na oração], fala de duas pessoas notáveis: William Carey, missionário na Índia, e a irmã acamada de Carey,

quase paralítica por completo. William Carey realizou um trabalho de tradução da Bíblia sem igual na história missionária e, como vimos no capítulo anterior, tem sido chamado de “pai das missões modernas”. De sua irmã nem o nome sabemos. Ela é mencionada apenas como irmã de Carey. Mas, enquanto ele trabalhava na Índia traduzindo e imprimindo partes da Bíblia ou todo o livro sagrado em quarenta línguas, ela permanecia deitada em Londres, orando hora após hora, mês após mês, por todos os detalhes, problemas e lutas do trabalho do irmão. Ao contar essa história de Carey e sua irmã, Myers pergunta: “Na conta de quem Deus creditará as vitórias conquistadas por intermédio desse homem extraordinário?”.¹ Todos sabemos que a irmã de Carey compartilhava de seu ministério. Na verdade, ela era parte vital dele. Sem seu ministério de intercessão em favor do irmão, o trabalho não teria seguido em frente.

FUNÇÃO NO CORPO

O objetivo da história de William Carey e sua irmã é enfatizar que Deus atribui a *cada* crente uma importante função no corpo. Ele designou Carey para fazer o trabalho de tradução na Índia e a irmã dele para orar por esse trabalho, enquanto permanecia imobilizada em seu leito em Londres. A função de William Carey tinha grande visibilidade, ao menos para nós hoje; a função de sua irmã provavelmente era desconhecida, exceto para um pequeno grupo de pessoas. No entanto, os dois tinham um papel vital a desempenhar no projeto missionário na Índia. Deus designou a cada um deles uma função específica e capacitou-os por sua graça a desempenhá-la.

Do mesmo modo que Deus atribui a cada um de nós uma função no corpo de Cristo, também nos equipa para exercer essa função. No Novo Testamento, essa capacitação é chamada de “dom”. O dom espiritual é uma habilidade concedida por Deus, pela qual o Espírito Santo confere poder para desempenharmos a função específica dentro do corpo atribuída por Deus a cada um de nós. Os dons espirituais são distintos das habilidades naturais, ainda que os dons com frequência incorporem algumas delas. Embora tanto os dons quanto as habilidades sejam dádivas de Deus, os dons têm relação específica com a função que Deus designou para nós no corpo.

Em seu discurso sobre dons espirituais em Romanos 12.3-8, Paulo, usando a analogia do corpo físico, disse: “Pois assim como em um corpo temos muitos membros, e todos os membros não têm a mesma função, assim também nós, embora muitos, somos um só corpo em Cristo [...]. De modo que temos diferentes dons segundo a graça que nos foi dada...” (v. 4-6). Observe a relação entre função e dom. Todos temos diferentes funções e, por conseguinte, diferentes dons que nos capacitam a cumprir essas funções.

Em anos recentes, grande ênfase tem sido dada aos dons espirituais, em especial ao aspecto da descoberta do dom particular de cada um. Lamentavelmente, não se tem dado ênfase suficiente à descoberta da *função* da pessoa no corpo. Os dons são conferidos por Deus a fim de nos capacitar a exercer nossa função. Como disse Pedro em 1Pedro 4.10: “Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas” (NVI). E Paulo falou de maneira semelhante sobre a importância do dom para a comunidade: “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para benefício comum” (1Co 12.7). Os dons devem ser usados para servir os outros; eles são conferidos para o bem comum do corpo inteiro. O propósito dos dons é nos capacitar para exercermos nossa função.

Hoje em dia, muitas pessoas estão se perguntando qual é o seu dom, mas fazem a pergunta errada. Devemos buscar, acima de tudo, descobrir nossa função no corpo: a tarefa específica atribuída por Deus. Podemos estar certos de que Deus nos equipou, tanto em habilidade natural quanto em dons espirituais, para a função que nos chamou a desempenhar.

Ao longo dos anos, concluí que meus dons são nas áreas da administração e do ensino, mas não percebi isso no início de minha experiência cristã. Entrei para a obra vocacional cristã em tempo integral com 25 anos, e por vários anos simplesmente trabalhei nas tarefas que Deus me dava para executar no The Navigators. Mais tarde concluí, olhando para trás, que Deus me dera o dom da administração, porque sempre me designara para esse tipo de ministério no The Navigators e sempre me capacitara a realizá-lo bem. De igual modo, concluí que Deus também me dera o dom do ensino porque sempre me via trabalhando nessa área e experimentando a bênção de Deus em meus esforços.

O fato importante a observar, porém, é que eu vinha desempenhando as funções de administração e ensino muito antes de reconhecê-las como dons

concedidos por Deus. Ele me atribuíra as funções de administração e ensino. Ele me capacitara por meio de dons espirituais para realizá-las e dispusera de maneira providencial as circunstâncias da minha vida de modo que eu desempenhasse de fato essas funções. Nossos dons são sempre coerentes com nossa função.

Ao definir as extensas áreas da comunhão como descritas no Novo Testamento, tenho usado as palavras *participação* e *cooperação*, ambas traduções válidas para o termo grego *koinōnia*. Se vemos a igreja de Jesus Cristo como seu *corpo*, então reconhecemos que somos participantes, partilhando uma vida comum em Cristo e usando nossos dons espirituais para servir uns aos outros, edificando-nos de forma simbiótica na fé. Mas a igreja é também um empreendimento espiritual comprometido em levar a cabo a Grande Comissão de Cristo de fazer discípulos de todas as nações. Como membros desse empreendimento, temos sido chamados por Deus para ser uma equipe de parceiros dedicados, ativamente envolvidos nesse esforço.

Não importa se percebida como participação ou cooperação, em ambos os casos a comunhão implica responsabilidade de desempenharmos nossa função no corpo. Em geral, não pensamos na comunhão como o cumprimento de uma responsabilidade, mas isso é porque perdemos de vista o significado bíblico de comunhão. Comunhão não é apenas um privilégio social a se desfrutar; seu sentido mais básico é de uma responsabilidade a se assumir.

COMPARTILHANDO NOSSOS DONS ESPIRITUAIS

Koinonia também pode significar compartilhar o que temos com outros. Duas áreas específicas de compartilhamento mencionadas na Bíblia são as das verdades espirituais e dos bens materiais. Mas também somos chamados para compartilhar com as pessoas os benefícios dos nossos dons espirituais. Como disse Pedro, devemos usá-los para servir os outros. Assim, quer pensemos na comunhão como um compartilhamento em uma participação conjunta, quer como um compartilhamento do que temos com outros, descobrimos que ela envolve o uso dos dons que Deus nos tem concedido.

Dei a este capítulo o título “Dons espirituais dentro da comunidade”. Para os que estão acostumados a pensar na comunhão cristã como uma atividade social ou como o compartilhamento de verdades espirituais, essa ênfase na comunidade pode soar estranha. Mas, quando vemos que essa vida em comum é um “compartilhamento de” ou um “compartilhamento com”, faz sentido. A comunhão dos nossos dons espirituais é o uso desses dons em benefício do restante do corpo e para o avanço do reino de Deus.

PRINCÍPIOS A RESPEITO DOS DONS ESPIRITUAIS

Tendo visto que a comunhão bíblica envolve o uso de nossos dons espirituais para exercermos nossa função no corpo, precisamos examinar certas verdades ou princípios básicos relacionados com os dons espirituais.

1. *O propósito de todos os dons espirituais é servir pessoas e glorificar a Deus.* Observe uma vez mais 1Pedro 4.10, em conjunto com o versículo 11: “Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros [...] de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo...” (NVI). De acordo com Pedro, há dois objetivos na utilização de nossos dons: servir pessoas e glorificar ou louvar a Deus. Ele também se refere a nós como administradores no uso dos nossos dons: “Servi uns aos outros conforme o dom que cada um recebeu, como bons administradores da multiforme graça de Deus” (1Pe 4.10). A palavra *administrador* se refere a alguém que gerencia a propriedade, as finanças ou outros assuntos de outra pessoa. Os dons que temos não são propriedade nossa para usarmos como bem nos apraz; são um dever a nós confiado por Deus para ser usado em favor dos outros e para glória do próprio Deus, conforme sua direção.

Não há lugar no uso dos dons espirituais para a busca de reconhecimento, fama ou realização pessoal. É verdade que alguns dons, por sua natureza, trazem reconhecimento ou fama mais do que outros. Em sua abordagem clássica dos dons espirituais em 1Coríntios 12, Paulo reconhece esse fato. Ele afirma que a mesma hierarquia de preponderância e força que existe entre as partes do corpo físico se acha presente também entre os membros do corpo de Cristo. Mas o fato de isso ser verdade não é desculpa para cobiçarmos o reconhecimento ou usarmos nossos dons a fim de conquistá-lo. Deus dá o reconhecimento a quem assim lhe agrada. Dois

homens podem ser igualmente talentosos no ensino da Palavra, mas Deus designa um para o grande púlpito e um ministério no rádio, ao mesmo tempo que designa o outro para uma situação de discipulado individual ou uma pequena classe de escola dominical. Um recebe reconhecimento e fama; o outro é desconhecido fora de sua pequena esfera de ministério.

Alguns dons, por sua natureza, são mais públicos do que outros, por isso mais propensos a despertar reconhecimento. Isso seria verdade, por exemplo, em relação aos dons de ensino e de serviço. Em nossa igreja, há os que exercem o dom do ensino. Com frequência ficam à frente de nossas classes de escola dominical ou grupos de estudo bíblico. Todo mundo sabe quem são. Há outros que exercem o dom de serviço, cuidando para que os aspectos físicos da igreja estejam em ordem e funcionem da maneira adequada para os demais. Dificilmente alguém enxerga o trabalho que fazem. Na verdade, desde que o façam bem, pouca gente chega a pensar no assunto; o trabalho deles é dado como certo pela maioria da congregação.

Desde que tenhamos em mente o propósito dos dons, no entanto, não nos preocuparemos com reconhecimento ou fama. Buscaremos usar esses dons como bons administradores, a quem foi confiada a graça de Deus para usá-los a serviço das pessoas e glorificá-lo. Não importa se temos um dom público como o ensino ou um dom menos visível como o serviço, o objetivo final é que “em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo”.

2. Todo cristão tem um dom, e cada dom é importante. Já declaramos neste capítulo que Deus atribui a cada crente uma função no corpo de Cristo e, por conseguinte, capacita cada membro a desempenhar essa função. Precisamos ressaltar esse ponto. Deus concedeu um dom espiritual a cada crente no corpo de Cristo. Paulo disse expressamente: “Mas a manifestação do Espírito é dada a cada um para benefício comum” (1Co 12.7). É importante reconhecermos esse fato porque muitos cristãos parecem pensar que não têm um dom. Talvez eles adotem essa atitude porque cobiçam em segredo um dom público que possa trazer reconhecimento ou porque têm uma visão excessivamente restritiva dos dons espirituais que os impede de reconhecer, por exemplo, que sua habilidade de demonstrar compaixão pelo necessitado, pelo sofredor e por quem é pouco atraente é na verdade o importante dom da misericórdia.

Declarar: “Não acho que eu tenha um dom” é dizer: “Não acho que eu tenha uma função no corpo de Cristo”. Essa ideia é contrária a todo o

ensino do Novo Testamento. Deus tem um trabalho para cada crente. Pode ser visível ou invisível, grande ou pequeno, todavia cada um de nós tem um trabalho a realizar.

Não só cada um de nós tem um dom como cada um dos nossos dons é importante. De novo, temos a tendência de reconhecer os dons mais públicos e visíveis como importantes e os dons mais discretos como talvez não tão importantes. O apóstolo Paulo antecipou essa tendência ao imaginar o pé dizendo: "... Não sou mão e, portanto, não faço parte do corpo...". E a orelha afirmando: "... Não sou olho e, portanto, não faço parte do corpo..." (1Co 12.15,16). Aqui Paulo tem em mente a pessoa com o dom menos evidente comparando-se à pessoa com o dom mais evidente e achando que não tem dom algum. Creio que essa seja uma tendência muito comum entre cristãos hoje, ainda mais entre aqueles que têm os dons de servir os outros de maneira prática, como por meio da hospitalidade ou de atender às necessidades temporais dos demais integrantes do corpo.

Claro, há também um perigo de que aqueles com os dons mais públicos desprezem ou subestimem em segredo a contribuição para o corpo de quem tem dons menos visíveis. Mais uma vez, Paulo antecipou essa tendência em 1Coríntios 12.21 ao explicar: "E o olho não pode dizer à mão: Não tenho necessidade de ti; nem ainda a cabeça pode dizer aos pés: Não tenho necessidade de vós". Todos necessitamos da contribuição uns dos outros no corpo. Como algumas funções no corpo humano são, em certo sentido, mais importantes do que outras, assim é com alguns dons no corpo de Cristo. Paulo parecia reconhecer esse fato (veja 1Co 12.28-31). Mas isso não muda a realidade de que *todos* os dons são importantes. Alguns são mais importantes do que outros, talvez, mas nenhum é insignificante. Portanto, quer tenhamos os dons menos importantes, quer tenhamos os mais importantes, não invejemos um ou menosprezemos o outro. Precisamos reconhecer que cada dom é necessário no corpo e importante para Deus.

3. *Os dons são concedidos soberanamente por Deus.* Da mesma forma que Deus nos atribui determinadas funções no corpo, assim ele concede nossos dons. Falando a respeito de dons em 1Coríntios 12.11, Paulo ensinou: "Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, como quer" (NVI). Usando outra vez o corpo físico como analogia, Paulo declarou no versículo 18: "... Deus colocou os membros no corpo, cada um conforme quis". A inferência

óbvia é que, como Deus dispôs de maneira soberana os membros do corpo físico, assim ele nos dispôs, também de maneira soberana, como membros individuais no corpo de Cristo.

Talvez esse princípio pareça evidente demais para ser enunciado, mas pense em suas implicações e aplicações. Os dons que você tem são porque o Deus soberano do universo quis que você fosse assim. Ele traçou um plano para sua vida antes mesmo que você nascesse e o dotou especificamente para levar a cabo esse plano.

Nunca menospreze seu dom. Se o fizer, estará depreciando o plano de Deus e talvez se queixando dele. De semelhante modo, nunca despreze o dom de outra pessoa. Se o fizer, estará desdenhando do plano de Deus para ela.

Deus não apenas determina que dom (ou dons)² cada um de nós tem, mas também a medida ou extensão desse dom. Duas pessoas podem ter o mesmo dom, mas em diferente medida. Anteriormente fiz menção à possibilidade de dois professores da Palavra com idêntica capacitação, um trabalhando na obscuridade e o outro desfrutando de vasto reconhecimento. Embora eu reconheça essas realidades no funcionamento do corpo, acredito que a explicação costumeira seja de que duas pessoas são dotadas em determinada área, mas que uma é mais talentosa do que a outra. Ambos os dons estão sendo postos em operação sob a providência soberana de Deus.

Jesus falou de três servos que receberam diferentes quantias de dinheiro (veja Mt 25.14-30). Cada um deles devia investir certa soma em dinheiro a fim de ganhar juros. Pelo que tudo indica, cada servo recebeu o mesmo chamado para investir dinheiro, mas os três tinham graus diferentes de habilidade dentro desse chamado e, portanto, receberam diferentes graus de responsabilidade, de acordo com suas habilidades.

O mesmo acontece com os dons espirituais. Deus nos dá não apenas o dom particular, mas também a medida desse dom. Então ele nos responsabiliza pelo uso do nosso dom em plena medida. A pessoa que tem maior medida de determinado dom tem maior responsabilidade para com ele. "... A quem muito é dado, muito será exigido..." (Lc 12.48). Os três servos da parábola dos talentos foram julgados não em relação uns aos outros, mas de acordo com a maneira de usarem o que lhes fora confiado.

4. *Todo dom é concedido pela graça de Deus.* A palavra grega para dom espiritual é *charisma*, que quer dizer "um dom da *graça* de Deus", seja ele o

dom da vida eterna, como em Romanos 6.23, seja o dom de uma habilidade espiritual para uso no corpo.

Paulo disse: “De modo que temos diferentes dons segundo a *graça* que nos foi dada...” (Rm 12.6). E Pedro declarou: “Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros, administrando fielmente a *graça* de Deus em suas múltiplas formas” (1Pe 4.10, NVI). Nenhum de nós merece o dom que lhe foi dado. Todos os dons são dados pelo favor imerecido de Deus para conosco por meio de Cristo.

Em Efésios 3.7,8, Paulo testemunhou espontaneamente que não merecia ser apóstolo de Jesus Cristo: “Fui feito ministro desse evangelho, segundo o dom da graça de Deus, que me foi concedida conforme a atuação do seu poder. A mim, o menor entre todos os santos, foi concedida a graça de anunciar aos gentios as riquezas insondáveis de Cristo”.

De acordo com esse princípio, tanto o mais digno quanto o mais indigno de todos os cristãos recebem seus dons pela mesma premissa. A pessoa indigna com certeza não merece seu dom, mas tampouco a digna o merece. As duas os recebem como favores imerecidos de Deus. A pessoa cheia de dons não deve pensar que é assim talentosa graças a seu trabalho duro ou sua fidelidade no serviço prévio prestado a Deus. De igual modo, a pessoa que sente que desperdiçou boa parte da vida e conseqüentemente não merece nenhum dom espiritual não deve se desesperar. Paulo disse que recebeu seu dom apesar de ser o menor de todos dentre o povo de Deus. Digno ou indigno, não faz diferença: todos os dons são dados pela graça de Deus.

5. *Todos os dons devem ser desenvolvidos e exercitados.* Embora os dons sejam conferidos pela graça de Deus, é nossa responsabilidade desenvolvê-los e exercitá-los. Paulo exortou Timóteo a reacender ou manter viva “a chama do dom de Deus” (2Tm 1.6, NVI). Em outro lugar, Paulo lhe disse: “Não negligencie o dom que lhe foi dado...” (1Tm 4.14, NVI).

A fim de exercitarmos com eficácia nossos dons espirituais, embora eles sejam concedidos soberana e graciosamente, devemos desenvolvê-los e usá-los. A utilização efetiva de nossos dons não ocorre sem esforço diligente da nossa parte. Timóteo já tinha o dom do ensino, mas Paulo não hesitou em insistir com ele para ser diligente em se apresentar a Deus como um obreiro capaz de manejar corretamente a Palavra da Verdade. E em 1Timóteo, depois de exortar o jovem obreiro a não negligenciar seu dom, Paulo disse:

“Seja diligente nessas coisas; dedique-se inteiramente a elas...” (1Tm 4.15, NVI). O uso por Timóteo de seu dom não era uma questão de indiferença. Ele tinha de prestar contas a um Deus soberano quanto ao desenvolvimento e ao uso do dom que recebera.

Isso significa trabalho duro. A pessoa com o dom de ensino deve estudar com zelo para aprender a verdade de Deus e deve em seguida trabalhar com diligência para transmiti-la de um modo claro e inspirador. A pessoa com o dom de serviço deve lutar para se tornar competente e eficiente em sua área particular de trabalho, a fim de garantir que os resultados de suas tarefas reflitam um padrão de excelência que glorifique a Deus. Não há lugar nem para o ensino de má qualidade nem para o serviço malfeito no reino de Deus.

O crente com o dom de misericórdia deve estudar como utilizá-lo para aliviar da melhor maneira possível os sofrimentos e misérias alheios. A pessoa que tem o dom de liderança deve estudar os princípios da liderança, a fim de usar seu dom da maneira mais eficaz possível, para assim, como disse Paulo, governar com diligência. O simples fato de termos um dom espiritual não quer dizer que podemos automaticamente cumprir nossa função no corpo, sem esforço consciente. Ao contrário, somos responsáveis por desenvolver e usar os dons que Deus nos tem dado.

6. *O uso efetivo de cada dom depende da fé em Cristo.* Embora os dons sejam concedidos de maneira soberana e seu exercício efetivo envolva trabalho duro e esforço diligente, também é verdade que nenhum dom é exercitado separadamente da fé em Cristo. Não podemos pressupor a bênção de Deus para nossos esforços, mesmo que estejamos trabalhando dentro dos limites dos dons que ele nos tem concedido. A necessidade da dependência consciente de Cristo para recebermos seu poder capacitador é um fato fundamental para todo aspecto da vida cristã, seja em crescimento espiritual em nossa vida, seja em serviço dentro do corpo. Jesus disse: “... sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5).

Falando dos próprios esforços diligentes, Paulo escreveu aos crentes em Colossos: “Para isso eu me esforço, lutando conforme a sua força, que atua poderosamente em mim” (Cl 1.29, NVI). Paulo batalhava com diligência no exercício de seus dons. Na verdade, como já vimos, ele descreveu seu trabalho como “esforçar-se lutando”. Ainda assim, também dependia de

Cristo. O apóstolo perseverante lutava com a força que Cristo infundia nele, ao mesmo tempo que batalhava na dependência de Cristo.

Manter a perspectiva apropriada da responsabilidade pessoal diligente e uma atitude sincera de completa dependência de Cristo a fim de recebermos seu poder requer vigilância constante em dois sentidos. De um lado, podemos ser culpados de indolência no desenvolvimento ou uso de nossos dons sob o pretexto de que estamos “confiando no Senhor”. Por outro, podemos ou presumir a bênção de Deus enquanto tentamos usar nossos dons na força de nossas habilidades ou insistir na ideia de que “já fizemos isso inúmeras vezes”.

Para mim, é mais fácil reconhecer de maneira consciente minha dependência de Cristo na área do ensino do que na área da administração. Ensinar a verdade espiritual a partir da Bíblia é evidentemente um trabalho espiritual que exige capacitação divina. A administração, que para mim significava cuidar de questões de negócios do The Navigators, não é tão obviamente espiritual.³ A tentação era depender do meu treinamento, experiência e “sabedoria prática”, e não de Deus. É bastante instrutivo, no entanto, observar que, em sua admoestação relativa ao uso dos nossos dons, Pedro disse de maneira muito clara: “... se alguém serve, sirva segundo a força que Deus concede...” (1Pe 4.11). O dom do serviço costuma ser associado às necessidades físicas e materiais dentro do corpo. Contudo, a satisfação dessas necessidades físicas requer a força de Deus tanto quanto a satisfação das necessidades espirituais do corpo. Aliás, sem Cristo não podemos fazer nada.

7. Só o amor dará verdadeiro valor a nossos dons. Em qualquer abordagem dos dons espirituais, devemos dedicar cuidadosa atenção ao fato de que a passagem clássica das Escrituras sobre o amor cristão, 1Coríntios 13, está inserida bem no meio da abordagem mais extensa da Bíblia sobre dons espirituais. Na primeira parte da passagem bíblica, Paulo nos disse que, mesmo se tivermos os maiores dons, a fé mais extraordinária e demonstrarmos zelo e coragem incríveis, mas não tivermos amor, não somos nada nem realizamos nada.

Os dons e traços de caráter que Paulo mencionou nos versículos de 1 a 3 não são insignificantes nem banais. O que quer que possamos pensar sobre a concessão e o uso de alguns desses dons hoje, o fato é que, no tempo de Paulo, os dons de línguas e profecia eram os mais cobiçados. E quem de nós

não desejaria a fé que move montanhas, ou o espírito de sacrifício que nos levaria a dar nossos bens aos pobres, ou a coragem espiritual que capacita mártires a suportarem as chamas?

No entanto, Paulo diz com muita simplicidade, não uma, mas três vezes, que só o amor confere valor aos nossos dons, à nossa fé e ao nosso zelo. Se nos propusermos apenas ao exercício dos nossos dons, ao aumento da nossa fé e à promoção do nosso zelo e coragem sem buscarmos crescer em amor, seremos comparáveis a nada e nada realizaremos. Podemos gerar muita atividade cristã, ganhar alguma medida de fama e até dar a impressão de que realizamos alguma coisa para Deus. Mas, se não tivermos amor, a soma de tudo equivalerá a nada.

Imagine ou anote em uma folha de papel uma fileira de zeros. Continue acrescentando zeros até encher uma linha inteira da página. O que eles acrescentam? Absolutamente nada! Mesmo se você escrevesse mil deles, continuariam sendo nada. Mas coloque um número positivo na frente deles e no mesmo instante passam a ter valor. Assim é com nossos dons, fé e zelo. São zeros em uma página. Sem amor, resultam em nada. Mas coloque amor na frente deles e de imediato passam a ter valor.⁴ E, assim como o número dois dá mais valor a uma fileira de zeros do que o número um, da mesma forma mais e mais amor pode acrescentar exponencialmente maior valor a nossos dons.

Observe como Paulo descreve o amor nos versículos 4-7. Cada descrição que ele faz acontece na arena dos relacionamentos interpessoais. Seria de esperar, a partir do contexto mais amplo, que Paulo quisesse nos instruir sobre como profetizar em amor, como exercitar fé em amor e como dar sacrificialmente em amor, mas ele não faz isso. Em vez disso, ele fala sobre exercitar paciência e ser gentil uns com os outros. Fala do amor que elimina a inveja e a vanglória, a grosseria e o egoísmo. Diz que o amor não se ira com facilidade e não guarda registro dos erros. Com isso, ele saltou do tema dos dons para o dos relacionamentos.

O que Paulo está *nos* dizendo por meio dessa sutil mudança de assunto? Apenas o seguinte: o amor deve permear e governar todos os aspectos da nossa vida. O amor não deve ser exercitado apenas no uso dos nossos dons e no desempenho de nossos muitos deveres cristãos. Ele deve ser exercitado em casa, no escritório, na sala de aula — locais onde nossos dons não são objeto de especial consideração. O amor deve ser exercitado todo o tempo

nos deveres mais seculares da vida, não só quando estamos envolvidos na obra cristã. A ausência de amor, entretanto, nos afazeres cotidianos e nos relacionamentos da vida pode sabotar e destruir o uso efetivo dos nossos dons.

Este não é um livro sobre amor ou mesmo sobre dons, mas sobre comunidade e comunhão entre irmãos: uma partilha da vida que temos em comum em Jesus Cristo. É o amor que nos possibilita, na prática, compartilhar essa vida. É o cimento do amor que une as pedras vivas que estão sendo erigidas em uma casa espiritual. O amor é o ligamento que une os membros em um corpo. E, embora nossos dons sejam importantes no *funcionamento* do corpo, é o amor que dá *unidade* a esse corpo e torna efetivo seu funcionamento.

Portanto, qualquer consideração sobre dons deve incluir a importância do amor. Todos cremos nisso, mas costumamos falhar em colocar em prática. Com frequência colocamos as pessoas nas organizações cristãs com base em dons e outras habilidades, dando pouca atenção à capacidade que elas têm de amar. Os conselhos das igrejas, ao avaliar candidatos a pastor, dão grande atenção ao talento para pregar e à competência para aconselhar, mas raramente alguém pergunta: “Ele demonstra amor em casa ou para com o zelador e a secretária da igreja?”. A maior parte do nosso treinamento de discipulado — na universidade, na base militar ou na igreja local — enfatiza o treino em habilidades ministeriais. Ainda que isso certamente seja importante, não devemos negligenciar o crescimento em amor. Lembro-me de ouvir falar sobre um estudante universitário de quem se dizia: “Ele consegue levar pessoas para Cristo, mas ninguém quer dividir o quarto com ele”. Se ele de fato era capaz, dada essa imaturidade de caráter, de levar pessoas a um conhecimento salvífico de Cristo poderia ser questionado por alguns. No entanto, independentemente disso, a verdade é que grande dose de amor se fazia necessária para torná-lo eficaz de verdade.

E assim é com todos nós. Devemos buscar exercitar com diligência os dons que Deus tem nos conferido por sua graça. Temos de fazê-lo com fé em Cristo a fim de torná-los frutíferos. Mas, tanto no uso de nossos dons espirituais quanto no exercício de nossos ministérios cristãos, precisamos buscar crescer em amor uns pelos outros. Do contrário, quando o capítulo final da nossa vida for escrito, teremos de redigir uma frase final: “Não consegui nada”.

RECONHECENDO SEUS DONS

Quando nos comprometemos de verdade em fazer a vontade de Deus, podemos ter certeza de que ele direcionará de tal forma o curso de nossa vida que começaremos a exercitar nossos dons espirituais e a exercer nossa função no corpo de Cristo. No transcorrer do tempo, contudo, é importante avaliarmos a intervalos regulares como Deus tem direcionado nossa vida no serviço aos outros dentro do corpo. Se precisamos desenvolver nossos dons, temos de saber quais são. Além do mais, parece ser a experiência comum da maioria dos cristãos que o modo de Deus direcionar a vida deles muda à medida que amadurecem em Cristo.

Quando somos cristãos espiritualmente jovens, Deus costuma nos dirigir à sua vontade específica para nossa vida por meio de circunstâncias providenciais muito claras ou por meio de fortes indicações subjetivas da sua vontade. Quando somos espiritualmente imaturos, precisamos ser levados como uma criança que um adulto conduz por uma rua movimentada. Ao amadurecermos no Senhor, no entanto, descobrimos que nossas percepções subjetivas da vontade de Deus são bem menos frequentes e sua vontade particular para nós, muito mais difícil de determinar. É nesse momento que nossa consciência de quais dons particulares Deus nos tem dado pode nos ajudar a determinar sua vontade específica para nós em certos períodos de tomada de decisão. Uma das decisões profissionais mais importantes que já tomei foi alcançada principalmente com base em meus dons espirituais, que eram mais adequados para uma opção do que para outra. O reconhecimento e a compreensão dos seus dons espirituais deveriam ser um fator crucial para decidir a orientação de Deus nas grandes decisões da sua vida.

Em Romanos 12.3, Paulo insiste conosco para que avaliemos nossos dons ao dizer: “Porque pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo mais do que convém; mas que pense de si com equilíbrio, conforme a medida da fé que Deus repartiu a cada um”. O contexto de tal passagem indica que esse é um chamado à avaliação séria de nossos dons espirituais. Como, então, devemos apreciar a condução de Deus em nossa vida e reconhecer os dons que ele nos tem dado para o bem do corpo?

Embora não seja possível fornecer uma fórmula pronta, várias sugestões podem ser úteis na avaliação de nossos dons. Primeiro, precisamos ter certeza de estar comprometidos em fazer a vontade que Deus determinou para nós. Já se disse que, para descobrir a vontade de Deus, 90% depende de nossa disposição de cumpri-la. Já que a vontade de Deus para nós é coerente com os dons que ele nos concedeu, também podemos dizer que o compromisso de fazer seja lá o que for que Deus deseje que façamos é necessário para determinar quais são nossos dons. Observe, no entanto, que essa é disposição para *fazer* a vontade de Deus e para cumprir nossa função no corpo. Não é uma disposição para descobrir algo sobre nós mesmos — ou seja, para descobrir quais são os nossos dons. Trata-se antes de uma disposição para fazer qualquer coisa que Deus nos designou a fazer no corpo de Cristo.

Supondo que você já tenha se comprometido em fazer a vontade de Deus, considere então como ele o tem conduzido providencialmente. O que ele lhe tem dado para fazer e, de igual importância, o que ele *não* lhe tem dado para fazer? Que tipo de serviço no corpo você tentou realizar no qual experimentou bênçãos divinas sobre seus esforços? Que tentativas você tem feito em que não experimentou as bênçãos de Deus? Que oportunidades para servir têm se aberto para você? Que oportunidades têm se fechado de alguma forma para você?

Em um importante momento de decisão na minha vida, uma oportunidade de ministério que me entusiasmava bastante se fechou porque não havia ninguém que me substituísse em minhas responsabilidades de então. Poucos meses depois, no entanto, uma substituição se tornou disponível e me pediram para assumir um tipo inteiramente diferente de atribuição. Mais tarde ficou claro para mim que a primeira oportunidade estava fora da abrangência dos meus dons, ao passo que a atribuição posterior era coerente com eles. Esse importante incidente, juntamente com outros, ajudou-me a reconhecer quais dons eu tenho e, igualmente importante, quais dons eu não tenho.

Pense também em suas habilidades naturais e seu temperamento. Embora habilidades naturais não sejam a mesma coisa que dons espirituais, é verdade que os dons espirituais se desenvolvem a partir de algumas de nossas habilidades e traços de temperamento. Por exemplo, mencionei que julgo ter o dom de ensino. Esse dom pressupõe, entre outras coisas, a

habilidade de estudar e organizar o fruto do estudo. Sempre fui um estudante natural, tanto no intelecto quanto no temperamento. Sinto-me muito mais à vontade com ideias e conceitos do que com ferramentas e materiais de construção. Os dons de administração e ensino se baseiam em minha habilidade natural e em meu temperamento.

Uma palavra de cautela se faz necessária nesse ponto: habilidades naturais e temperamentos nem sempre são indicadores certos de dons. Muitas habilidades naturais para a música e diversas aptidões criativas têm sido enterradas no campo missionário porque a pessoa foi chamada por Deus para um esforço missionário pioneiro. Nossas habilidades e até nosso temperamento precisam ser depositados aos pés da cruz e deixados ali para que Deus os tome e use em nossa vida ou, se ele assim escolher, para que permaneçam depositados aos pés da cruz.

Talvez o critério mais crucial e revelador para avaliar seu dom seja a confirmação de outros cristãos. O exercício do seu dom espiritual resulta em ministério e bênção para outros. Eles podem dizer se você lhes tem ministrado. Em caso afirmativo, eles o farão saber, seja por palavras de apreciação e encorajamento, seja por pedidos para que você torne a ministrar sobre a vida deles. Por fim, pode buscar confirmação do que acredita serem seus dons consultando cristãos que você respeita, pessoas que o conhecem bem o bastante para ajudá-lo nessa avaliação.

Quaisquer que sejam os seus dons, você pode ter certeza de que, quando os exercitar, encontrará alegria e realização ao compartilhar com outros no corpo os dons que Deus lhe tem concedido.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. Neste capítulo, foi declarado que “Deus atribuiu a todo cristão uma função no corpo de Cristo. Não há exceções em relação a isso; todo membro tem uma função dentro do corpo que Deus lhe incumbiu de exercer”. Você conhece sua função no corpo de Cristo? Como pode descobri-la ou cultivá-la?
2. Você tem em mente uma aplicação para o bem comum quando pensa em seu dom?

3. Temos a tendência em nossa sociedade de pensar em dons como um meio de acesso à fama e de vez em quando às riquezas. Mas quem alcançará a glória no que diz respeito aos dons espirituais?

-
- ¹ Warren Myers, *Pray: how to be effective in prayer* (Colorado Springs: NavPress, 1983), p. xvii.
- ² Parece haver uma discordância entre estudiosos da Bíblia sobre a pessoa poder ter mais de um dom. Pessoalmente acredito que sim, mas a questão não é crucial para nossa discussão. No texto, uso dom ou dons sem nenhuma distinção especial entre singular ou plural.
- ³ Durante 35 anos, meu ministério principal no The Navigators foi na administração e, em segundo lugar, no ensino. Agora meu ministério é exclusivamente de ensino.
- ⁴ Sou devedor a J. D. Jones (1865-1942) pela ilustração, embora não citada textualmente, de seu livro *An exposition of First Corinthians 13*, publicado originalmente em 1925 por Hodder & Stoughton, de Londres, e reeditado em 1982 por Klock & Klock Christian Publishers, Inc., Minneapolis.



COMPARTILHANDO SEUS BENS

*Mas não vos esqueçais de fazer o bem e de repartir
com os outros, porque Deus se agrada de tais sacrifícios.*
Hebreus 13.16

Quase toda semana, minha esposa e eu recebemos cartas de organizações que procuram alcançar crianças de favelas nos Estados Unidos ou alimentar pessoas com fome em países estrangeiros assolados pela seca. Os pedidos de fundos para apoiar esses vários ministérios parecem infinitos, como de fato são, porque as necessidades são infinitas. Além disso, de vez em quando ficamos sabendo de amigos ou conhecidos que enfrentam uma crise financeira por uma ou outra razão.

Que responsabilidade bíblica tem o crente de reagir às necessidades materiais de outras pessoas ou de apoiar organizações que se especializam em satisfazer esses tipos de necessidades? Deus deu instruções em sua Palavra que podem orientar o cristão nessas situações, ou estão todos entregues ao próprio senso de caridade e benevolência? E em que exatamente esse tema da contribuição se relaciona com comunhão e comunidade?

Uma análise das várias maneiras em que o termo *koinōnia* é usado no Novo Testamento revela que seu uso mais comum é para indicar o

compartilhamento de bens com os necessitados. Esse é um fato de certa forma surpreendente se considerarmos que hoje os conceitos mais comuns de comunhão dizem respeito à atividade social cristã ou ao compartilhamento uns com os outros em um nível espiritual. Ao refletirmos, no entanto, sobre o primeiro significado de *koinonia* que vimos no capítulo 1 — que comunhão denota acima de tudo um relacionamento de comunidade entre todos os que creem —, não deveria nos surpreender que um dos principais meios de expressar esse relacionamento é pelo compartilhamento dos nossos bens materiais com os necessitados. Essa demonstração prática de cuidado e preocupação para com outros membros do corpo de Cristo é uma expressão muito importante da comunhão entre irmãos no Novo Testamento.

A fim de avaliarmos com precisão essa ênfase em compartilhar financeiramente com os necessitados, será útil verificar uma lista de passagens das Escrituras que traduzem *koinōnia* dessa maneira. As palavras em *itálico* nos versículos seguintes são todas traduções do termo *koinōnia*, tanto na forma de substantivo quanto de verbo:

Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades. Pratiquem a hospitalidade (Rm 12.13, NVI).

Porque pareceu bem às igrejas da Macedônia e da Acaia levantar uma *oferta* fraternal para os pobres dentre os santos de Jerusalém. Isso lhes pareceu bem, como devedores que são para com eles. Porque, se os gentios *participaram* das bênçãos espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais (Rm 15.26,27).

... deram de livre vontade [...], pedindo-nos, com muita insistência, o privilégio de *participar* da assistência em favor dos santos (2Co 8.3,4).

Por meio dessa prova de serviço ministerial, outros louvarão a Deus pela obediência que acompanha a confissão que vocês fazem do evangelho de Cristo e pela generosidade de vocês em *compartilhar* seus bens com eles e com todos os outros (2Co 9.13, NVI).

Ordene-lhes que pratiquem o bem, sejam ricos em boas obras, generosos e *prontos a repartir* (1Tm 6.18, NVI).

Mas não vos esqueçais de fazer o bem e de *repartir* com os outros, porque Deus se agrada de tais sacrifícios (Hb 13.16).

REPARTIR: UM ATO DE OBEDIÊNCIA

Esses versículos, dispostos dessa maneira, deveriam nos ajudar a valorizar a força do ensino do Novo Testamento sobre a partilha de bens materiais com os necessitados como uma expressão do nosso relacionamento comunitário. Ao meditarmos nessas passagens, duas verdades se destacam de pronto. Primeiro, recebemos a *ordem* de compartilhar com os necessitados e, segundo, é uma *alegria* compartilhar nossos bens com os outros.

Com demasiada frequência, ao que parece, o ato de doar aos necessitados é apresentado como uma questão opcional. As tristes necessidades de crianças sem lar e de tribos famintas nos são apresentadas para suscitar nossa compaixão e apelar para nosso senso de benevolência. A história mais angustiante ganha nossa atenção e com sorte obtém uma reação dos nossos talões de cheque. Ainda que essas necessidades devam mesmo provocar pena e compaixão dentro de nós, essa não deveria ser nossa motivação principal para doar. Em vez disso, o motivo principal deveria ser a obediência a Deus.

Considere as seguintes expressões do apóstolo Paulo, extraídas das passagens de alguns parágrafos atrás: “os gentios [...] *devem* também servi-los [os judeus] com bens materiais”; “... louvarão a Deus pela *obediência* [em dar] que acompanha a confissão que vocês fazem...”; “Ordene-lhes que [...] sejam [...] prontos a repartir.”

Recebemos a ordem de compartilhar; trata-se de um ato de obediência; devemos aos necessitados o gesto de repartir com eles. Essa expressão de comunhão não é uma opção provocada por nossos sentimentos de pena e compaixão; é um dever ordenado por Deus, que brota da natureza da comunhão como um relacionamento de comunidade. Para o cristão que busca obedecer a toda a vontade de Deus, esse compartilhamento nada mais é que uma expressão de obediência a seu Senhor.

Temos de nos livrar da atitude de que dar para os necessitados é algo que podemos ou não fazer, dependendo de como nos sentimos. A questão não é se devemos dar ou não, mas, sim, a quais necessidades, de todas as que chamam nossa atenção, devemos atender.

Claro, a percepção de que pessoas passam por necessidades materiais deveria provocar um senso de compaixão em nós. O apóstolo João disse:

“Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo seu irmão em necessidade, fechar-lhe o coração, como o amor de Deus pode permanecer nele?” (1Jo 3.17). A questão é séria. Basicamente, João está questionando a profissão de fé daqueles cujo coração não se comove o suficiente para acudir os necessitados. Pelo fato de ser o Espírito Santo quem criou a comunhão da comunidade entre crentes, podemos estar certos de que ele criará dentro dos membros da comunidade o cuidado e a preocupação uns pelos outros e a compaixão pelos membros necessitados.

Em Romanos 12.13, Paulo disse: “Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades...” (NVI). John Murray sugeriu uma interpretação muito instrutiva desse versículo:

É verdade que, se agirmos em conformidade com essa exortação, distribuiremos e repartiremos nossos bens para satisfazer as necessidades dos santos. Mas, embora isso esteja implícito como uma consequência, a ideia exata não parece ser essa [de compartilhar com os santos], mas de participar ou compartilhar das necessidades dos santos. [...] O sentido, portanto, seria que precisamos nos identificar com as necessidades dos santos e nos apropriar delas.¹

Charles Hodge, em seu comentário sobre Romanos, adotou interpretação similar, dizendo que devemos considerar as necessidades dos outros santos como nossas, porque, na verdade, somos membros do mesmo corpo.

Como John Murray observou, compartilhar as necessidades do povo de Deus, tornar nossas as necessidades dos santos, resultará em um desejo de compartilhar *com* eles quaisquer bens materiais que tenhamos disponíveis a fim de satisfazer essas necessidades. Essa, é claro, era a atitude daqueles primeiros crentes, logo após o Pentecostes: “... ninguém afirmava ser sua alguma coisa que possuísse, mas tudo era compartilhado por todos” (At 4.32).

Mas o essencial a ser observado nas interpretações de Murray e de Hodge sobre Romanos 12.13 é que a base do compartilhamento é o *relacionamento*. Por pertencermos uns aos outros e sermos membros do mesmo corpo, devemos nos apropriar das necessidades uns dos outros. Se você me pertence, suas necessidades se tornam minhas e as minhas se tornam suas. Compartilhar bens materiais com os necessitados é uma decorrência experiencial da natureza objetiva da comunhão. Vale lembrar

que toda comunhão experiencial é baseada em um relacionamento objetivo. Nós *estamos* em comunhão com os outros membros do corpo; portanto, devemos fazer isso funcionar em nossa vida diária.

Repartir nossos bens com outros crentes necessitados, dessa forma, é um ato de obediência aos mandamentos de Deus e uma evidência de que participamos da comunidade dos crentes. Essa ênfase no compartilhamento como um ato de obediência, no entanto, não deve fazer com que subestimemos a importância da generosidade sincera em nossa doação. Deus não pretende que doemos só por obediência relutante, mas com um coração generoso e grato. Em 2Coríntios 9, a passagem clássica sobre repartir com os necessitados, Paulo usou variações do termo *generoso* sete vezes diferentes (veja os versículos 5,6,11,13).² Na verdade, não existe essa obediência relutante. Para que uma ação seja de fato obediente a Deus, deve ser praticada por uma motivação de amor e gratidão genuínos a ele.

A generosidade é um fruto do Espírito, mas também uma característica que deve ser cultivada. Um modo de cultivar o espírito generoso é obter melhor entendimento e maior valorização do relacionamento da nossa comunidade com outros crentes. Quando entendermos de verdade o fato de que pertencemos uns aos outros, haveremos de querer ser generosos uns com os outros, como pais se deleitam em ser generosos com seus filhos.

UMA EXPERIÊNCIA ALEGRE

Compartilhar com pessoas necessitadas é para ser uma experiência alegre. Já acrescentamos a declaração de 2Coríntios 8.4 em nossa lista de textos das Escrituras sobre repartir. Nesse versículo, Paulo descreveu como os macedônios cristãos pleitearam com insistência junto a ele pelo privilégio de participar de uma oferta para os santos necessitados de Jerusalém. O contexto indica que os macedônios fizeram isso com grande alegria. Paulo disse que “a intensidade da alegria e a extrema pobreza deles transbordaram em riqueza de generosidade, e isso em dura prova de tribulação” (2Co 8.2). Era evidente que gostavam de contribuir, mesmo em meio à maior pobreza.

Salomão falava da alegria proveniente de repartirmos nossos bens com as pessoas quando disse: “... quem der água aos outros também receberá” (Pv 11.25). Essa alegria vem de satisfazer as necessidades do povo de Deus,

de ser obediente a sua vontade e de experimentar sua graça em operação em nossa vida. De tempos em tempos, minha esposa e eu ficamos sabendo das necessidades financeiras de diversos amigos ou familiares. Que alegria é poder mandar parte das nossas reservas para outra família que tem uma necessidade mais crítica e testemunhar sua alegria por verem Deus suprir suas necessidades por meio de outros membros do corpo.

DEUS É GLORIFICADO

Compartilhar com o povo de Deus necessitado também resulta em ações de graças e louvor a Deus. Paulo indica em 2Coríntios 9.11-13 que nossa generosidade para com os necessitados “produz ações de graças a Deus” e que, por causa desse compartilhamento, outras pessoas “glorificam a Deus” por tamanha obediência e generosidade.

O Catecismo Menor de Westminster declara que o principal propósito do homem é glorificar a Deus e nele se comprazer para sempre. Compartilhar com as pessoas glorifica a Deus porque outros crentes necessitados estão de olhos postos no Senhor para lhes satisfazer as necessidades, de modo que recebem presentes nossos também como se fossem de Deus. O ato de compartilhar da nossa parte é também um ato de Deus. Deus usa uma grande variedade de pessoas e meios para realizar sua obra. Ele promete suprir as necessidades dos seus filhos, e com frequência o faz por meio de outros filhos. Ele ordenou que os membros do corpo cuidem uns dos outros por intermédio dessa doação mútua. Ao doarmos, devemos desejar que Deus receba o crédito e as ações de graças. Se o destinatário da nossa partilha nos agradecer, isso é bom, mas nosso desejo deve ser que Deus seja glorificado.

Considere que privilégio é ser usado dessa maneira para trazer glória a Deus. Por ser ilimitado em seus recursos, Deus pode satisfazer a necessidade do nosso irmão ou irmã de uma quantidade infinita de maneiras. Qualquer que seja a maneira escolhida por ele, trará glória ao seu nome. Nosso irmão necessitado ficaria tão grato a Deus se encontrasse uma nota de cem dólares na calçada (no caso em que fosse impossível localizar o proprietário da nota) quanto se recebesse um cheque de cem dólares de nós. Mas, no plano de Deus para o corpo, é mais frequente ele optar por receber glória por nossos

atos de obediência e generosidade do que por circunstâncias providenciais impessoais. Dessa forma, não só Deus recebe glória, mas também a comunhão entre os crentes é fortalecida.

Quando contribuímos, a graça de Deus é demonstrada em nossa vida. Paulo deixa muito claro em 2Coríntios 8.1 e 9.14 que a obediência e a generosidade em repartir são resultado da graça de Deus em operação em nossa vida. Não temos a inclinação natural de tirar do próprio bolso para satisfazer as necessidades alheias. Mas a graça de Deus pode nos transformar de pessoas sovinas e egocêntricas em pessoas generosas que compartilham com facilidade, e essa graça transformadora de Deus que opera em nós produz glória para ele.

ONDE COMPARTILHAR

Até aqui, neste capítulo, tratamos prioritariamente de nosso compartilhamento com outros crentes que passam por necessidades. Koinonia é um compartilhamento conjunto do corpo de Cristo que resulta em partilharmos o que temos uns com os outros. Isso pode parecer muito teórico para alguns cristãos pelo fato de terem contato pessoal com bem poucos colegas crentes necessitados. Contudo, com o agravamento das condições econômicas nos Estados Unidos, que ainda pode se estender por longo tempo, até algumas igrejas da chamada classe média andam enfrentando necessidades financeiras.

Todavia, se levarmos mesmo a sério ao aplicar esse aspecto da comunhão que é o compartilhamento, se pedirmos a Deus oportunidades para fazê-lo e nos mantivermos alertas a elas, Deus fará com que chamem nossa atenção. Houve uma ocasião em que fiquei sabendo da necessidade financeira de alguns amigos nossos. Como eram pessoas que normalmente não passavam necessidade, em geral ninguém pensaria nessa família como uma oportunidade para compartilhar com o povo de Deus necessitado. Mas um problema médico grave, combinado com outros acontecimentos — como meu amigo escreveu, “Desgraça pouca é bobagem” —, impusera séria pressão sobre as finanças da família e propiciara uma oportunidade para outros membros do corpo compartilharem da necessidade deles e ajudá-los a supri-la.

Lembro-me agora de outro exemplo, quando fui compelido a levar um amigo a uma loja de roupas masculinas para lhe comprar um casaco e calças novas. Eu não tinha nenhuma razão especial para fazer isso no que diz respeito a estar consciente de alguma necessidade que ele pudesse ter. Apenas reagi a uma insuportável consciência da generosidade de Deus para comigo e ao desejo de compartilhar da sua bênção com alguém. Só depois de contar a meu amigo o que eu gostaria de fazer em seu favor foi que fiquei sabendo que, no dia anterior, ele rasgara a manga do seu único casaco esportivo e não estava em condições de comprar outro. Deus me dera a oportunidade de compartilhar com meu amigo antes mesmo que eu soubesse de sua necessidade.

Deus fará a mesma coisa em seu favor se você realmente quiser participar da comunhão de compartilhar com os outros no corpo. Como disse Paulo em 2Coríntios 9.8: “E Deus é poderoso para fazer toda a graça transbordar em vós, a fim de que, tendo sempre o suficiente em tudo, transbordeis em toda boa obra”. Deus não só chamará sua atenção para oportunidades de compartilhar, mas também proporcionará os meios com os quais você pode fazê-lo.

Deus nos dá de fato o privilégio de satisfazer as necessidades materiais de pessoas que conhecemos pessoalmente, mas grande parte de nosso compartilhamento hoje pode ser feito por meio de doação a organizações que se especializam em identificar e suprir as necessidades materiais das pessoas. Existe precedente para isso no Novo Testamento. Paulo era uma espécie de “agência de socorro” de um homem só, uma vez que ia às igrejas gentílicas na Macedônia e Acaia apresentando as necessidades dos santos pobres de Jerusalém. De igual modo, várias agências de socorro evangélicas hoje nos apresentam as necessidades dos crentes em favelas das nossas cidades ou em áreas assoladas pela pobreza no exterior.

Embora de tempos em tempos nossa família tenha a oportunidade de ajudar a suprir as necessidades de pessoas que conhecemos pessoalmente, a maior parte de nossa contribuição para as necessidades dos outros é feita por meio de nossa igreja ou de alguma das agências que viemos a conhecer e respeitar.

A maioria dessas organizações ministra a crentes e a incrédulos. Mas sempre ministram materialmente em nome de Cristo, com o intuito de que seu ministério culmine com muitos descrentes se rendendo a Cristo. Em

nosso mundo de hoje, é impraticável e provavelmente não bíblico buscar restringir o compartilhamento de nossos bens materiais só a crentes. Paulo disse: "... façamos o bem *a todos*, principalmente aos da família da fé" (Gl 6.10). Embora exista uma prioridade no sentido de compartilhar primeiro com crentes, não devemos negligenciar os incrédulos. O fato prático é que, na maior parte das situações de grande necessidade hoje, é impossível separar crentes de incrédulos.

REGULARIDADE DE COMPARTILHAMENTO

Um dos princípios da contribuição citado com mais frequência no ensino sobre este assunto é o da contribuição regular e sistemática. A instrução de Paulo aos crentes coríntios é a passagem das Escrituras usada como apoio para esse princípio: "No primeiro dia da semana, cada um de vós separe o que puder, de acordo com o seu ganho, e o guarde..." (1Co 16.2). Mas a instrução de Paulo foi dada no contexto específico de uma coleta para cristãos necessitados de Jerusalém. Portanto, nossa contribuição para suprir as necessidades dos crentes necessitados, e talvez de incrédulos, deveria ser tão sistemática e regular quanto nossa doação para a igreja local ou para as agências missionárias que apoiamos.

Naturalmente, de tempos em tempos, haverá necessidades inesperadas que chamarão nossa atenção, em especial se estivermos buscando exercitar a comunhão do compartilhamento. Mas o alicerce da nossa doação para satisfazer as necessidades alheias deveria ser um programa sistemático regular por intermédio da nossa igreja local ou de agências especificamente organizadas e equipadas para satisfazer as vastas necessidades no mundo de hoje.

Além de 1Coríntios 16.1,2, a outra passagem usada com frequência para ensinar princípios de oferta cristã é 2Coríntios 9.6-8. Essas duas passagens dizem respeito ao compartilhamento pelas igrejas gentias em favor dos santos necessitados entre os judeus de Jerusalém. Vemos então que as passagens mais básicas no Novo Testamento sobre o assunto da contribuição cristã estão relacionadas não com a oferta para nossa igreja local, para membros da equipe do ministério universitário ou mesmo para missionários no exterior, mas, sim, com o compartilhamento de nossos bens

materiais com pessoas que estão passando necessidade. Apesar da posição clara desses princípios das Escrituras no contexto do alívio à aflição de outros crentes, a maioria dos cristãos dos dias atuais perdeu de vista esse aspecto importante da oferta.

Nós, no corpo, tendemos a contribuir com nossas igrejas locais, com diversos ministérios pareclesiásticos do nosso país e com obras missionárias no exterior, mas temos a tendência de dar bem pouco a outros membros do corpo que passam necessidades. A razão para isso, creio eu, está no fato de que perdemos de vista o verdadeiro significado de comunhão, da prática bíblica da koinonia.

É evidente que devemos doar para nossa igreja local, bem como para vários outros ministérios tanto em nosso país quanto no exterior que estão realizando a obra de Deus. Meu apelo não é no sentido de desprezá-los, mas de equilibrar nossa contribuição incluindo nosso semelhante necessitado.

Nos Estados Unidos, até as leis tributárias trabalham contra o compartilhamento com outros crentes necessitados. O governo nos permite deduzir as doações para organizações de caridade ou religiosas do imposto de renda, mas não as doações para indivíduos carentes. Por conseguinte, muitos cristãos americanos têm caído na armadilha de doar apenas quando podem receber uma dedução do imposto, deixando assim de reconhecer ou suprir as necessidades dos indivíduos. Seria um bom exercício espiritual para muitos de nós planejar deliberadamente contribuir com alguns indivíduos carentes sem pensar em nenhuma vantagem quanto à dedução de impostos. Minha esposa e eu temos o hábito de reservar uma porção da nossa renda para esse tipo de doação e nos certificamos de que não deixaremos de fazê-lo.

No capítulo 5, vimos que Deus se agrada quando seu povo compartilha uns com os outros em nível espiritual. Mas ele também se agrada quando compartilhamos uns com os outros em nível material. Hebreus 13.16 diz: “Mas não vos esqueçais de fazer o bem e de repartir com os outros, porque Deus se agrada de tais sacrifícios”. É um grande privilégio glorificar a Deus e agradá-lo por meio da comunhão de repartir nossos bens com os necessitados.

Por causa da tendência de certas pessoas de abusar da graça do compartilhamento, sinto-me compelido a acrescentar uma palavra de

advertência no encerramento deste capítulo. Em minhas viagens para diferentes cidades, tenho me conscientizado de uma categoria de pessoas que não são necessitadas, mas irresponsáveis. Elas viajam de cidade em cidade, em especial nas partes mais pitorescas dos Estados Unidos, vivendo da generosidade de igrejas que buscam com sinceridade aplicar a comunhão do compartilhamento com gente necessitada. Essas pessoas, ao que parece, não têm o menor desejo de trabalhar ou de adorar com o povo de Deus. São conhecidas, no entanto, por frequentar cultos de adoração apenas com o propósito de ser convidadas para fazer uma refeição com alguma família. A essas pessoas, que não são apenas irresponsáveis, mas também dissimuladas, as palavras do apóstolo Paulo se aplicam com muita propriedade: “... se alguém não quer trabalhar, também não coma” (2Ts 3.10).

PARA DEBATE EM GRUPO

1. Romanos 12.13 diz: “Compartilhem o que vocês têm com os santos em suas necessidades...” (NVI). De acordo com o teólogo do Novo Testamento John Murray, a ênfase nesse versículo é que se compartilhe *das* necessidades do povo de Deus, tornando suas as necessidades deles. Pelo que você aprendeu até aqui sobre koinonia, por que deveríamos fazer nossas as necessidades de outro crente?
2. Neste capítulo, lemos: “se levarmos mesmo a sério ao aplicar esse aspecto da comunhão que é o compartilhamento, se pedirmos a Deus oportunidades para fazê-lo e nos mantivermos alertas a elas, Deus fará com que chamem nossa atenção”. Você consegue pensar em alguma oportunidade atual que poderia ter de compartilhar com alguém necessitado?
3. Com quais agências de socorro cristãs você está familiarizado e que considera confiáveis?

¹ John Murray, *The Epistle to the Romans* (Grand Rapids: Eerdmans, 1968), vol. 2, p. 133 [edição em português: *Romanos* Comentário Bíblico Fiel (São José dos Campos: Fiel, 2003)].

² Isso só vale para a NIV. Outras traduções usam palavras como *abundante* ou *liberal* para expressar a mesma ideia.



SUSTENTANDO SEU MINISTÉRIO LOCAL

*O que está sendo instruído na palavra deve repartir
todas as boas coisas com aquele que o instrui.*

Gálatas 6.6

Durante um ministério de ensino bíblico em uma igreja, muitos anos atrás, o presidente dos diáconos pediu para ouvir minhas ideias sobre como determinar um salário justo e adequado para o pastor deles. No decorrer da nossa conversa, esse diácono fez uma declaração muito perspicaz que me surpreendeu. Disse ele:

— Nosso pastor é nosso recurso mais valioso. Vale muito mais do que o prédio desta igreja.

Que ponto de vista animador e diferente daquele sempre tão comum que coloca grande ênfase no prédio da igreja, negligenciando ou enxergando de maneira inadequada o cuidado de quem torna valioso o prédio das nossas igrejas.

Com muita frequência parece que nós, cristãos, somos suscetíveis ao tipo de mundo descrito por João Calvino: “É e sempre foi da natureza do mundo encher o estômago dos ministros de Satanás e suprir com dificuldade e relutância os pastores piedosos do alimento necessário”.¹ Embora *relutância* possa parecer um termo forte demais em vários casos, a

negligência ou a indiferença são igualmente malignas em nossa atitude e no efeito prático que causam.

Vimos que uma das principais expressões da koinonia é repartir o que temos com os outros. Essa partilha uns com os outros, em nível espiritual ou material, nasce do sentido mais básico da koinonia como relacionamento: uma partilha da vida comum que temos em Cristo. Compartilhar nossos bens materiais com outros crentes necessitados é a expressão mais frequentemente mencionada de koinonia no Novo Testamento, como vimos no capítulo anterior. Compartilhar bens materiais com missionários em uma cooperação no evangelho é também um ensino claro do apóstolo Paulo, como vimos no capítulo 6.

COMPARTILHAR COM NOSSOS MESTRES

Existe ainda mais um compartilhamento dos nossos bens materiais mencionado por Paulo: o compartilhamento com quem nos ensina a Palavra de Deus. Em Gálatas 6.6, Paulo disse: “O que está sendo instruído na palavra deve repartir [*koinōneitō*] todas as boas coisas com aquele que o instrui”. Ou seja, aqueles a quem são ensinadas as Escrituras têm o dever de cuidar das necessidades materiais de quem trabalha no ensino. Essa é mais uma expressão da comunhão neotestamentária.²

Paulo vislumbra uma relação de compartilhamento recíproco: o professor compartilhando verdade espiritual e o aluno compartilhando bens materiais. Trata-se do mesmo tipo de reciprocidade mencionado pelo apóstolo ao afirmar: “... Porque se os gentios participaram das bênçãos espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais” (Rm 15.27). Ele declara o mesmo princípio em 1Coríntios 9.11, quando diz: “Se semeamos entre vós as coisas espirituais, será demais que de vós colhamos as materiais?”.

Fica claro que é dever dos crentes, aos quais a Palavra de Deus é ensinada por homens separados para esse fim, cuidar das necessidades materiais daqueles que lhes ensinam. Paulo é enfático em relação a isso. Observe que Gálatas 6.6 diz que o aluno “*deve repartir*” com seu instrutor. Ele é ainda mais enfático acerca desse princípio em 1Coríntios 9.14: “Assim *o Senhor também ordenou* aos que anunciam o evangelho que vivam do

evangelho”. Embora Paulo esteja escrevendo como um apóstolo inspirado e, portanto, proferindo a própria Palavra de Deus tendo em vista as suas qualificações, aqui ele apela, nessa questão importante, para o mandamento do próprio Senhor.

Mas o apelo em Gálatas 6.6 por sustento financeiro, apesar de expresso como um imperativo, baseia-se não na lei, mas no amor — no laço da koinonia. O compartilhamento entre aluno e instrutor é outra expressão do relacionamento que têm em Cristo. Onde esse relacionamento vital de partilha da vida comum em Cristo for reconhecido, é inevitável que as expressões apropriadas desse relacionamento aconteçam. No caso em questão, é apropriado que o professor compartilhe a verdade espiritual com quem necessita ser ensinado, e é apropriado que aqueles que são ensinados compartilhem seus bens materiais com o professor.

APLICAÇÃO PARA O DIA DE HOJE

Na época de Paulo, havia um relacionamento muito mais direto entre o mestre e os alunos. Não havia prédios de igreja para manter, programas da igreja para custear, nem enfadonhos orçamentos para aprovar na assembleia anual da igreja. A única questão era dar sustento àqueles que trabalhavam em período integral com pregação e ensino. Ao que tudo indica, não havia um salário fixo para aqueles homens. A subsistência deles dependia inteiramente da compreensão que os crentes tinham da importância de compartilhar materialmente com seus mestres.

Em nossos dias de orçamentos eclesiais diversificados, múltiplas equipes na igreja e a existência de muitos bons ministérios paraeclesiásticos, como deve funcionar esse princípio da partilha de bens materiais com nossos mestres? Como deveria o típico membro de igreja comprometido procurar aplicar Gálatas 6.6 quando lhe pedem para colaborar com um orçamento de igreja que inclui programas, instalações, administração e equipe contratada? É nossa responsabilidade, como membros de igreja, cuidar para que quem foi chamado para trabalhar em tempo integral em nossas igrejas seja justa e adequadamente recompensado. Não importa se o integrante da equipe é o pastor responsável pelo ensino, o diretor de educação cristã ou o jovem

ministro; o princípio de que quem prega o evangelho deveria retirar seu sustento do evangelho ainda se aplica.

Com muita frequência, os salários pastorais são considerados questões delicadas e até confidenciais, pois se percebe que alguns membros da igreja vão pensar: “O pastor está ganhando demais”. Que acusação contra nosso cristianismo! O mais comum é o pastor receber de menos. Embora os salários pastorais costumem ser estabelecidos pelo conselho da igreja, nós, membros individuais, ainda temos a responsabilidade de cuidar para que nossos representantes nesses conselhos estabeleçam um salário pastoral que seja adequado e atenda aos critérios de Paulo de compartilhamento de “todas as boas coisas” com aqueles que nos instruem.

MINISTÉRIOS PARECLESIASTICOS

E quanto à equipe em tempo integral de organizações que ministram fora da igreja local, como os ministérios entre militares ou nas universidades? As instruções de Paulo se aplicam a qualquer situação em que o “instrutor” foi separado como professor em tempo integral ou um obreiro do evangelho. Aqueles que são ensinados devem tomar a iniciativa de compartilhar seus bens materiais com o mestre. Não deveriam esperar que o trabalhador torne conhecidas as suas necessidades. Logicamente os novos crentes precisam ser instruídos nessa área, como em todas as outras áreas da vida cristã, mas, ao receber essa instrução, é responsabilidade deles agir nesse sentido.

Há ainda outro grupo de obreiros em tempo integral no evangelho que precisamos levar em consideração: aqueles que atuam entre pessoas que não podem sustentá-los. Exemplos desse tipo de obreiro seriam aqueles que ministram em nossas prisões, nas favelas de nossas metrópoles ou nas dependências das escolas suburbanas. Essas pessoas devem ser consideradas missionárias, quer trabalhem em seu país de origem, quer no exterior, devendo assim ser sustentadas em um esquema de cooperação, como tratamos no capítulo 6. Deus tem dado à igreja a responsabilidade de evangelizar e discipular não apenas no campo missionário estrangeiro, mas também nas áreas deterioradas da cidade, nas prisões e assim por diante. Evidentemente nenhum de nós pode contribuir com o sustento de todas as organizações dignas que proporcionam ajuda aos desfavorecidos e aos

esquecidos, mas precisamos considerar, em atitude de oração, o que Deus quer que façamos.

A Bíblia ensina que Deus quer que compartilhemos nossos bens com as pessoas como expressão de comunhão. Abordamos até aqui três grupos distintos de pessoas com as quais devemos compartilhar: (1) outros crentes que passam por necessidades, (2) aqueles que nos ensinam a Palavra de Deus, e (3) aqueles que são missionários, no país de origem ou no exterior, de quem nos tornamos parceiros financeiros no evangelho.

Em todos esses casos, é importante perceber que somos quem compartilha, não quem dá. A distinção entre quem compartilha e quem dá é muito importante. Quem dá não está debaixo de nenhuma obrigação; ele o faz de um ponto de vista estritamente voluntário. Quem compartilha está debaixo de uma obrigação, ainda que seja uma obrigação de amor. É uma responsabilidade de relacionamento ou cooperação. Como alguém que dá, posso escolher doar ou não para a Cruz Vermelha, por exemplo, porque não estou debaixo de nenhuma obrigação. Mas não posso escolher se vou satisfazer ou não as necessidades dos meus próprios filhos, pelo menos até onde sou capaz. Tenho a obrigação, por causa do nosso relacionamento e do amor, de satisfazer as necessidades deles.

O mesmo acontece no corpo de Cristo. Pertencemos uns aos outros em um relacionamento de comunidade. Esse relacionamento nos obriga a satisfazer os termos do relacionamento: *compartilhar* com outros membros do corpo, seja com os necessitados, seja com os envolvidos na obra do evangelho.

Assim, o compartilhamento de nossos recursos financeiros com outras pessoas no corpo de Cristo é uma obrigação, mas uma obrigação de amor, de relacionamento de koinonia. Quem compreende de verdade a koinonia *deseja* compartilhar. Aceita sua responsabilidade de compartilhar com grande alegria. É como aqueles crentes macedônios que, apesar da própria pobreza extrema, rogaram a Paulo a oportunidade de colaborar na oferta que ele estava coletando para os pobres em Jerusalém.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. Paulo diz em Gálatas 6.6: “O que está sendo instruído na palavra deve repartir todas as boas coisas com aquele que o instrui”. O termo traduzido por *repartir* nesse versículo é a forma verbal de *koinōnia*. O que você acha que Paulo está instruindo os crentes a fazerem? Como essa ação é uma espécie de comunhão?
2. Paulo disse: “Assim o Senhor também ordenou aos que anunciam o evangelho que vivam do evangelho” (1Co 9.14). O que isso nos diz acerca do nosso envolvimento no sustento de missionários?
3. Neste capítulo, lemos: “Quem dá não está debaixo de nenhuma obrigação; ele o faz de um ponto de vista estritamente voluntário. Quem compartilha está debaixo de uma obrigação, ainda que seja uma obrigação de amor”. Como “quem dá” e “quem compartilha” diferem na prática?

-
- ¹ John Calvin, *Calvin's New Testament commentaries*, tradução para o inglês de T. H. L. Parker (Grand Rapids: Eerdmans, 1965), vol. 2, p. 112.
 - ² A ampla maioria dos comentaristas e tradutores aceita o significado de *koinōneitō* em Gálatas 6.6 como a partilha de bens materiais com o professor. Poucos entendem que a passagem se refere a ter comunhão espiritual com o professor. Para uma declaração desse ponto de vista, veja *Word studies in the Greek New Testament*, de Kenneth S. Wuest. Embora eu respeite a erudição de Wuest, concordo com a maioria nesse caso.



A COMUNHÃO DO SOFRIMENTO

*Quero conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição
e a participação em seus sofrimentos...*
Filipenses 3.10, NVI

Chegamos agora a um aspecto da comunhão que a maioria de nós preferiria simplesmente ignorar: o desejo ativo de “conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos”. A maioria dos cristãos consegue dar valor ao anseio de Paulo de conhecer Cristo de maneira mais íntima, e com certeza nos identificamos com seu desejo de experimentar o poder do Cristo ressurreto em sua vida, mas de repente emperramos quando chegamos a seu desejo de conhecer a comunhão de compartilhar dos seus sofrimentos.

SOFRENDO POR CRISTO

Nenhum de nós gosta de sofrer ou busca o sofrimento por si só. Paulo não era exceção a esse instinto humano legítimo. Mas havia dois fortes fatores agindo em Paulo para levá-lo a desejar a comunhão da participação nos sofrimentos de Cristo. Primeiro, significava o privilégio de compartilhar dos sofrimentos de *Cristo* — ou seja, o sofrimento por causa de Cristo. Paulo

desejava compartilhar com Cristo em seus sofrimentos porque com isso levaria adiante a causa de Cristo e edificaria sua igreja. Escrevendo para outro corpo de crentes, o apóstolo disse: “Agora me alegro nos meus sofrimentos por vós e completo no meu corpo o que resta do sofrimento de Cristo, por amor do seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24). Ele sabia que, ao menos na época em que vivia, a identificação com Cristo e em particular o trabalho em nome de Cristo resultavam em sofrimento. Mas estava preparado para esse sofrimento. Na verdade, acolheu-o e se regozijou nele, uma vez que com isso pôde expandir o reino de Deus e edificar sua igreja.

Como a atitude de Paulo era diferente da atitude típica do cristão de classe média do século 21 hoje! De alguma forma, temos a ideia de que a vida abundante prometida por Jesus em João 10.10 significa abundância de saúde, riqueza e felicidade. A ideia de sofrimento por causa de Cristo nos é estranha. Colocamos a busca da felicidade no lugar da busca da santidade. Hesitamos em sacrificar até nossos bens materiais por causa de Cristo, que dirá sacrificar nossa vida ou a vida de nossos filhos sobre o altar do seu serviço.

No entanto, repetidas vezes no Novo Testamento o caminho para a glória com Cristo é indicado como o caminho do sofrimento com ele e por ele. Aqui estão apenas dois dentre muitos exemplos das Escrituras que enfatizam a importância do caminho do sofrimento. Paulo declarou: “Se somos filhos, então somos herdeiros; herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo, se de fato participamos dos seus sofrimentos, para que também participemos da sua glória” (Rm 8.17, NVI). E Pedro falou: “Mas alegrem-se à medida que participam dos sofrimentos de Cristo, para que também, quando a sua glória for revelada, vocês exultem com grande alegria” (1Pe 4.13, NVI). Se desejamos experimentar a totalidade da comunhão com Cristo, devemos esperar experimentar a comunhão de seus sofrimentos.

COMUNHÃO NO SOFRIMENTO

Isso nos traz ao segundo fator que operava em Paulo para fazê-lo desejar compartilhar dos sofrimentos de Cristo: a perspectiva de comunhão ou coparticipação com Cristo em seus sofrimentos. O Senhor Jesus Cristo não deixa seu povo sofrendo sozinho. O testemunho universal daqueles que têm

sofrido por causa de Cristo e de sua igreja é que experimentam uma comunhão profunda, uma comunhão íntima com Cristo em meio aos sofrimentos que lhes sobrevêm.

É difícil para muitos de nós no mundo ocidental entendermos ou apreciarmos a comunhão com Cristo advinda do sofrimento por sua causa. Poucos de nós temos experimentado, em grau significativo, o sofrimento por causa de Cristo. No entanto, devemos perceber que nossa experiência é a exceção, não apenas na história da igreja como até mesmo em nosso próprio século. É comumente relatado que mais pessoas foram martirizadas pela causa de Cristo no século 20 do que em qualquer outra época da história.

Mas qual é o testemunho de quem tem sofrido por causa de Cristo em nossa época e ao longo da história da igreja? Não é que experimentam a presença e o amor de Cristo de um modo único em meio ao sofrimento que se abate sobre eles? Esses nossos irmãos e irmãs perseguidos conseguem identificar-se com Paulo no desejo de experimentar a comunhão de compartilhar do sofrimento de Cristo. Eles provaram que Cristo é fiel, que nada pode separá-los do seu amor e que sua graça é suficiente para as fraquezas deles.

Todavia, não precisamos ir a terras de governos ateus ou de culturas religiosas opressivas para encontrar crentes sofrendo por causa de Cristo. Mesmo em nossas nações ocidentais, muitos crentes experimentam graus variados de assédio e perseguição no emprego ou até dentro da própria casa. Na verdade, muitos observadores acreditam que a razão pela qual nós, no Ocidente, não sofremos mais perseguição é porque nos acomodamos demais ao mundo a nossa volta. Jesus disse para seus discípulos: "... No mundo tereis tribulações..." e "... o mundo vos odeia porque não sois do mundo; pelo contrário, eu vos escolhi do mundo" (Jo 16.33; 15.19). A filosofia de vida "no mundo, mas não do mundo" acabará por conduzir ao sofrimento de alguma forma: rejeição social, perda de oportunidade de promoção no emprego (ou mesmo a perda do próprio emprego) ou incompreensão da família e dos amigos.

Todavia, nem todos que sofrem por causa do testemunho de Cristo ou de seu posicionamento ao lado dele no emprego ou em casa provam da comunhão com Cristo que Paulo desejava e experimentava. Para conhecermos a comunhão com Cristo no sofrimento, devemos fazer como

os apóstolos: regozijar-nos porque fomos considerados dignos de sofrer por seu nome (veja At 5.41). Penso em alguns exemplos em minha experiência cristã, quando sofri em pequena medida por causa de Cristo, mas não experimentei a comunhão do seu sofrimento. Deixei de experimentar essa comunhão por causa de como reagi à situação. Em vez de me regozijar, como faziam os apóstolos, permiti que a raiva, o sofrimento e o ressentimento controlassem meus pensamentos. Em vez de buscar conforto e incentivo na comunhão com o Salvador e no privilégio de sofrer por ele, deixei-me afligir pela autopiedade.

Outra razão por que algumas pessoas não experimentam a comunhão de Cristo nos sofrimentos é que eles são ocasionados não pela ofensa contra o evangelho em si, mas pela falta de sabedoria e gentileza da parte delas ao compartilhar Cristo. Pedro disse que devemos estar "... sempre preparados para responder a todo o que vos pedir a razão da esperança que há em vós. Mas fazei isso com mansidão e temor..." (1Pe 3.15,16). O evangelho em si ofende, mas deveríamos nos certificar de que é a mensagem do evangelho, não a nossa atitude, que é ofensiva para os incrédulos. Se experimentarmos hostilidade e rejeição quando compartilharmos Cristo de um modo autoritário ou controverso, não conheceremos a comunhão de seus sofrimentos. Tal rejeição não é sofrimento por causa de Cristo, mas por nossa própria inépcia em tratar do evangelho ao apresentá-lo. Aqueles que experimentam rejeição devem buscar determinar com toda sinceridade se isso acontece em virtude de sua atitude ou da ofensa da cruz. Caso estejam então convencidos de que seu sofrimento é de fato por Cristo, não por sua apresentação de Cristo, devem buscar o conforto e o encorajamento dele na comunhão dos seus sofrimentos e se alegrar pelo fato de terem recebido o privilégio de sofrer por ele.

Porém, mesmo quando nos oferecemos como sacrifícios vivos sobre o altar do serviço de Cristo e experimentamos alguma rejeição e sofrimento por sua causa, permanece o fato de que a maioria de nós no mundo ocidental sabe pouco do que significa partilhar da comunhão dos sofrimentos de Cristo. Há alguma coisa, então, nesse aspecto da comunhão que seja de fato aplicável a nós, ou essa é apenas uma parte da comunhão do Novo Testamento que a maioria de nós jamais experimentará em grau significativo? Bem, há outras maneiras pelas quais podemos entrar na

comunhão dos sofrimentos de Cristo que deveriam compor a experiência de todos os cristãos em toda parte.

SOFRENDO COM OUTROS CRENTES

Quando Saulo de Tarso estava a caminho de Damasco para perseguir os crentes da cidade, foi confrontado pelo Cristo ressurreto. Ouviu a voz de Jesus dizendo: “Saulo, Saulo, por que me persegues?”. Em resposta a sua pergunta “Quem és tu, Senhor?”, Jesus retrucou: “Eu sou Jesus, a quem persegues” (veja At 9.4,5). Ora, o registro é muito claro de que Saulo já perseguia os discípulos do Senhor e estava a caminho naquele momento para persegui-los de novo em Damasco. Contudo, Jesus lhe perguntou: “Por que me persegues?”. Jesus se identificava tão intimamente com seu povo que a perseguição a eles era a perseguição ao próprio Jesus, embora ele estivesse então assentado à mão direita do Pai. Essa é uma verdade profunda, uma verdade que fazemos bem em ponderar em tempos de provação. Há tamanha intimidade em nossa união com Cristo que aquilo que nos afeta também afeta a ele.

Se Cristo considera o sofrimento dos crentes como seu, segue-se que podemos compartilhar da comunhão dos *seus* sofrimentos ao nos identificamos com outros crentes que sofrem. O escritor de Hebreus disse para seus leitores: “Algumas vezes fostes expostos publicamente a ofensas e perseguições e, outras vezes, vos associastes aos que assim foram tratados” (10.33). O verbo “associastes” é a tradução do termo grego *koinōnoi*, cujo sentido literal é “companheiros” ou “parceiros”. O autor de Hebreus estava dizendo que seus leitores tinham se identificado tão intimamente com o sofrimento de outros crentes que se associavam com eles como parceiros desses sofrimentos. Tinham *comunhão* literal com eles em seus sofrimentos. Por meio desse relacionamento, eles participavam da comunhão dos sofrimentos de Cristo.

Mais uma vez somos confrontados com o fato de que nossa visão contemporânea de comunhão, a qual costuma incluir apenas a atividade social cristã ou talvez o compartilhamento da Palavra de Deus em grupo, não faz justiça à prática bíblica da *koinonia*. Comunhão é mais, muito mais do que comida e diversão, vai além do que ler e estudar as Escrituras com

outro crente. Comunhão às vezes envolve sangue, suor e lágrimas, ao nos colocarmos lado a lado com nossos irmãos e irmãs perseguidos.

Paulo disse em 1Coríntios 12 que, se uma parte do corpo sofre, todas as outras partes sofrem com ela. Devemos nos identificar com outros membros do corpo de Cristo de tal maneira que participemos em seus sofrimentos, bem como em suas alegrias. Aqueles dentre nós que são pais têm a tendência de se identificar tanto com os filhos que as feridas deles se tornam suas. Muitas vezes sentimos que seria melhor experimentarmos a dor em vez de ver nossos filhos sofrendo, tamanha é nossa identificação com eles. Esse sentimento é uma reação natural ao fato de que nossos filhos são parte de nós.

Ora, Paulo diria que essa identidade com as feridas e dores dos outros deveria ser real no corpo de Cristo tanto quanto é em nossos relacionamentos familiares. Na verdade, ele disse que ela deveria ser tão forte quanto a empatia entre as várias partes do corpo físico. Se uma parte sofre, todas as outras sofrem com ela.

Lembre-se de que no capítulo 4 aprendemos que comunhão é antes de mais nada um fato objetivo a denotar uma comunidade em Cristo de todos os crentes mundo afora. Nós e os crentes sofredores em outras partes do mundo somos membros de um único organismo: o corpo de Cristo. E Paulo nos ensinou que as partes diferentes do corpo deveriam ter igual preocupação umas com as outras.

Nossa preocupação com outros membros do corpo de Cristo que estão sofrendo deveria decorrer da motivação do amor. Paulo disse em Romanos 12.10 que precisamos “[dedicar-nos] uns aos outros com amor fraternal” (NVI); ou seja, pelo fato de sermos todos membros de uma só família, deveríamos expressar a mesma qualidade de amor uns pelos outros que os membros de uma família humana devotada e afetuosa demonstram uns pelos outros. Na verdade, nosso amor dentro da família de Deus deveria ir muito além do amor da família física. João nos sugere em 1João 3.17 que o amor que temos de expressar dentro do corpo é na verdade o amor de Deus que habita em nós. O amor de Deus sempre transcende o amor humano, mesmo o amor da família humana, na capacidade de alcançar os necessitados. Ao permanecermos em Cristo, voltando-nos para ele para que nos habilite a amar, ele nos dará a capacidade de alcançar os outros membros do seu corpo, mesmo aqueles que nunca encontramos.

Talvez essa ideia de alcançar em amor os membros sofredores do corpo a quem nunca encontramos pareça idealista demais. Contudo, a Bíblia é um livro de idealismo em um plano estritamente humano. Nenhum de seus mandamentos pode ser obedecido sem a obra capacitadora do Espírito Santo. Considere a seguinte ordem: “Maridos, cada um de vós ame a sua mulher, assim como Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela” (Ef 5.25). Que homem conseguiria amar a esposa, por maravilhosa que ela seja, “como Cristo amou a igreja”? No entanto, esse é o ideal da Bíblia para nós. E, de igual modo, é o ideal da Bíblia que amemos todos os demais membros do corpo com amor fraternal, um amor que expressa um relacionamento familiar íntimo.

Como o corpo de Cristo pode ser encontrado entre todas as nações, aqueles que vivem em países onde não existe nenhuma perseguição têm a oportunidade de partilhar da comunhão dos sofrimentos de Cristo identificando-se com nossos irmãos e irmãs que vivem em países onde a perseguição é uma realidade. Aprendemos no capítulo 8 que devemos fazer nossas as necessidades materiais dos outros no corpo e, por conseguinte, buscar ajudar a suprir essas necessidades. De igual modo, devemos nos identificar de tal forma com nossos irmãos e irmãs sofredores que o sofrimento deles se torne nosso, movendo-nos assim a fazer o que pudermos para aliviá-lo.

A primeira maneira pela qual podemos reagir ao sofrimento desses irmãos e irmãs é por meio da *oração fervorosa* em favor deles, pedindo a Deus que intervenha nas perseguições ou que lhes conceda uma medida especial de sua graça para suportá-las. Observe, no entanto, que nossas orações devem ser sinceras e fervorosas. Esse não é o lugar da oração superficial, rotineira. Pense de novo no relacionamento pai-filho. Quando um filho sofre, o pai cristão não se entrega a uma oração superficial por alívio divino, antes suas orações são intensas e urgentes. Não é indiferente se Deus responde ou não a essas orações. A empatia e a preocupação genuínas pela criança em sofrimento que brotam da relação pai-filho exigem seriedade nas orações do pai suplicando pela intervenção divina.

O mesmo deveria acontecer no corpo de Cristo. A razão pela qual não experimentamos uma empatia como de família com nossos irmãos e irmãs em Cristo que estão sofrendo é que ainda não fomos plenamente dominados pela verdade de que estamos em um relacionamento comunitário

com eles. Embora possamos vir a nos conscientizar desse significado básico da comunhão, o conhecimento da verdade não nos domina a ponto de transformar nossa vida. Pode-se argumentar que essa visão do corpo de Cristo é idealista e inalcançável. A questão de que deveríamos tratar, no entanto, é se essa visão é bíblica. Deus deseja que nos identifiquemos de maneira tão íntima com nossos irmãos e irmãs que sofrem a ponto de suas feridas se tornarem nossas? Passagens das Escrituras como Romanos 12.15, 1Coríntios 12.25,26 e Hebreus 10.33,34 indicariam que a resposta é sim.

Na vida do apóstolo Paulo há um exemplo capaz de nos ajudar a compreender o idealismo das Escrituras e o fato de que esse idealismo deve ser nosso objetivo pessoal. Em Colossenses 1.29—2.1, Paulo usou o verbo *lutar* e o substantivo *luta* para descrever seu ministério. Disse que estava lutando para apresentar a todos perfeitos em Cristo, mas que ele também lutava pelos crentes em Colossos e Laodiceia e por todos que ainda não o conheciam pessoalmente. Já vimos que o sentido literal da palavra traduzida por *lutando* é “angustiando-se”. Trata-se de um verbo de intensidade muito grande.

Não ficamos muitos surpresos ao saber que Paulo se angustiava no trabalho que ele mesmo executava para apresentar a todos perfeitos em Cristo. Afinal de contas, ele sempre foi um homem de personalidade intensa, mesmo antes da conversão, e era evidente seu total comprometimento com o ministério. Mas como podia lutar por pessoas com as quais nunca nem sequer se encontrara? A resposta óbvia é pela oração. Paulo orava com a mesma intensidade pelos crentes que nunca vira como orava e trabalhava para apresentar o evangelho àqueles que de fato chegara a encontrar. É possível orar com fervor, a ponto até de se angustiar, por crentes que nunca conhecemos. Convenhamos: esse é o ideal. Mas temos de orar e trabalhar pelo ideal, pois foi Jesus que disse: “Sede, pois, perfeitos, assim como perfeito é o vosso Pai celestial” (Mt 5.48).

Isso não quer dizer que temos a responsabilidade de orar em favor de cada crente que está sofrendo no mundo com a intensidade de que Paulo fala. Apenas sugere que temos a responsabilidade de orar por alguns, como indivíduos ou como grupos (por exemplo, pelos crentes que sofrem em países onde são perseguidos pelo fato de serem cristãos). É nosso dever permanecermos sensíveis à condução de Deus em relação aos crentes sofredores com os quais devemos nos identificar. Depois de termos

determinado onde está nossa responsabilidade, devemos então entrar em comunhão com o sofrimento dessas pessoas.

Sempre temos a oportunidade de fazer mais que orar. Às vezes é possível fazer algo tangível no sentido de aliviar nossos irmãos e irmãs em Cristo dos apuros que estão sofrendo. Nossa família, por exemplo, tem contribuído por meio de uma agência missionária para prover ajuda financeira a famílias de crentes aprisionados por causa do evangelho. Ao orarmos pelos crentes que sofrem, também podemos pedir a Deus que nos mostre o que podemos fazer no sentido de suprir-lhes as necessidades.

SOFRENDO PELO PECADO

A terceira maneira pela qual podemos entrar na comunhão dos sofrimentos de Cristo é por meio de nossa resposta decidida ao pecado sempre que o encontrarmos, seja em nós mesmos, seja na sociedade a nossa volta. Gênesis 6.6 diz que, por causa do pecado do homem, “o SENHOR arrependeu-se de haver feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração”. A maior parte do tempo vemos o pecado em relação aos efeitos que ele causa a nós, a nossa família, a amigos ou talvez à sociedade ao nosso redor. Raras vezes pensamos no pecado em relação aos seus efeitos sobre Deus. Mas o pecado entristece ao extremo o coração de Deus. Trata-se de uma rejeição de sua lei e uma rebelião contra sua autoridade, trazendo alienação entre Deus e o homem.

Veja, por exemplo, o problema do aborto. Temos a tendência de enxergar essa prática como um crime contra a sociedade, o assassinato legalizado de milhões de crianças não nascidas. Nossa preocupação se concentra na injustiça para com esses bebês e o efeito desumanizador sobre a sociedade como um todo. Mas não é o coração de Deus que mais se entristece e se enche de dor com esse crime? Não foi sua lei que foi violada, e as crianças mortas não foram criadas a sua imagem?

Dizem que o missionário e líder respeitado Bob Pierce orou assim: “Deus, parta meu coração com as coisas que partem o seu”. Pierce viu o sofrimento físico de grandes multidões em países devastados pela guerra e assolados pela fome. E o que *nós* vemos? Qual o estado do nosso coração ao contemplarmos o pecado tão desenfreado em nossa sociedade atual? Se

Cristo se entristeceu pela Jerusalém impenitente, não se entristece pelos Estados Unidos impenitentes também? Se entrássemos na plena comunhão dos seus sofrimentos, haveríamos de começar a ver o pecado de seu ponto de vista.

Como enxergamos nosso pecado? Com demasiada frequência, o vemos com base em seus efeitos sobre nós. Irritamo-nos com nossa falta de autocontrole ao sucumbir a algum pecado persistente, ou nos desapontamos com nós mesmos por causa do nosso fracasso em resistir a alguma tentação, ou nos envergonhamos por termos fracassado em fazer o que deveríamos ter feito. Nossa reação em todas essas situações é basicamente interior e egocêntrica. Quando começarmos a enxergar nosso pecado do ponto de vista de Deus, no entanto, começaremos a nos entristecer pelo que vemos tanto quando Deus se entristece. E, ao nos juntarmos a ele em sua dor, também nós, dessa maneira singela, entraremos na comunhão dos seus sofrimentos.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. O apóstolo Paulo expressou seu desejo de “conhecer Cristo, o poder da sua ressurreição e a participação em seus sofrimentos” (Fp 3.10, NVI). Por que você acha que Paulo usou a expressão “*participação* em seus sofrimentos”?
2. Pense nesta declaração: “Se desejamos experimentar a totalidade da comunhão com Cristo, devemos esperar experimentar a comunhão dos seus sofrimentos”. Por que é um objetivo importante compartilhar da totalidade da experiência de Cristo?
3. No começo do capítulo, aprendemos que “deveríamos nos certificar de que é a mensagem do evangelho, não a nossa atitude, que é ofensiva para os incrédulos”. Que tipo de atitude poderia ser ofensiva para os incrédulos?



A COMUNHÃO DO SERVIR

*Irmãos, fostes chamados para a liberdade. Mas não useis
da liberdade como pretexto para a carne; antes,
sede servos uns dos outros pelo amor*
Gálatas 5.13

Anos atrás, durante uma visita a Taiwan, Dawson Trotman, fundador do The Navigators, acompanhado de um pastor taiwanês, fez uma caminhada por algumas aldeias nas montanhas com o objetivo de ministrar a Palavra de Deus aos cristãos locais. Como estradas e trilhas estavam cheias de água, voltaram para casa molhados e com frio, os sapatos cobertos de lama. Muito tempo depois, alguém perguntou ao pastor taiwanês do que ele mais se lembrava em relação a Dawson Trotman. Sem hesitar, o homem respondeu: “Ele limpou os meus sapatos”.

Quando Trotman e o pastor voltaram aquela tarde, deixaram os sapatos à porta da casa, como de costume. O pastor foi para a cozinha preparar um pouco de chá. Que surpresa foi para ele retornar minutos depois e ver Trotman sentado no chão, limpando seus sapatos com um graveto, um pedaço de pano e um pouco de água. Esse espírito de serviço marcou Dawson Trotman ao longo de sua vida cristã. Ele morreu como viveu, na verdade dando sua vida para resgatar alguém que se afogava.

O conceito de servir é fundamental para a prática bíblica da koinonia. Comunhão envolve compartilhar o que temos com os outros. Uma das coisas mais valiosas que podemos compartilhar é nós mesmos: nosso tempo, talentos e energias a serviço uns dos outros no corpo de Cristo. Dawson Trotman era mestre em comunhão espiritual, mas também sabia partilhar de si próprio servindo outras pessoas.

O maior modelo e mestre de serviço foi, é claro, o Senhor Jesus Cristo. Paulo disse a seu respeito que ele “[assumiu] a forma de servo” (Fp 2.7), e Jesus disse de si mesmo que o “Filho do homem [...] não veio para ser servido, mas para servir e para dar a vida em resgate de muitos” (Mt 20.28).

Embora a vida inteira de Jesus fosse uma vida de serviço, o exemplo mais notável de sua atitude de servo foi o ato de lavar os pés dos discípulos na noite em que foi traído, registrado para nós em João 13.1-17. Esse exemplo é digno de nota por causa tanto do ambiente em que aconteceu quanto da natureza banal do serviço por ele praticado.

Jesus sabia que era a noite em que seria traído e que já na manhã seguinte ele sofreria sobre uma cruz pelos pecados do mundo. Do nosso ponto de vista, ele tinha todos os motivos do mundo para se preocupar com os sofrimentos iminentes. Todavia, Jesus gastou tempo dando atenção a uma tarefa — lavar os pés dos convidados —, em geral relegada ao servo mais inferior da casa. Ele fez isso com total consciência da própria dignidade divina. João diz a seu respeito: “Sabendo que o Pai lhe entregara tudo nas mãos e que viera de Deus, e para Deus estava voltando, Jesus levantou-se da mesa, tirou o manto e, pegando uma toalha, colocou-a em volta da cintura [...] e começou a lavar os pés dos discípulos...” (Jo 13.3-5).

Não foi apesar de sua grandeza, mas *por causa* dela que Jesus serviu os discípulos aquela noite. Por meio de sua atitude em relação a servir, ele nos ensinou que a verdadeira grandeza no reino de Deus consiste não em ocupar uma posição ou ter autoridade, mas em servirmos uns aos outros. Se pretendemos dominar os princípios bíblicos da verdadeira comunidade bíblica, este é um em que precisamos ser mestres: a verdadeira grandeza no reino do céu envolve servir uns aos outros. Jesus disse: “... quem quiser tornar-se poderoso entre vós, seja esse o que vos sirva” (Mt 20.26).

Jesus sabia que o Pai pusera todas as coisas sob seu poder. Também reconhecia ser ele próprio o Deus soberano, criador e sustentador do universo. Sua encarnação e humilhação de modo algum alteraram o fato de

que era o eterno Deus Filho. E, em pleno conhecimento de quem ele era e da autoridade que lhe pertencia, Jesus levantou-se da mesa e começou a lavar os pés dos discípulos. Na sua cabeça, atos de serviço banais não eram incoerentes com autoridade e grandeza, mas, sim, parte integrante de ambas.

O conceito de grandeza de Jesus — e obviamente o conceito dele é o correto — opõe-se de tal modo à noção de valores do mundo que até nós, cristãos, temos dificuldade para compreendê-lo. Os discípulos até mesmo competiam entre si por nível hierárquico e posição, e não pelo privilégio de servir uns aos outros. A mãe de Tiago e João pediu a Jesus que os dois filhos pudessem se sentar à sua direita e à sua esquerda em seu reino. E na noite memorável da Última Ceia, os discípulos ainda estavam disputando entre si quem era o maior. O gesto deles pode parecer insolente para nós hoje, mas não somos muito diferentes. Talvez nossas atitudes sejam mais sutis e refinadas, mas com demasiada frequência lutamos por posição e reconhecimento, e não pelo privilégio de servirmos uns aos outros.

Observamos anteriormente neste livro que a competição não tem lugar na comunidade dos crentes; pelo contrário, devemos honrar uns aos outros mais que a nós mesmos. Servir uns aos outros dentro do corpo é um modo muito prático e concreto de honrar uns aos outros. Por servir, eu simplesmente me refiro a *fazer* boas ações uns para os outros. Jesus lavou os pés dos discípulos. Dawson Trotman limpou os sapatos de um pastor local. Paulo, tendo naufragado na ilha de Malta, juntou uma pilha de galhos para alimentar o fogo aceso por seus companheiros de viagem. Cada um desses atos foi incrivelmente simples e banal em si mesmo. Mas servir é isso dentro da comunhão de crentes: permanecer atento às pequenas coisas que precisam ser feitas e então executá-las.

CARACTERÍSTICAS DE UM SERVO

Um dos encantos do serviço é que ele não requer nenhum talento especial ou dons espirituais. Certamente, como vimos no capítulo 7, devemos usar nossos dons espirituais para servir uns aos outros. E se Deus nos tem concedido determinadas habilidades naturais, também queremos ser bons despenseiros dessas habilidades servindo as pessoas no corpo. Mas lavar pés,

limpar sapatos ou juntar lenha não exige nenhum dom espiritual ou talento; tudo o que se requer é uma atitude de servo.

Um mestre da Bíblia bastante conhecido certa vez falou a um grupo de homens em uma igreja na área de Washington, D.C. Depois da reunião, ele notou um homem que ficara para trás para recolher e empilhar as cadeiras. Conversando com ele, descobriu que aquele homem ocupado em empilhar as cadeiras era um atarefado senador dos Estados Unidos. Não era necessário o talento ou a habilidade de um senador para empilhar cadeiras, mas, sim, a atitude de servo.

Ninguém chega a um lugar, na sociedade como um todo ou no corpo de Cristo em particular, em que ele ou ela seja importante demais para servir os outros nas tarefas comuns da vida. Na verdade, uma das características principais do servo é que ele serve *para baixo* — ou seja, àqueles que pelos padrões do mundo estão abaixo dele em cargo ou situação social. É relativamente fácil servir quem está acima de nós — até o mundo espera isso —, mas Jesus serviu de cima para baixo. Além de sua divindade, no plano estritamente humano, ele era o líder daquele grupo de doze discípulos. Poderia ter pedido para um deles lavar os pés de todos, mas escolheu fazê-lo ele mesmo.

Jesus reconhecia que, no mundo, o menor serve o maior. Em determinado momento, ele disse: “Pois quem é maior? Quem está à mesa ou quem serve? Não é quem está à mesa? Eu, porém, estou entre vós como quem serve” (Lc 22.27). No entanto, embora possa ser verdade no mundo que o menor serve o maior, no corpo de Cristo há de ser diferente. De novo Jesus disse: “Pois eu vos dei exemplo [ao servir], para que façais também o mesmo” (Jo 13.15).

O rei Roboão, filho de Salomão, não aprendeu a lição de servir os que estavam em posição inferior. Pouco depois de ascender ao trono de Israel, ele foi procurado por algumas pessoas que lhe pediram que o jugo pesado dos impostos e do trabalho forçado fosse aliviado. Ao consultar os anciãos que tinham aconselhado seu pai, Roboão ouviu o seguinte: “... Se hoje te tornares servo deste povo, e o servires, e lhe responderes boas palavras, eles serão teus servos para sempre” (1Rs 12.7). Contudo, Roboão não ouviu; não escolheu servir para baixo. Por consequência, perdeu dez das doze tribos do reino e criou uma divisão irreparável no seio da nação do povo de Deus.

Certa vez me contaram a história do proprietário de uma grande e bem-sucedida concessionária de automóveis que aprendeu a servir para baixo: quando lhe perguntaram em uma entrevista de rádio sobre sua prioridade na administração da empresa, ele respondeu: “Servir meus empregados”. Que resposta surpreendente! Não me surpreenderia se ele tivesse respondido: “Servir meus clientes”. Quase todo o mundo diria isso. Afinal, é assim que se maximiza os lucros e, além disso, soa muito nobre, ou piedoso, caso aconteça de a pessoa ser cristã. Mas esse homem administra seu negócio para servir os empregados. Acredita que a prioridade é proporcionar para os empregados um lugar decente e justo para trabalhar e de onde tirar o sustento. Aprendeu a servir para baixo.

Quando estudo o tema do serviço na Bíblia, impressiono-me com o número de exemplos em que o servo estava em posição, do ponto de vista do mundo, superior àqueles a quem servia. Paulo, por exemplo, disse: “Vós mesmos sabeis que estas mãos supriram as minhas necessidades *e as de meus companheiros*” (At 20.34). Seria de esperar que os companheiros de Paulo, por acaso aqueles a quem ele estava treinando no ministério, cuidassem das necessidades dele. Mas Paulo era um servo. Ele supria as necessidades dos amigos.

Servir os outros realmente não requer nenhum talento ou habilidade especial. Mas é necessária uma atitude de servo para desejar servi-los, bem como olhos e mente observadores para enxergar o que precisa ser feito. Se tivermos uma atitude de servo, poderemos desenvolver olhos vigilantes. A razão pela qual a maioria de nós não vê oportunidades para servir é que estamos o tempo todo pensando em nós mesmos, e não nos outros. Não aprendemos que devemos buscar não só nossos próprios interesses, mas também os interesses dos outros.

É claro, Deus precisa nos dar uma atitude de servos. Não temos como mudar nosso próprio coração. Mas podemos permitir que Deus nos transforme por meio do estudo da Bíblia, da oração e da obediência. Precisamos encher a mente com textos das Escrituras que ensinam a servir, muitos deles citados neste capítulo. Também devemos orar fervorosamente para que Deus nos dê um coração de servo. E então temos de obedecer, respondendo a toda oportunidade de servir que ele coloque a nossa frente. Se quisermos que Deus nos dê um coração de servo, não podemos ser

seletivos e escolher as ocasiões que nos convêm para servir as pessoas. Ele nos transforma apenas ao demonstrarmos obediência constante.

Por mais importante que seja servir para baixo, no entanto, não devemos pensar em tais atos de submissão como as únicas oportunidades para servirmos uns aos outros. A maioria de nós, mesmo dentro do corpo de Cristo, se encontra sob a autoridade ou a supervisão de outra pessoa. O professor da escola dominical se reporta ao superintendente, o missionário, a seu diretor de campo, e o integrante do coral está debaixo da autoridade do regente do coro, ao menos por um tempo limitado. Algumas dessas situações são voluntárias, ao passo que outras, como no caso do missionário, são atribuições vocacionais. Em ambos os casos, no entanto, o denominador comum é cumprir as instruções ou orientações de alguém acima de nós.

Quando servimos quem Deus colocou como nosso superior no corpo de Cristo, o traço de caráter mais importante é o da fidelidade ou confiabilidade. A pessoa acima de nós pode contar conosco para realizar o trabalho que nos foi confiado? Ou será que, por uma falta de compromisso com a tarefa, deixamos de cumprir nossa responsabilidade? Poucas coisas são mais angustiantes para alguém em posição de responsabilidade pelo trabalho de outros do que não poder contar com essas pessoas para fazerem seu trabalho. Como Salomão observou de um modo pitoresco: “Como dente quebrado e pé deslocado, assim é confiar no homem desleal no dia da angústia” (Pv 25.19). Minha observação após anos servindo em uma organização cristã, bem como em uma igreja local, é que a falta de compromisso sério com a fidelidade em tarefas designadas ou acordadas é um problema sério entre cristãos. Por algum motivo, sentimos que, se estamos servindo como voluntários, o compromisso com a fidelidade não é importante. Mas quem requer que sejamos fiéis é Deus.

Escrevendo sob a inspiração do Espírito de Deus, Paulo disse: “... o que se requer de pessoas assim encarregadas é que sejam encontradas fiéis” (1Co 4.2). E Jesus perguntou: “E se não fostes fiéis com o que é alheio [bens ou responsabilidades], quem vos dará o que é vosso?” (Lc 16.12). Se nossas responsabilidades para servir nos têm sido dadas diretamente por Deus ou por meio de alguém acima de nós na igreja ou organização cristã de que participamos, não importa. Em ambos os casos, Deus exige que sejamos fiéis no desempenho das nossas responsabilidades designadas ou aceitas.

DESAFIOS DE UM SERVO

Não é fácil ser servo dos outros no corpo de Cristo, independentemente de estarmos servindo para cima ou para baixo, ou se servimos apenas um amigo ou o próximo. Como alguém certa vez observou, o verdadeiro teste para ver se somos servos é que não nos importemos de sermos tratados como tal.

Em Lucas 17.7-10, Jesus descreveu os desafios enfrentados por quem se coloca na posição de servo:

Quem de vós, se tiver um servo que esteja lavrando a terra ou cuidando do gado, lhe dirá, quando ele voltar do campo: Vem agora e senta-te à mesa? Por acaso não lhe dirá, pelo contrário: Prepara-me a refeição, arruma-te e serve-me, até que eu tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás? Por acaso agradecerá ao servo, porque este fez o que lhe foi ordenado? Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis; fizemos somente o que devíamos fazer.

Essa atitude em relação a um servo pode soar insensível e talvez até cruel para nós hoje, mas, ao que tudo indica, era típica na época de Jesus. Para nosso pesar, um pouco dessa atitude existe dentro do corpo de Cristo atualmente — não de forma deliberada, talvez, mas, ainda assim, tão real e desafiadora para aqueles que seriam servos.

Observe a *falta de consideração* do senhor nos versículos 7,8. O servo trabalhou o dia todo e é evidente que está cansado e faminto. Contudo, antes que possa repousar e comer, deve preparar e servir a refeição do senhor. A falta de consideração para com quem serve é evidente demais dentro do corpo. Muitos cristãos são egocêntricos. São descuidados e impacientes. Fazem exigências e criam trabalho extra para os outros. Não limpam a própria sujeira quando dão uma festa para a classe no salão social da igreja. Deixam de planejar com antecedência e depois precisam que as coisas sejam feitas “pra ontem”.

Mães, mesmo em lares cristãos, são as típicas vítimas da falta de consideração alheia. O uniforme de ginástica, abandonado no quarto há três dias, de repente precisa ser lavado de imediato. Papai está atrasado para o jantar e não telefona. Brinquedos, jogos e várias peças de roupa estão espalhadas pela casa para a mamãe recolher. Não interessa como as coisas

deveriam ser; assim é com exagerada frequência. A mamãe é uma serva e os demais membros da família costumam não ter a menor consideração.

Temos a tendência de nos ressentir dos atos alheios sem consideração, mas, se quisermos ser servos de verdade, precisamos aprender a ser pacientes com as pessoas. Sem levar em conta o que um filho ou marido ou a classe de escola dominical precisa aprender sobre ter consideração, se quisermos ser servos dentro do corpo, devemos aprender a aceitar a falta de consideração alheia.

Observe então a *ingratidão* do senhor descrito por Jesus. “Por acaso agradecerá ao servo porque este fez o que lhe foi ordenado?”, ele perguntou (v. 9). Suponha que o uniforme de ginástica seja lavado a tempo e o jantar permaneça aquecido esperando a chegada do papai. Todas as diversas peças de roupa espalhadas pelo chão da casa são recolhidas e colocadas no devido lugar. A mamãe recebe um muito obrigado? Não costuma ser assim. Afinal de contas, é o que se espera que as mães façam.

E quanto à professora da escola dominical que aparece com uma lição bem preparada domingo após domingo? Alguém alguma vez se lembra de agradecer a ela pelo serviço fiel? Ou considere a pessoa que trabalha muitas horas nos bastidores cuidando dos detalhes administrativos e logísticos de um retiro ou conferência de fim de semana. Com que frequência o trabalho dessa pessoa é reconhecido da maneira adequada? Sim, se vamos aceitar o desafio de ser servos, precisamos estar preparados para aceitar a ingratidão, para aceitar sermos vistos como quem não faz mais que a obrigação por membros desatenciosos do corpo.

Mas Jesus não para em nossa aceitação da falta de consideração e da ingratidão. Ele ressalta ainda mais o papel do servo. Quando terminamos nosso trabalho como servos e depois de termos suportado a falta de consideração e a ingratidão, não haveremos de parabenizar a nós mesmos pelo ato heroico; em vez disso, devemos dizer com humildade: “Somos servos inúteis; fizemos somente o que devíamos fazer”.

Se aspiramos a ser servos, temos de aceitar o papel de servos. Essa é a mais difícil de todas as exigências que pesam sobre o serviço. Devemos aceitar o fato de que Deus, ao nos chamar para sermos servos, quer que aceitemos a falta de consideração e a ingratidão como partes da nossa vida. Depois de termos suportado a falta de consideração e não termos feito caso

da ingratidão, devemos simplesmente dizer: “Só fiz o meu dever; só fiz o que Deus me chamou para fazer”.

É óbvio que pintei um quadro um tanto sombrio do corpo de Cristo no tratamento que ele confere aos servos. Felizmente, consideração e gratidão são demonstradas na maior parte do tempo. O fato é que todos mudamos o tempo todo de papel, de servir para ser servido. Quando somos servidos, precisamos ser sensíveis nas exigências que fazemos e cuidadosos ao expressar gratidão quando alguém nos serve. Ao servirmos, no entanto, temos de aceitar nosso papel e servir ao Senhor, sejam demonstradas ou não consideração e gratidão.

A RECOMPENSA DO SERVIÇO

Para mim, Lucas 12.37 um dos versículos mais curiosos de toda a Bíblia. Nessa passagem, Jesus exclama: “Bem-aventurados aqueles servos que o senhor, quando chegar, achar alertas! Em verdade vos digo que se preparará e os fará assentar-se à mesa e, aproximando-se, os servirá”.

O contexto do versículo é a volta do Filho de Deus para junto dos seus (veja v. 40). Jesus parece nos dizer que, de algum modo, ele servirá os servos fiéis quando vier. Como disse William Hendriksen, comentarista do Novo Testamento: “O que está sendo prometido aqui, portanto, é que nosso Senhor, na sua segunda vinda, consoante sua glória e majestade, ‘servirá’ os seus servos fiéis!”.¹

É óbvio, portanto, que o espírito de servo de Jesus não existiu apenas durante seu período como servo sofredor na Terra. Em sua segunda vinda, ele nos servirá. Aquele que é infinitamente maior que todos servirá os menores. Servir faz parte do caráter eterno de Deus. A recompensa de servir é ser como nosso Mestre por toda a eternidade.

PARA DEBATE EM GRUPO

1. Em Lucas 22.27, Jesus pergunta: “Pois quem é maior? Quem está à mesa ou quem serve? Não é quem está à mesa? Eu, porém, estou entre vós como quem serve”. De acordo com esta passagem, qual a atitude

usual do mundo para com o serviço? O que caracteriza a atitude de Jesus?

2. Lemos no texto: “Uma das características principais do servo é que ele serve *para baixo* — ou seja, àqueles que pelos padrões do mundo estão abaixo dele em cargo ou situação social”. Como você serve — ou poderia servir — dessa maneira?
3. Reflita sobre o seguinte: “Não foi apesar de sua grandeza, mas *por causa* dela que Jesus serviu os discípulos aquela noite”. Quanto tempo o caráter de Deus de servo durará? Cristo voltará com uma atitude diferente na segunda vinda?

¹ William Hendriksen, *Exposition of the Gospel according to Luke* (Grand Rapids: Baker, 1978), p. 677 [edição em português: *Lucas*, 2. ed., Comentário do Novo Testamento (São Paulo: Cultura Cristã, 2014), vols. 1 e 2].



A COMUNHÃO SOCIAL

Estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo.

Apocalipse 3.20

Vários anos atrás, um dos presbíteros de nossa igreja disse certa noite: “Precisamos nos reunir como igreja só para nos divertirmos”.

Tinha razão. Concordei sinceramente com ele. Nossa congregação passara por alguns momentos difíceis e estressantes. É muito fácil, em tempos complicados, começar a achar a vida cristã um tanto pesada e sombria. Precisávamos de uma oportunidade para desfrutar de um tempo juntos e nos divertirmos um pouco.

Em diversas ocasiões ao longo deste livro, declarei que a comunhão do Novo Testamento é muito mais do que mera atividade social cristã. Alguém poderia ficar com a impressão de que sou contra essas atividades e que acredito que divertir-se ou participar de eventos sociais em um contexto cristão não seja suficientemente espiritual. Não é o caso. A comunhão com certeza inclui atividade social, mas a tônica deste livro é que ela inclui muito mais.

Na época em que o Novo Testamento foi escrito, a palavra *koinōnia* era às vezes usada para descrever a interação social corriqueira entre pessoas. Os

escritores do Novo Testamento tomaram a palavra, como fizeram com outros termos gregos, e lhe deram uma dimensão espiritual importante. O objetivo deste livro tem sido explorar as várias facetas dessa dimensão espiritual e, por meio dessa ampliação de sentido, ajudar-nos a praticar a comunhão do mesmo modo rico e abrangente que acontecia na igreja do primeiro século. Às vezes é necessário lidar com algumas concepções erradas antes de podermos chegar à verdade real. Nesse contexto, você há de compreender minhas referências frequentes ao fato de que a comunhão é mais do que atividade social.

Deus de fato criou homens e mulheres para serem criaturas sociais, para desfrutarem de relacionamentos com família e amigos. Todos reconhecemos no eremita uma exceção rara. Compadecemos-nos do solitário, seja no trabalho, seja na igreja ou na escola. Deus nos criou para aproveitarmos a vida, para nos entregarmos à recreação, para nos divertirmos muito. O velho adágio “Só trabalho, sem lazer, faz de Jack um chato” é um truísmo consagrado. Precisamos de descanso, de diversão e dos aspectos puramente sociais da comunhão cristã.

O problema tem sido que os cristãos costumam nunca ir além da dimensão social da comunhão. Assim, precisamos equilibrar a ênfase na igreja como comunidade cuidadora, como uma parceria no evangelho e como um corpo de crentes que edificam uns aos outros espiritualmente e compartilham uns com os outros de seus bens materiais.

A igreja que se formou no dia do Pentecostes demonstrou uma abordagem equilibrada da comunhão. O povo se dedicou não só ao ensino dos apóstolos, à oração e à comunhão, mas também ao partir do pão (veja At 2.42). Não fica claro pelo texto se o partir do pão incluía a observância da ceia do Senhor, mas está claro que incluía o compartilhamento de refeições sociais. Atos 2.46,47 declara: “... e partindo o pão em casa, comiam com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e contando com o favor de todo o povo...”. Os cristãos do primeiro século desfrutavam juntos de atividades sociais, mas faziam isso no contexto muito mais amplo da comunhão integral neotestamentária.

O próprio Senhor Jesus é o exemplo divino de participação em atividades sociais cristãs. Os quatro evangelhos registram diversas ocasiões em que ele comeu na casa de alguém e seu comparecimento em festas e casamentos. Ele realizou seu primeiro milagre em uma celebração de

casamento em Caná. Uma de suas parábolas mais comoventes, a que trata da volta do filho pródigo, alcança seu clímax com o pai exclamando alegremente: “... Vamos fazer uma festa e alegrar-nos” (Lc 15.23, NVI). Jesus disse de si próprio que o Filho do Homem veio comendo e bebendo e que, por causa desse envolvimento, foi chamado de glutão e bebedor (veja Lc 7.34). Embora a acusação fosse evidentemente falsa, indica sua reputação como alguém que se divertia bastante nas ocasiões sociais. Por sua participação frequente e entusiástica, ele carimbou para sempre a aprovação divina sobre a atividade social cristã. E também demonstrou como ela deveria ser.

Como todas as outras atividades da vida cristã, a interação social deveria ter como objetivo maior a glória de Deus. “Portanto, seja comendo, seja bebendo, seja fazendo qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus” (1Co 10.31). Ter em mente esse objetivo nos ajudará a planejar nossas atividades sociais de modo que elas contribuam para o conceito global de comunhão do Novo Testamento.

Em muitas de nossas atividades sociais cristãs, é apropriado e benéfico voltarmos os pensamentos para os valores espirituais. Seja qual for a forma que essa dimensão espiritual possa tomar, de testemunhos e compartilhamentos informais ou de uma “devocional” planejada de antemão, deveria haver alguma correlação natural e óbvia entre os aspectos social e espiritual do evento. Por exemplo, uma festa de Natal do ministério em universidades poderia ter um tema espiritual relacionado com a primeira vinda de Cristo, em que mentes e corações dos presentes seriam direcionados para a adoração e a ação de graças a Deus pelo dom indescritível do seu Filho. Um piquenique da escola dominical no num feriado nacional poderia encerrar com um tempo de ajuntamento para agradecer a Deus a liberdade que ele nos tem concedido tão graciosamente como nação e pela liberdade espiritual de que desfrutamos em Cristo.

Jesus sempre pareceu usar ocasiões sociais para evangelizar, curar ou ensinar princípios da vida cristã. Fazia essas coisas de modo tal que elas nunca pareciam artificiais ou fora de contexto. Para ele, eram sempre uma reação espontânea à circunstância em questão.

Embora possamos não ter o discernimento divino de Jesus para agir com espontaneidade sem um planejamento, podemos buscar combinar organicamente a dimensão espiritual a nossas atividades sociais, de modo

que não seja apenas um acréscimo artificial. Deve haver alguma noção de inter-relação natural e dinâmica entre as dimensões social e espiritual das nossas atividades.

Assim, as atividades sociais cristãs deveriam sempre ter uma devocional ou outra dimensão espiritual evidente? A resposta é não. Tudo depende da atividade, bem como do objetivo imediato que ela tem. Embora devamos glorificar a Deus em tudo o que fazemos, a *maneira* pela qual glorificamos a Deus difere conforme a atividade. Pense em um jogo de vôlei em uma manhã de sábado, patrocinado por um grupo cristão que ministra no campus da universidade estadual. Qual o objetivo? Talvez seja uma ferramenta de evangelismo, por meio da qual estudantes cristãos possam se relacionar com não cristãos em uma atmosfera segura e propícia para a edificação de uma amizade entre si. Como o objetivo é desenvolver amizades com não cristãos, provavelmente “fazer uma devocional” não seja a coisa mais sábia.

E o tempo de comunhão regado a “café com bolachas” semanal ou mensal, nos fundos da igreja ou no salão social? Estou convicto de que esse não é um tempo de bate-papo sobre amenidades como esportes, receitas e as condições meteorológicas. Esse é o momento para aprofundar amizades e talvez de preparar o caminho para o tipo de comunhão espiritual tratada no capítulo 5. Certa vez me aproximei de um membro da igreja em uma confraternização e perguntei como as coisas estavam indo para ele no emprego. No meio da conversa, perguntei:

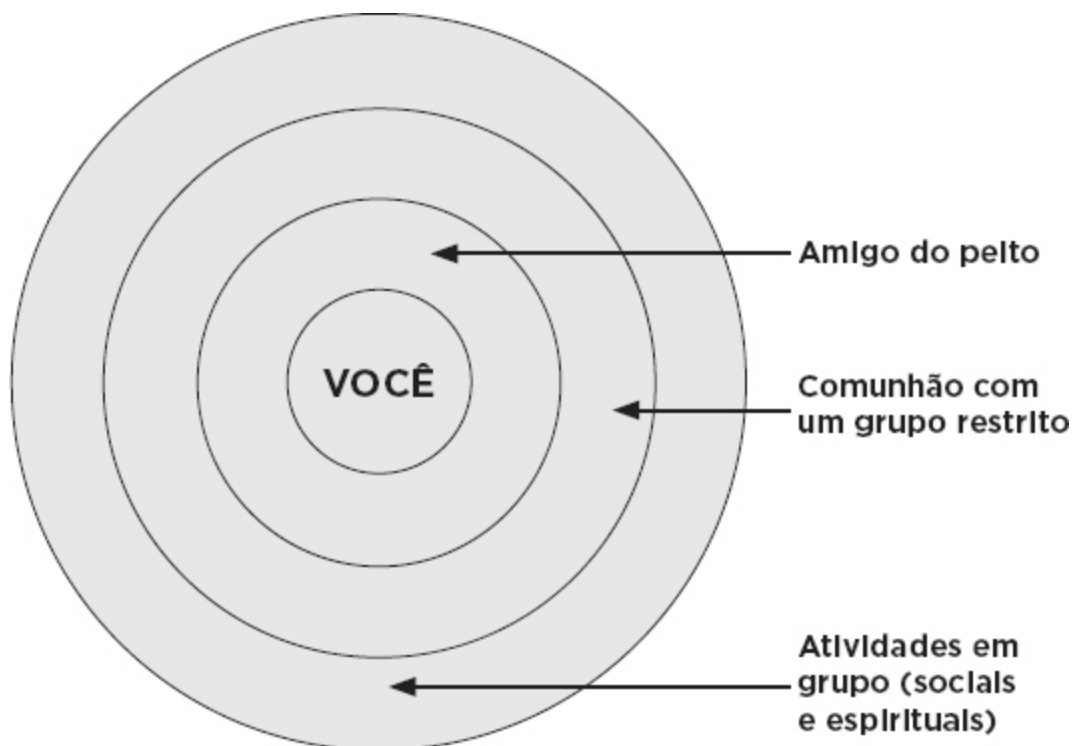
— O que o Senhor lhe tem ensinado ultimamente?

Ele olhou para mim um tanto surpreso e comentou:

— Ninguém nunca me perguntou isso antes.

Ele ficou genuinamente comovido por alguém se interessar por sua vida espiritual. Estava ali uma oportunidade de ir além do social, de entrar em uma dimensão espiritual de comunhão.

A oportunidade de conhecer melhor os visitantes é outro excelente uso desses tempos de comunhão e cafezinho. Há anos nossa comunidade é conhecida como uma igreja amistosa. O tempo de comunhão em torno do cafezinho oferece um meio simples, mas eficaz, de expressar a cordialidade da nossa congregação em uma atmosfera calorosa e agradável.



A dimensão social da comunhão oferece um ingresso para a dimensão espiritual. Podemos pensar em vários níveis de comunhão representados por uma série de círculos concêntricos. O centro dessa série de círculos simboliza seu eu verdadeiro, você como de fato é. O próximo círculo exterior representa seu “amigo do peito”, aquela pessoa com quem você é tão íntimo pessoal e espiritualmente que é capaz de compartilhar tudo com ela. O próximo círculo representa aqueles poucos crentes com quem você tem uma comunhão razoavelmente profunda ou uma comunhão espiritual. O próximo nível representa os cristãos do grupo de discipulado da igreja ou na universidade com quem você tem um relacionamento. Esse relacionamento é uma mistura de atividades sociais e espirituais. É esse último círculo o assunto deste capítulo.

A lição a aprender da ilustração é que, ao desenvolver verdadeira comunhão espiritual, sempre deveríamos começar do círculo mais exterior e ir trabalhando para o interior.

Não podemos desenvolver uma intimidade espiritual com outro crente até que tenhamos primeiro tido companheirismo ou comunhão espiritual com ele. E não podemos desenvolver uma comunhão até termos primeiro desenvolvido um relacionamento social. A dimensão social, então, sempre

fornece o contexto mais amplo em que a comunhão espiritual e a intimidade de indivíduo para indivíduo são desenvolvidas.

Considere o exemplo que citei em que perguntei ao colega cristão na igreja: “O que o Senhor lhe tem ensinado ultimamente?”. Uma pergunta como essa seria muito pretenciosa e talvez até ofensiva se não tivesse havido um período de tempo significativo, durante o qual primeiro desenvolvemos um relacionamento social. Minha pergunta foi uma tentativa de testar as águas para ver se, com o tempo, eu conquistaria o direito de passar para o próximo círculo da comunhão espiritual.

Não estou sugerindo que, ao conviver com muitos crentes nesse círculo exterior de comunhão em grupo e atividade social, você deva buscar passar para o próximo círculo interior com todo cristão que encontrar. Ninguém tem capacidade para um número infinito de relacionamentos espirituais profundos. O que estou dizendo é que com aquelas poucas pessoas com quem você de fato desenvolve certo nível de comunhão espiritual, você deve começar no círculo mais exterior e ir adquirindo o direito, naquele nível de comunhão, de avançar para o próximo nível.

Dessa forma, o aspecto social da comunhão é importante. Ele de fato precisa ser equilibrado com a dimensão espiritual e, acima de tudo, ser visto como apenas uma parte da prática geral da comunhão conforme ensinada na Bíblia. Mas é de fato uma parte legítima e importante da vida cristã completa.

Embora não possa provar com as Escrituras, acredito que algumas pessoas tenham um dom espiritual que se expressa na área da comunhão social cristã. Talvez seja um aspecto particular do dom de serviço ou de hospitalidade. De qualquer forma, essas pessoas são aquelas que coordenam os jantares da igreja ou o piquenique anual da escola dominical, ou encabeçam o período de recreação no retiro de fim de semana. Elas têm uma aptidão concedida por Deus (um dom?) para administrar essas atividades e assim intensificar a dimensão espiritual da nossa igreja ou dos ministérios de discipulado em universidades. As atividades que desenvolvem, quando realizadas para glorificar a Deus, são importantes para o Senhor e deveriam ser importantes para nós.

Quando Jesus se dirigiu à igreja em Laodiceia, convidou-a para manter comunhão com ele. Na passagem bastante conhecida de Apocalipse 3.20, ele disse: “Estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta,

entrarei em sua casa e cearei com ele e ele comigo”. Na cultura da época, compartilhar uma refeição era ter comunhão. É bastante óbvio que Jesus considerava que essas ocasiões envolviam mais do que um mero relacionamento social casual ou um tempo de degustação de comida e de conversas agradáveis; ele as via como uma oportunidade para avançar em direção aos círculos interiores da comunhão espiritual mais profunda. Todavia, ao usar simbolicamente uma ocasião social como essa para chamar os crentes apóstatas de Laodiceia ao arrependimento e à restauração da comunhão, ele estabeleceu a legitimidade e o valor da comunhão social no reino de Deus.

UMA PALAVRA FINAL

Nesse estudo a respeito de comunhão e comunidade verdadeira, cobrimos uma ampla gama de tópicos. Examinamos a koinonia como a expressão viva do nosso relacionamento objetivo com Deus e com todos os outros crentes. Vimos que a comunhão é participar de uma comunidade solidária e de uma cooperação no evangelho, compartilhando uns com os outros espiritualmente e cuidando uns dos outros materialmente. Sofrer juntos, servir um ao outro e usar nossos dons espirituais em benefício de todo o corpo são expressões conscientes da verdadeira comunhão bíblica e, portanto, da verdadeira comunidade. Com tamanha diversidade de tópicos, como podemos amarrá-los todos juntos? Existe um elemento comum, uma ideia única que nos permitirá começar a aplicar tudo o que aprendemos intelectualmente sobre a koinonia?

Sim, existe. O alicerce da comunhão experiencial diária entre crentes se encontra na declaração de Paulo de que “em Cristo [...] cada membro pertence a todos os outros” (Rm 12.5, NIV). Pertença a você e você a mim, e cada um de nós pertence a todos os outros crentes do mundo e detém sua “propriedade”. Esse pertencimento mútuo uns dos outros é o fio que amarra todos os elementos da comunhão de aparência tão diversa. Ao reconhecermos e aplicarmos o fato de que pertencemos uns aos outros, amaremos e cuidaremos genuinamente uns dos outros. Procuraremos edificar uns aos outros por meio do compartilhamento espiritual e satisfaremos as necessidades materiais uns dos outros. Vamos nos divertir

uns com os outros em tempos de comunhão social e sofreremos uns com os outros em tempos de provação. Todas essas muitas facetas da comunhão estão enraizadas no conceito de que pertencemos uns aos outros.

Portanto, não vejamos todos esses elementos gloriosos da koinonia do Novo Testamento como uma simples lista um tanto longa de deveres cristãos em precário equilíbrio com todas as demais pressões da vida. Em vez disso, concentremo-nos na natureza objetiva da koinonia, nesse pertencimento mútuo em Cristo. Então veremos as outras expressões de comunhão bíblica se ajustarem com mais naturalidade em nossa vida. Não parecerão ser deveres diversos, sem relação uns com os outros, mas apenas reações apropriadas da verdadeira koinonia a cada situação e relacionamento que encontramos. Começaremos então a experimentar a alegria da comunhão verdadeira e a entender por que os primeiros crentes do Novo Testamento “perseveravam [...] na comunhão” (At 2.42).

PARA DEBATE EM GRUPO

1. A atividade social cristã sempre precisa ter um propósito abertamente espiritual? Ao mesmo tempo, pode o tempo de “café com bolachas” no salão social da igreja afastar-se dos esportes, das receitas e das condições meteorológicas para um debate espiritual mais profundo?
2. Você tem alguém a quem possa chamar de “amigo do peito”, alguém com quem é capaz de compartilhar sua vida em profundidade? Se não, há alguém por quem poderia orar para que se aproximasse mais?
3. Qual o ponto comum que amarra todos os diversos elementos da comunhão? Como isso ajuda a criar a comunidade verdadeira?

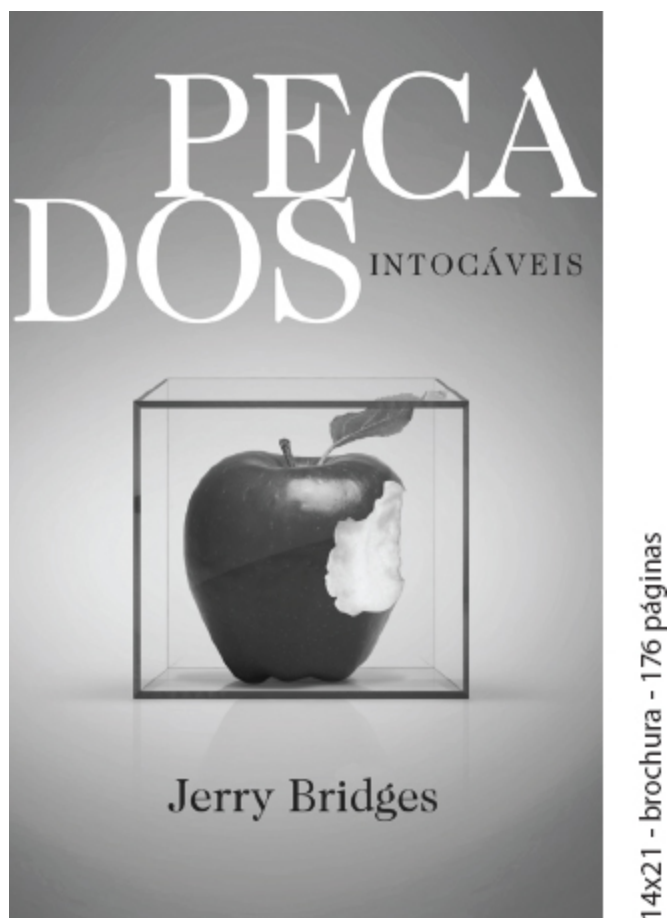
Conheça outras obras do autor



COMO RESPONDER COM UMA ATITUDE DE FÉ ÀS PEQUENAS DECEPÇÕES E ÀS GRANDES TRAGÉDIAS DA VIDA?

Todos os dias podemos enfrentar problemas, provações, tragédias: uma catástrofe natural do outro lado do mundo, um trágico acidente envolvendo um amado membro da família, ataques terroristas, tempestades que deixam milhares de desabrigados e até mesmo relacionamentos desfeitos. Ao deparar com esses acontecimentos, todos buscamos as mesmas respostas: “Por quê? Onde está Deus em tudo isso? Deus está realmente no controle?”.

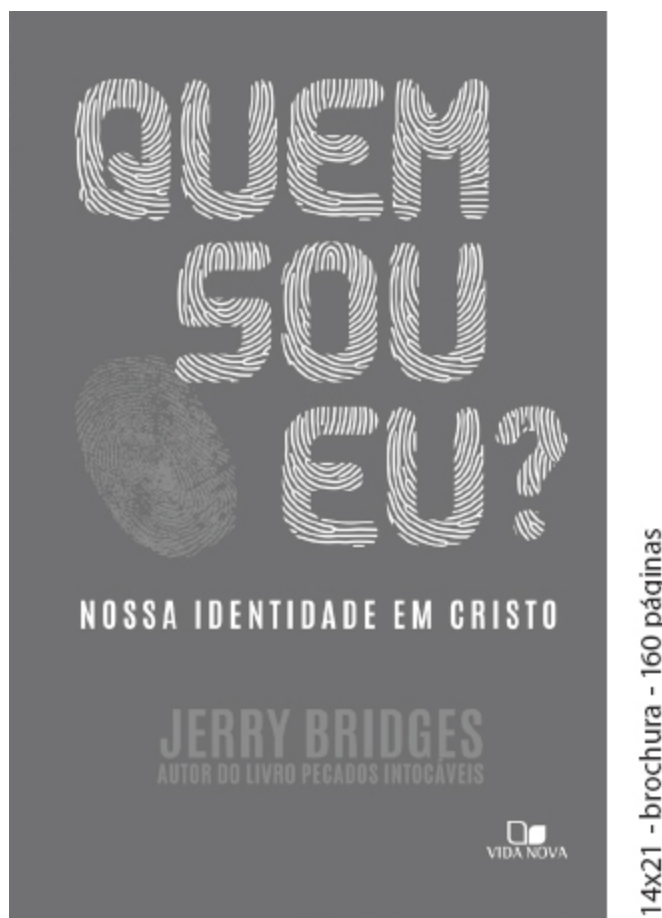
Jerry Bridges, um dos principais autores cristãos do nosso tempo, ajuda seus leitores a refletir sobre essas questões à luz das Escrituras. Desse modo, você pode aprender a entender e a confiar na sabedoria, no amor e na soberania de Deus no meio de pequenas decepções e de grandes tragédias.



POR QUE TOLERAMOS CERTOS PECADOS?

Será que os cristãos vivem tão preocupados com os pecados considerados mais graves pela sociedade que se tornaram indiferentes à necessidade de tratar dos pecados mais sutis que todos cometemos?

Nessa obra, Jerry Bridges aborda essa questão e escreve novamente sobre seu tema favorito — a santidade. Ele trata de um grupo específico de pecados em geral considerados "aceitáveis" ou "intocáveis", pecados que toleramos em nossa vida, tais como ciúme, raiva, orgulho, ingratidão e mania de criticar o próximo.



Jerry Bridges faz a pergunta mais fundamental e importante da existência humana: “Quem sou eu?”. Em seguida, busca na Palavra de Deus 8 respostas claras, inter-relacionadas e altamente iluminadoras:

- sou uma criatura;
- estou em Cristo;
- sou justificado;
- sou adotado por Deus;
- sou nova criação;
- sou santo;
- sou servo de Jesus Cristo;
- ainda não sou perfeito.

Uma apresentação honesta e sem rodeios da verdade bíblica, *Nossa identidade em Cristo* demonstra para o crente que ele pode e deve, com todo o direito, lançar mão de um fundamento pessoal, inabalável e vitalício e confiar em somente uma verdade: o evangelho do nosso Salvador ressurreto e vitorioso.

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Sumário

Prefácio

1. Compartilhando a vida
2. União com Deus
3. A comunhão com Deus
4. Comunhão e comunidade
5. A comunhão espiritual
6. Cooperação no evangelho
7. Dons espirituais dentro da comunidade
8. Compartilhando seus bens
9. Sustentando seu ministério local
10. A comunhão do sofrimento
11. A comunhão do servir
12. A comunhão social